



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA – UFSB
CAMPUS PAULO FREIRE
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS – PPGER**

Petrina Moreira Nunes

EMPODERE-SE
INTERDISCURSOS EM ENTREVISTAS COM MULHERES NEGRAS
DE TEIXEIRA DE FREITAS

Teixeira de Freitas

2019

Petrina Moreira Nunes

EMPODERE-SE:
INTERDISCURSOS EM ENTREVISTAS COM MULHERES NEGRAS
DE TEIXEIRA DE FREITAS

Memorial da pesquisa-intervenção apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais no Programa de Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), *campus* Paulo Freire.

Professor Orientador Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana

Teixeira de Freitas

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia
Sistema de Bibliotecas

N972e Nunes, Petrina Moreira -
Empodere-se: interdiscursos em entrevistas com mulheres negras de
Teixeira de Freitas / Petrina Moreira Nunes. Teixeira de Freitas, 2020 -
117 f.

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e
Relações Étnico-Raciais (Mestrado) - Universidade Federal do Sul da
Bahia, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana.

1. Negras. 2. Poder negro. 3. Análise crítica do discurso. I. Título.
II. Santana, Gean Paulo Gonçalves.

CDD – 305.896081

Bibliotecária: Amanda Luiza de S. Mattioli Aquino - CRB 5/1956

Petrina Moreira Nunes

Memorial de pesquisa-intervenção, intitulado EMPODERE-SE: INTERDISCURSOS EM ENTREVISTAS COM MULHERES NEGRAS DE TEIXEIRA DE FREITAS, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais no Programa de Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), *campus* Paulo Freire. Aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana (Orientador)

Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof.^a Dr.^a Fabiana Carneiro da Silva

UFSB – (Membro interno)

Prof. Dr. Décio Bessa da Costa

UNEB – (Membro externo)

Memorial defendido e aprovado em ____/____/____

Dedicatória

*Às mulheres inspiradoras
que fizeram parte desta pesquisa.*

Agradecimentos

A Deus.

À minha mãe, incentivadora e participante desta pesquisa, Maria. E todos da minha família.

Ao meu orientador, Gean Paulo, pela compreensão e carinho com que recebeu meu projeto.

À professora Milena, pelo período de orientação enriquecedor para esta pesquisa.

Às professoras e aos professores do PPGER que fizeram parte do meu mestrado, a saber: professor Gilson, professor Francisco (nosso amado Chico), professora Maria Aparecida e professora Eliana. E, à secretária do PPGER, professora Ivonete. Todos os funcionários e funcionárias do campus Paulo Freire.

Às participantes da pesquisa, mulheres que me inspiram: Pandora, Mirla e Erlita.

Aos meus colegas de mestrado no PPGER-UFSB por essa experiência tão complexa em pertencermos a uma turma piloto.

Aos colegas do mestrado do PPGEL-UFES pelo compartilhamento de saberes e por todo auxílio durante o mestrado.

Ao professor Luís Fernando, da UFES, por compreender minha vida acadêmica dupla, ter apresentando o universo maravilhoso da Análise do Discurso Pecheuxtiana e pela amizade.

Às participantes de minhas bancas de qualificação, professora Cristhiane Ferreguett e professora Fabiana Carneiro, pelas palavras afetuosas e incentivadoras.

A quem, de fato, me disse que eu conseguiria, um dia, concluir um mestrado: professor Décio Bessa, meu orientador em minhas duas I.C.s, em meu TCC da graduação e em minha especialização. Grata por todos os diálogos sadios, produtivos e afetuosos durante nossos cinco anos de pesquisa. Grata por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditei.

A todos que, por algum motivo, estão lendo este memorial,

Gratidão.

Resumo

Este memorial tem por objetivo dar visibilidade às relações interdiscursivas presentes em quatro entrevistas com mulheres negras da cidade Teixeira de Freitas, Extremo Sul da Bahia, por meio de uma análise crítica do discurso. A metodologia incluiu a intervenção do projeto em uma oficina de trancheiras e a construção do *blog Empodere-se*, que também é o produto final deste trabalho. As entrevistas basearam na concepção de Bauer e Gaskell (2002) e Flick (2009) sobre pesquisa qualitativa. O processo de investigação discursiva, teórico-metodológico, aporta-se na Análise de Discurso Crítica (ADC), na abordagem dialético-relacional de Norman Fairclough (2001), bem como nas propostas de trabalho com texto como material de pesquisa de Vieira e Resende (2016); o diálogo com o feminismo negro utilizou-se das autoras Carneiro (2014) e Hooks (2018) para se pensar empoderamento; as análises trazem aproximações com trabalhos decoloniais de analistas discursivos, como o sociocognitivista van Dijk (2008). Este estudo intencionou ser transdisciplinar entre a linguagem e discurso com uma abordagem social, educacional e política, ao investigar as formas de racismo e seus enfrentamentos, a partir das lutas pessoais e coletivas no processo de empoderamento de mulheres negras.

Palavras-chave: Mulheres negras; empoderamento; Análise de Discurso Crítica.

Resumen

Este memorial tiene el objetivo de dar visibilidad a las relaciones interdiscursivas presentes en cuatro entrevistas con mujeres negras de la ciudad Teixeira de Freitas, extremo sur de Bahia, por medio de un análisis crítico del discurso. La metodología incluye la intervención del proyecto en un taller de trenceras y la construcción de un blog *Empodere-se*, que es también el producto final de este trabajo. Las entrevistas se basaron en la concepción de Bauer y Gaskell (2002) y Flick (2009) sobre investigación cualitativa. El proceso de investigación discursiva, teórico-metodológico, se aporta en el Análisis del Discurso Crítico (ADC), en el abordaje dialéctico-relacional de Norman Fairclough (2001), así como en las propuestas de trabajo con texto como material de investigación de Vieira y Resende (2016); el diálogo con el feminismo negro se utilizó de las autoras Carneiro (2014) y Hooks (2018) para pensar el empoderamiento; los análisis traen aproximaciones con trabajos decoloniales de analistas discursivos, como el sociocognitivista Van Dijk (2008). Este estudio tiene la intención de ser transdisciplinar entre el lenguaje y el discurso con un abordaje social, educacional y político, al investigar formas de racismo y sus enfrentamientos, a partir de las luchas personales y colectivas en el proceso de empoderamiento de mujeres negras.

Palabras clave: Mujeres negras; empoderamiento; Análisis de Discurso Crítico.

Convenções para transcrição

Comentário: ((exemplo))
Incompreensão de palavras ou segmentos: ()
Hipótese do que se ouviu: (hipótese)
Explicação: [explicando]
Prolongamento de vogal consoante: :: podendo aumentar para :::: ou mais
Interrogação: ?
Exclamação: !
Truncamento: /
Qualquer pausa: ...
Desvio temático: - - - -
Maiúscula: ENFATIZAR A VOZ

Lista de Ilustração

Imagem 1 – Transição capilar: Petrina.....	22
Imagem 2 – Instrumentos para alisar.....	23
Imagem 3 – Oficina de Tranceiras 1.....	27
Imagem 4 – Oficina de Tranceiras 2.....	27
Imagem 5 – Oficina de Tranceiras 3.....	28
Imagem 6 – Oficina de Tranceiras 4.....	28
Imagem 7 – Página inicial do Empodere-se.....	37
Imagem 8 – Página do Empodere-se: matérias.....	38
Imagem 9 – Vídeo de Jéssica Silva.....	38
Imagem 10 – História da Blogueira.....	39

Sumário

Introdução.....	11
Parte 1- Sobre a pesquisadora e a trajetória pessoal de pesquisa.....	20
1.1 “Acaso sou negra?”.....	21
1.2 Entre tranças e solidariedade nasce o <i>Empodere-se</i>	26
Parte 2 – Percursos metodológicos.....	31
2.1 As participantes da pesquisa.....	32
2.2 As entrevistas.....	33
2.3 O <i>blog</i>	37
Parte 3 – Empoderamento.....	40
3.1 Palavra de cinco letras difícil de falar: negra.....	43
3.2 Mulheres negras no Brasil, hoje.....	48
3.3 ADC enquanto método e teoria de pesquisa.....	51
Parte 4 -Análise interdiscursiva das entrevistas.....	56
4.1 Pandora: a estética negra.....	56
4.1.1 A mulher negra e pobre: trabalho, informalidade e maternidade.....	59
4.1.2 Transição capilar e o discurso do branqueamento nacional.....	63
4.2 Mirla: educação como arma potencializadora do antirracismo.....	65
4.2.1 Orgulho afroindígena.....	66
4.2.2 Potência da Universidade na vida da mulher negra.....	68
4.2.3 Discurso antirracista.....	70
4.3 Erlita: uma voz no legislativo.....	72
4.3.1 Enegrecendo a Política.....	73
4.4 Maria: ativismo começa dentro do lar.....	76
4.4.1 Luta pelos direitos.....	76
4.4.2 Discurso do medo.....	78
4.4.3 Fé tem cor?.....	79
Considerações finais.....	82

Referências bibliográficas.....	84
Apêndices.....	91
Apêndice A –Entrevista com Pandora.....	92
Apêndice B – Entrevista com Mirla.....	96
Apêndice C – Entrevista com Erlita.....	101
Apêndice D – Entrevista com Maria.....	107
Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	114

Introdução

Este memorial carrega marcas de luta e resistência feminina negra. Compartilho as experiências ao longo da caminhada acadêmica no Mestrado em Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia que resultaram no *blog Empodere-se*, produto final desta pesquisa de pós-graduação. Por esse motivo, inicio destacando o gênero que segue a escrita: memorial. As memórias da construção teórico-metodológicas, bem como as memórias pessoais de uma eterna desconstrução e reconstrução de meu olhar pela pesquisa, dialogam nas linhas que seguem.

O *Empodere-se* é o produto final resultado desta pesquisa de intervenção, podendo ser acessado pelo link <https://empodereseba.blogspot.com/>. A escolha em fazer um *blog* é consequência da importância que os meios de comunicação e informação virtuais ocupam na sociedade. Pelo fato dessa ferramenta crescer dentro dos espaços de poder e ser uma das formas democráticas de se dar voz as pessoas, promover debates e suscitar manifestações *ciberativistas* ou nas ruas, é, também, uma maneira de enaltecer vozes femininas negras em Teixeira de Freitas, região do Extremo Sul da Bahia, que, até então, não tinha um espaço virtual voltado para esse grupo, especificamente.

Teixeira de Freitas é uma cidade baiana com 34 anos de emancipação política, sendo polo comercial para as cidades circunvizinhas, também é porta de entrada para quem viaja no trajeto Espírito Santo – Bahia ou Minas Gerais – Bahia. Mesmo sendo jovem, cresceu bastante devido ao comércio e a presença do polo industrial, bem como empresas de eucalipto como a Fibria que tem base nas proximidades da cidade.

Apesar da grande presença negra na cidade, os grupos de luta política negra são tímidos, e o único grupo protagonizado por mulheres negras, o Crespxs e Cacheadxs, deixou de atuar enquanto grupo em poucos meses de existência. Crespxs e Cacheadxs era um grupo formado por mulheres feministas negras que, apesar de unidas pela característica comum de terem cabelos crespos e cacheados, também se reuniram em prol do debate sobre feminismo negro, desigualdade de gênero, racismo, dentro outras discussões de teor étnico e racial. As meninas participantes do grupo, principalmente suas idealizadoras, Mirla e Jéssica, organizaram reuniões, fotografias com mulheres com cabelos crespos e cacheados e palestras na cidade durante o período de sua existência.

As ações que elas realizaram significaram um modo de luta contra o racismo e ajudaram muitas mulheres negras que alisavam os cabelos a passar pelo processo de transição capilar¹ e assumirem seus cabelos naturais. Isso foi o meu principal motivador para iniciar esse mestrado: queria mostrar a luta individual e coletiva de mulheres negras de minha cidade, ajudando a propagar os discursos empoderadores, bem como, lidar de forma crítica com os discursos que tentam nos tirar das relações de poder.

Para isso, realizei quatro entrevistas com mulheres negras moradoras de Teixeira de Freitas no período de dezembro de 2017 a março de 2019, sendo elas: Pandora Ravenna, tranqueira, que trabalha com estética negra; Mirla Kleille, licenciada em História, cantora, uma das fundadoras do Crespxs e Cacheadx; Erlita Freitas, vereadora de Teixeira de Freitas; e, Maria Moreira, dona de casa, aposentada. Todas as entrevistas estão no *blog*. Este memorial analisa criticamente as relações interdiscursivas presentes nas falas dessas mulheres, enaltecendo a força de discursos que contribuem para seu empoderamento e refletindo sobre discursos que carregam marcas de opressão, violência e/ou racismo.

Conferindo o estado da arte, pude perceber que o número de mulheres negras que ocuparam o espaço de voz dentro do ambiente acadêmico aumentou nos últimos 10 anos, e o resultado disso é uma ciência que se posiciona politicamente, ou seja, cientistas falando delas e não mais se permitindo ser “objeto de pesquisa”. Apesar do aumento, destaco ser ainda muito pouca a visibilidade e presença desse tipo de pesquisa no ambiente acadêmico.

A cada pesquisa no banco de dados de Teses e Dissertações, aparecia um resultado diferente. A última busca que fiz no site <http://bdtd.ibict.br/vufind/>, durante o mês de maio de 2019, resultou em 24 pesquisas que aparecem com as palavras-chave “empoderamento mulher negra”, tema principal do meu trabalho, concluídas entre 2011 e 2018. Quando utilizei as palavras-chave separadas, o resultado foi maior, porém, apareciam trabalhos de variadas temáticas, desta forma, deixei a busca com as três palavras juntas.

Uma parte considerável das dissertações/teses realizou entrevistas ou estabeleceu algum diálogo com as mulheres negras participantes da pesquisa. Percebi que a palavra “empoderamento” foi se tornando comum entre pesquisadoras e pesquisadores, todos utilizando com o mesmo sentido de processo por buscar de poder e emancipação, um conceito ainda em construção, e extremamente necessário. Na sequência, falo brevemente sobre as pesquisas encontradas.

¹ Processo de interrupção do uso de químicas no cabelo, para que o cabelo natural cresça.

Lia Maria dos Santos de Deus, em 2011, escreveu a dissertação *Políticas públicas em educação para mulheres negras: da prática do falo à construção das falas*, em que ela realizou análise de políticas públicas educacionais, visando identificar práticas de empoderamento social e intelectual com ênfase em gênero e raça, no mestrado em Educação em Brasília.

Maria Aparecida Silva, 2011b, escreveu sua tese *Trajetória de Mulheres negras líderes de movimentos sociais em Araraquara-SP: Estratégias sociais na construção de modo de vida*, para a Universidade Federal do Ceará, na qual ela realizou uma pesquisa qualitativa, recorte temporal entre 1970 a 2010, com mulheres negras participantes de movimentos sociais em Araraquara. Fez análise de entrevistas, observando a construção identitária nos papéis sociais desempenhados por essas mulheres, seguindo os eixos de discussão: gênero, ‘etnicorracial’ e movimento social negro.

Em 2011a, Célia Regina Silva escreveu a tese *Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Midiática: Estudo sobre a participação de jovens negras no hip-hop, a construção de identidades e sua presença na internet*, da Universidade Metodista de São Paulo, em que discute as relações de pertencimento e empoderamento, por meio da música e da Tecnologia da Informação e Comunicação, em experiências vividas por mulheres negras que participam do movimento cultural *hip-hop*. A pesquisadora realizou entrevistas semi-estruturadas, formulários e observação de eventos, redes sociais e *sites* dos grupos de dança.

Ainda em 2011, Ivana Silva Bastos escreve a dissertação para o Mestrado em Sociologia: *“Mulheres iabás”: liderança, sexualidade e “transgressão” no candomblé*, da Universidade Federal da Paraíba. A autora analisa a trajetória de vida da líder religiosa Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque, do Terreiro de Tata do Axé, observando como ela lida com o poder, como a comunidade do terreiro a representa, as divisões do trabalho religioso e a inserção na sociedade mais ampla a partir de relações com a religião. No entanto, não utiliza do debate étnico para análise.

A dissertação de Claudia Rosane Guedes, 2012, *A imagem social de mulheres negras universitárias: a silhueta esculpida durante o processo de formação*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizou análise de conteúdo de entrevistas de negras e pardas mestrandas observando as relações existentes entre a formação universitária e a imagem

social de mulheres negras universitárias na área da saúde e suas possíveis transformações pessoais e sociais.

Iara Félix Viana, em 2013, concluiu a dissertação *Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer*, para a Universidade Federal de Belo Horizonte, no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer. Na qual ela analisa a construção social de feminilidades no Conjunto Morro Alto, em Vespasiano (MG), observando as relações com a violência e o poder nos momentos de lazer em bailes *funk*.

Em 2013, Lucia Maria de Lima Barbosa escreveu “*Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!*”: *Expressões de mulheres negras jovens no hip-hop baiano*, no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, da Universidade Federal da Bahia. Amparada no feminismo negro, realiza uma pesquisa qualitativa com mulheres negras de 18 a 32 anos que atuam como *rappers*, *b.girls*, grafiteiras e ativistas no Hip-hop em Salvador e Lauro de Freitas, cidades baianas.

Em 2014, Miriam Rosa Santos conclui *Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra*, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Nesta dissertação, ela realizou entrevistas abertas, não diretivas, com três mulheres negras de diferentes localidades do país, observando processos subjetivos implicados na descoberta de ser negra, destacando o legado histórico deixado à população negra: escravidão, racismo e ideologia do embranquecimento.

O Júlio César dos Santos, único pesquisador do sexo masculino que apareceu na busca, escreveu em 2014 “... *Se eu fosse uma flor..*” – *o cinema como dispositivo tecnopoético produzindo simbólicos identitários de uma mulher negra*, Universidade Federal de Goiás, em sua pesquisa para o Doutorado em Arte e Cultura Visual. No qual ele analisa o filme “... *Se eu fosse uma flor..*” de Marta Cezaria de Oliveira, observando como a autora evidencia sua condição de mulher negra, política, militante, religiosa e trabalhadora, fazendo com que a arte fílmica se mostre também como uma ação de luta coletiva.

A pesquisadora Diony Maria Oliveira Soares, 2014, escreveu a tese *Protagonistas impensáveis; muralha do quase; prestígio subalterno: uma trilogia inspirada por mulheres negras, visibilidades midiáticas, territórios do Rio*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Análise de narrativas sobre mulheres negras do Rio de Janeiro que se manifestam publicamente por intermédio do exercício de práticas artístico-culturais e são contempladas pela visibilidade midiática.

Em 2015, Ana Cristina Santos escreve *Mulheres negras, negras mulheres: ativismo na capital baiana – 1980-1991*, no Doutorado em Educação, na Universidade Federal do Ceará. Resultado da pesquisa junto ao Movimento de Mulheres Negras na cidade de Salvador (BA), sendo que foi escolhido o período de tempo de 1980 a 1991 devido a visibilidade das ações. Fez análise de entrevistas observando como as lutas pessoais e coletivas das mulheres contribuíram para o empoderamento delas.

Ana Ximenes Gomes de Oliveira, em 2015, escreveu *Fêmea-Matriz: A maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*, para o Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba. Nessa dissertação, ela faz análise do romance *Ponciá Vicêncio* observando como as representações femininas do romance tratam da temática maternidade, investigando os arquétipos em torno da relação mulher/mãe/filha dentro de uma sociedade patriarcal, sem afastar da discussão racial geradas pelo estereótipo mulher/mãe/negra.

Em 2016, Juliana Ribeiro escreve o *Encrespando: o cabelo da mulher negra e suas histórias no cotidiano*, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ela fez análise de histórias de vida de quatro mulheres negras e o protagonismo delas através de seus cabelos crespos, identificando lutas contra o racismo e sexismo, como também enfatizando a afirmação identitária que pode vir através do revelar desses fios crespos. Acredito que seja a pesquisa, dentre as que eu encontrei, que mais se aproxima de minha proposta de trabalho.

Em 2016, Vânia Silva Oliveira escreve a dissertação *Ara-itàn: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher...*, para o Programa de Pós-Graduação em Dança, da Universidade Federal da Bahia. Foi feita uma análise do empoderamento da mulher negra através da dança, concentrando-se nos blocos afros de Salvador (BA).

Joelma de Sales dos Santos escreveu em 2016 a dissertação *Rap, periferia e questões de gênero: histórias e representações*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ela analisa as letras de rap que têm temática sobre empoderamento e autoestima da mulher negra, também observando representações de mulheres em letras produzidas por homens.

Dentre as pesquisas de 2017, a Danielle de Luna e Silva, escreve a tese *Maternagens na Diáspora Amefricana: resistência e liminaridade em Amada, Compaixão e Um defeito de cor*, da Universidade Federal da Paraíba. Análise de narrativas contemporâneas da escravidão observando atos de resistência à objetificação e apropriação dos corpos femininos negros nos EUA e no Brasil pela instituição da escravidão.

Cristiane Veloso de Araújo Pestana, 2017, escreveu *A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – Luta, Valorização e Empoderamento*, Universidade Federal de Juiz de Fora. Nessa dissertação ela realiza uma leitura crítica da obra poética de Cristiane Sobral, sob perspectiva de observar rompimentos de estereótipos associados a mulheres negras, vendo como, através da literatura, é possível promover autoestima, reconhecimento e empoderamento das mulheres.

A Edilma Cavalcante escreveu em 2017 a dissertação *Um percurso de leitura de ‘Americanah’: a experiência que empodera?*, Universidade Federal de Pernambuco, na qual ela realizou uma leitura crítica do romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, tendo como base teórica a Crítica Feminista, Pós-Colonialidades e Estudos da Mulher e Literatura.

Em 2017, Camila Rodrigues Bastos concluí o mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na qual ela escreveu *Tradução, Transcrição e Feminismo negro em Alice Walker*, realizando análise das diferentes formas de tradução dos livros *A Cor Púrpura* e *O templo dos meus familiares*, de Alice Walker, e suas transcrições fílmicas, observando aspectos de denúncia da condição da mulher, sob uma perspectiva do feminismo negro.

Luciane Bello, 2017, escreve *Possibilidades de resiliência no estar-sendo negro: “é preciso coragem pra ter na pele a cor da noite”*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese para o doutorado em Educação, na qual ela analisa histórias de vida de mulheres negras observando as influências que elas têm com suas famílias, nas escolas que trabalham e na comunidade, a partir de suas participações em atividades de ensino, pesquisa ou extensão na UFRGS.

A Rosana Aparecida Ribeiro de Sene, 2017, escreveu a dissertação *Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de Língua Inglesa na visão das/os estudantes*, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ela utilizou uma metodologia diversificada com questionário, narrativa autobiográfica, entrevista de grupo focal e diário de campo com alunos da 2ª série do Ensino Médio no Paraná, observando como eles percebem questões de identidades de raça, gênero e sexualidade, dentro do currículo de estudo de língua estrangeira, inglês.

Em 2018, Clélia Rosane dos Santos Prestes fala em sua tese, *Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver*, Universidade de São Paulo, sobre estratégias de promoção da saúde de mulheres negras, voltadas à potencialização de

resiliência, agência, emancipação, autonomia ou empoderamento, e avaliar especialidades e complementaridades entre as reconhecidas no campo científico e as reconhecidas no campo do movimento negro e de mulheres negras.

Na dissertação *As Marias da Conceição: Por um ensino de História situado, decolonial e interseccional*, Carla de Moura, 2018, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, propõe um aprofundamento de ações pedagógicas em torno do Patrimônio da Comunidade. Realizou entrevistas, registros de histórias orais e outros registros do processo de ensino e aprendizagem com alunos e alunas da 8ª e 9ª série.

E, por último, em 2018, Ilka Souza dos Santos, escreve *Narrativas de empoderamento: um olhar à ficção de Paulina Chiziane*, Universidade Federal de Pernambuco. Ela observou as manifestações de empoderamento feminino na obra de autora moçambicana Paulina Chiziane, autora negra que participa, por meio da literatura, da uma construção identitária nacional evidenciando a condição feminina no país. Apesar de não tratar de questões brasileiras, elencamos aqui por ser tratar de uma Literatura em Língua Portuguesa.

Os temas abordados pelas pesquisas citadas estão ligados a este memorial, o diferencial é o objeto de pesquisa do qual eu me dispus trabalhar: o discurso. Outra diferença fundamental entre minha pesquisa e as que eu tive contato durante o mestrado é a criação de um produto ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, além de levantar referenciais teóricos (muitos não citados neste memorial) eu ainda tive que elaborar um produto final a ser entregue a comunidade acadêmica e nele mostrar como ocorreu o trabalho com o discurso empoderador de mulheres negras.

Por esse motivo, fiz um *blog* para ficar mais fácil de publicar as entrevistas das mulheres que participaram da pesquisa até o momento, e também ficasse disponível para ser utilizado após o término do mestrado.

Para mostrar os resultados de pesquisa neste memorial, fiz a divisão em quatro partes e as considerações finais. Na Parte 1, *Sobre a pesquisadora e a trajetória pessoal de pesquisa*, falarei de minha trajetória de pesquisa até chegar ao *Empodere-se*. Ficará evidente que este memorial é resultado tanto de uma luta pessoal, quanto de uma luta coletiva que envolve minha família (sendo eu a primeira e a única, até o momento, a concluir uma graduação e pós-graduação) e outras mulheres negras teixeirenses que sentem a necessidade de ocuparem espaços de voz na região, galgando, com dificuldades, essas conquistas. Aliás, o espaço da

pesquisa e da produção de conhecimento, muitas vezes, apaga a presença da mulher negra e do homem negro.

A Parte 2, *Percursos metodológicos*, falo sobre como o produto final foi construído, bem como meu trabalho com o objeto de pesquisa: o discurso. A construção do *blog Empodere-se* não iguala a construção de um *corpus*, pois, na verdade, trata-se de um produto. O *blog* não é analisado neste memorial, mas as entrevistas presentes dentro dele que são essenciais para identificar as relações interdiscursivas que procuro enfatizar.

A Parte 3, *Empodere-se*, concentra a Fundamentação Teórica sobre a temática empoderamento feminino negro, a causa social que norteia este trabalho, e o movimento de autoafirmação identitária deste processo. Farei dois momentos de reflexão basilares para análise do discurso que virá na Parte 4: primeiro, sobre a relevância do dizer-se, afirmar-se e autoidentificar-se negra; depois, sobre os números que mostram a realidade cruel que a mulher negra ainda está submetida. Nesta última parte, é possível perceber que o Brasil não superou as marcas da escravidão na mulher negra, com dados que evidenciam racismo, justificando, também, a importância de pesquisas como esta. Também falo sobre a Análise de Discurso Crítica, concentrando na categoria analítica que deu corpo a este memorial, a ‘interdiscursividade’.

A Parte 4, *Análise interdiscursiva das entrevistas*, as entrevistadas aparecem contando de suas histórias de vida, fiz a escolha de destacar alguns discursos que aparecem com mais recorrência em suas falas e que mostram as relações de poder que propus trabalhar. As entrevistas foram colocadas separadamente, começando com Pandora, seguido de Mirla, Erlita e Maria. Usei os nomes reais das entrevistadas, questão que elas concordaram ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE, Apêndice E.

Nas Considerações Finais falarei dos resultados de pesquisa e dos desafios em pertencer a primeira turma do PPGER, sendo uma turma de um projeto piloto, ainda erramos muito, construindo nossos próprios regimentos, nosso próprio jeito de pesquisar e nosso próprio material teórico, muitas das vezes. Foi desafiador para todos da primeira turma de Mestrado em Ensino e Relações Étnico Raciais de Teixeira de Freitas, lidar com esse tema que, até então, era silenciado na cidade, sendo abordado, quase que clandestinamente, de maneira modesta, por poucos professores nas universidades e, muito mais raramente, nas escolas. A minha abordagem não segue uma só base teórica, mas reflexões transdisciplinares²,

² Utilizo de teorias dentro da sociologia, lingüística, antropologia e outras para desenvolver o estudo.

dentro da Análise do Discurso, com as relações antropológicas, sociológicas, educacionais, de gênero, discursivas, de poder, dentre outras, foi um desafio teórico e prático muito grande. Ou melhor dizendo, é um desafio.

Parte 1

Sobre a pesquisadora e a trajetória pessoal de pesquisa

Iniciar a escrita deste memorial pela mais difícil das definições que aparecerá neste trabalho acadêmico: a pessoa por trás da escrita. Professores e bancas de avaliação, durante o mestrado, chamaram a atenção para o fato de que meu envolvimento com a pesquisa saía dos moldes da pesquisadora afastada, para uma pesquisadora próxima, atenta e, muitas vezes, eu era participante da própria pesquisa. Pesquisar sobre mulheres negras, sendo uma mulher negra, faz isso. E, em meio a tanta pesquisa sobre mulheres negras realizadas por pessoas que não fazem parte de nossa identidade étnica e de gênero, é também um grito de resistência que aqui se constrói.

Formada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação Campus X, que fica situada na cidade que nasci, Teixeira de Freitas, Bahia, sou a primeira pessoa de minha família a concluir o Ensino Superior. Entrei na faculdade com 17 anos, em 2008, e tive a oportunidade de fazer duas Iniciações Científicas (I.C.s) durante a graduação. Na I.C., recebia auxílio para poder me dedicar totalmente aos estudos, apesar disso, uma parte da graduação eu trabalhava e estudava numa turma noturna. Concluí a graduação em 2012 e em 2016 volto a estudar na Uneb- Campus X, desta vez na Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa.

Iniciei o mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, na Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Paulo Freire, em 2017, com a ideia de trabalhar com o grupo de afirmação étnica Crespxs e Cacheadx de Teixeira de Freitas, porém, pouco tempo após passar nas etapas do mestrado, soube que as meninas desfizeram o grupo e o Crespxs e Cacheadx não existia mais. Não sabia de outro grupo na cidade constituído apenas com mulheres negras e que tivesse por objetivo discussões raciais, de gênero, políticas e estética. Mas sabia de mulheres negras que, mesmo individualmente, levantam bandeiras de luta, ativismo e militância. Foram essas mulheres que me inspiraram a continuar com o mesmo objetivo inicial: fazer ecoar essas vozes negras.

A Análise do Discurso entrou na minha vida durante as I.C.s e seguindo o sonho de ampliar meus conhecimentos nesta área, concorri, em 2017, ao Mestrado em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória. Passei e iniciei os estudos em 2018. Pela UFES, eu realizo uma pesquisa também sobre mulheres, com a temática social misoginia na

política, e sou bolsista CAPES. Passei a residir em Vitória e não quis desistir da pesquisa na Bahia.

Esta pesquisa no PPGER é, sobretudo, resultado de minha própria construção de identidade étnica e racial, bem como a consciência de que minha ancestralidade está muito mais em mim do que eu imaginava, antes de buscar aprender mais sobre ela. Passei minha adolescência negando minha negritude ao afirmar-me como ‘morena’. Essa palavra era tão comum no meu dia a dia que eu não questionava o que quer dizer ser ‘moreninha’. As pessoas falavam com tanta naturalidade que não havia motivos para eu questionar. Mas ser moreninha tinha que combinar com meu cabelo que é crespo e não encaixava no perfil estético criado no imaginário social do início dos anos 2000. Vivia preso. Sempre amarrado ou trançado. Então, comecei a alisar os cabelos. Entrar numa sala de aula e ver apenas meninas brancas com cabelos lisos numa sociedade racista não é nada fácil. A gente quer, pelo menos, passar despercebida com nossa pele ‘morena’. Alisar era a solução para parecer um pouco igual as outras e silenciar o que gritava de negritude em mim.

1.1 “Acaso sou negra?”

Chegou um período de maturidade em relação a meu corpo e minha pele que eu comecei a questionar o porquê do alisamento. Em 2013, parei de alisar, cortei todo o cabelo e, desde então, não sinto falta daquele processo mutilatório que é o alisamento dos fios. No entanto, se foi fácil para mim, não foi fácil para as pessoas que conviviam comigo me perceber, de repente, negra. Mesmo nascendo no Estado com maior população negra do Brasil, eu habitava numa cidade racista que se incomodava em ver cabelos crespos.

Dentre as leituras realizadas sobre trabalhos a respeito da transição capilar, a pesquisa *“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária?*, mostra que o debate sobre esse processo, a princípio estético, é necessário para o debate antirracista. Gomes (2017) ressalta que o corpo negro, historicamente, no Brasil, foi construído de forma negativa no imaginário popular, com destaque ao século XIX, com a divulgação dos estudos racistas. Nas ruas, “a presença do corpo negro causou desconforto, insegurança e medo para aqueles que se identificam como não-negros” (p. 34), e para se afastar dessa imagem (do ser negro) e se aproximar do ideal de miscigenação, adere a um corpo “embraquecido”.

Este processo de deixar os tratamentos químicos dos cabelos para usá-los naturais, chama-se transição capilar. É algo extremamente difícil para as mulheres quando se vêem dentro deste processo, pois, além de mudar a estética, também promove outras mudanças no reconhecimento identitário, étnico e racial. Aliás, é até irônico pensar que a transição é quando se deixa a química, afinal, não teve uma transição quando passou a se usar a química? O discurso racista, de branqueamento, em nossa sociedade é tão forte que quando uma adolescente começar a alisar é visto com naturalidade, mesmo com todos sabendo que produtos químicos, a longo prazo, são nocivos pra saúde do couro cabeludo, dos fios e da pele.

Imagem 1: Transição capilar: Petrina



Fonte: Arquivo pessoal

Na *Imagem 1* há uma montagem com quatro momentos de minha transição. A primeira é em minha formatura, em 2012. A segunda é no início de 2013 e a outra é no final de 2013, quando eu havia começado a querer parar de alisar, porém, ainda tinha química no cabelo, sendo essa imagem que mais representa a transição. Já a quarta foto é a transição completa, em 2017, sem nenhuma química.

Imagem 2 – Instrumentos para alisar



Fonte: Gomes, 2017, p.42

Gomes (2017) apresentou a imagem acima e falou sobre os instrumentos para alisar cabelos antes da chapinha, da escova elétrica e do alisante. Observando eles, percebe-se semelhança com instrumentos de tortura, eles eram esquentados no fogo, na brasa e depois passados no cabelo. Atualmente, além de produtos químicos, as mulheres contam com instrumentos elétricos mais sofisticados para alisar os cabelos.

Essa imagem ressalta a violência que o cabelo é submetido ao alisamento. Compreendo o processo de embranquecimento, para nós, mulheres negras, uma tortura, uma mutilação exemplificada pela a mudança capilar, pela a vergonha de traços físicos originais, em quem adere a cirurgias plásticas, e, até mesmo, em nosso útero (utilizado como laboratório do processo de embranquecimento do Brasil)³.

Voltando a minha transição, os gritos de ‘vai pentear esse cabelo’ se tornaram constantes quando parei de alisar. Em 2013, a indústria de cosméticos para cabelos crespos não estava tão grande quanto hoje, por isso, as pessoas viam poucas mulheres com cabelos crespos tratando dos cabelos naturais na mídia. A falta de representação midiática também incomoda, afinal, não me via representada como agora, que, pelo menos, vejo maior número de atrizes e jornalistas usando cabelos naturais e aparecendo constantemente na grande mídia brasileira. Por esse motivo, a forma como falavam dos cabelos crespos também variava conforme o preconceito e a desinformação, de ‘cabelo ruim’ para ‘cabelo encaracolado’, cacheado, dentre outros, até os nomes crespos e afros se tornarem um pouco mais comuns no vocabulário das pessoas.

³ Na parte 2 continuo a discussão sobre embranquecimento.

Essas frases, essas nomeações, machucavam, mas também faziam-me refletir. A reflexão sobre as palavras é algo constante no meu trabalho, tanto em sala de aula, quanto no período em que trabalhei nas redações de jornais. Com as pesquisas que fui desenvolvendo ao longo da vida acadêmica, aprendi que essas palavras haviam se perpetuado por séculos em nosso país, e que traziam consigo as marcas da escravidão, exploração e repressão que mulheres e homens negros sofreram, não só em nosso país, mas em outros lugares do mundo.

Os gritos de ‘vai pentear esse cabelo’ foram os principais propulsores para o desenvolvimento desta pesquisa. Vozes de preconceito ecoavam de todas as partes, quando não eram violentas e escancaradas eram silenciosas e disfarçadas de normalidade, como as vozes da mídia sempre levando a pensar que o único tipo de cabelo ‘bom’ existente é o cabelo liso, preferencialmente, o loiro. Se essas vozes falavam, outras vozes eram silenciadas, e a estética da mulher negra só era lembrada quando associada ao Carnaval.

O cabelo é muito importante para o movimento de negritude, neste memorial, busco refletir acerca dos discursos em torno do cabelo, estética, pele, dentre outras questões de teor étnico, racial e de gênero. Estes seriam atravessamentos interdiscursivos pertinentes a abordagem central: empoderamento da mulher negra. Assumir o crespo não é apenas uma questão de aceitação estética, é uma desconstrução discursiva e ideológica.

A partir dos anos 2000, houve uma popularização das redes sociais, que se tornaram um poderoso canal de comunicação, na qual diversas ideologias são expressadas de diferentes formas. Grupos de luta de mulheres negras reforçaram suas vozes na *internet*, pois, na imprensa, não tinham esse espaço. Assim, elas competiam com as indústrias de cosméticos que todos os dias criavam um tipo de alisamento diferente. Atualmente, as indústrias de cosméticos têm produzido mais produtos voltados para cabelos crespos e cacheados.

A democratização das redes sociais trouxe esperança, mas ainda não era o suficiente, pois, mesmo tendo um pouco mais de voz, a desinformação, a falta de conhecimento foi grande inimiga, assim como as manifestações racistas que, como efeito paralelo ao movimento de negritude, se tornaram ainda mais evidentes.

Lembro de muita gente, logo quando parei de alisar os cabelos, que me dizia: “mas você tem a pele clara, porque não alisa?”, pergunta que traduz o preconceito e uma tentativa histórica de branqueamento nacional. Ao longo deste memorial, citarei trabalhos que me ajudaram a refletir um pouco mais sobre isso durante o mestrado, livros de estudiosas negras,

como a professora Maria Aparecida Lopes, também coordenadora do PPGER, que foram importantíssimos para os caminhos metodológicos.

O relato de minha vida, até agora, lembra o poema da peruana Victoria Santa Cruz, *Me gritaron negra*, em que interpreta através da arte como a sociedade racista inferioriza o corpo negro, sendo tão difícil para muitos assumirem sua identidade racial por causa dos símbolos negativos em torno da palavra ‘negro’. O que para o eu lírico do poema começa como uma ofensa, ser chamado de ‘negra’, depois se torna um grito de autoafirmação racial, étnica e identitária:

*“¿Soy acaso negra?” me dije ¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
Y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...*

Até o momento que ela se afirma negra:

*¡Negra! Sí
¡Negra! Soy
¡Negra! Negra
¡Negra! Negra Soy
De hoy en adelante no quiero lacia mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
Que por evitar – según eles –
Que por evitarnos algún sensabor
Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRONEGRONEGRO
NEGRO NEGRONEGRONEGRO
NEGRO NEGRONEGRONEGRO
NEGRO NEGRONEGRONEGRO*

O poema não só ecoa em meu pensamento, como parece que toma forma e ganha som no meu dia a dia, e sei que não estou sozinha. Percebo os esforços para se esconder nossa negritude, a começar pelas raízes dos cabelos até as raízes ancestrais. Um grito de “Eu sou

negra” não muda um passado e um presente racistas, não muda todas as mutilações sofridas, mas são gritos de resistência. Gritos assim que essa pesquisa quis e quer suscitar.

Após estes relatos, dou foco a caminhada acadêmica dentro do mestrado. Algumas pedras que surgiram no caminho. O primeiro de todos os entraves: onde estavam os grupos de luta negros protagonizados por mulheres em Teixeira de Freitas? O Crespxs e Cacheadx não existia mais e os grupos de mulheres que eu conhecia não tinham bandeiras exclusivamente para mulheres negras.

Eu não queria criar mais um grupo, para assim ter o público de meu projeto inicial de pesquisa, mas precisava resolver esse problema. Passei então a desenvolver o *Empodere-se*, que seria uma forma de divulgação dessas vozes negras que tanto me chamavam a atenção. Já que não tinha um grupo específico, pensei, inicialmente, em fazer com que as mulheres participantes da pesquisa divulgassem o trabalho e a vida delas, promovendo oficinas, palestras, assim a rede *Empodere-se* ganharia força não só no produto a ser entregue a UFSB, mas também no contato com outras mulheres.

1.2 Entre tranças e solidariedade nasce o *Empodere-se*

Decidido trabalhar com ‘discurso’ desde o ingresso no mestrado, meu projeto foi adaptado diversas vezes para a criação de um produto final que atendesse ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais. Ao final, ficou decidido que o produto seria um *blog* contendo as entrevistas que realizei durante o mestrado. Mas, para chegar ao *blog* houve recorrentes mudanças.

O *Empodere-se* começou pretendendo ser um grupo com mulheres negras que auxiliavam na busca pelo empoderamento individual e coletivo, desta forma, a primeira ação foi uma Oficina de Tranceiras com Pandora Ravenna e o resultado foi divulgado nas páginas do *Empodere-se* nas redes sociais. Devido ao caráter inovador, *sites*⁴ de Teixeira de Freitas também divulgaram a oficina. O resultado foi muito positivo, pois tive material para pesquisa, entrevistando a tranceira e as participantes da oficina; e, também, houve boa repercussão entre as mulheres que fizeram a oficina, algumas viram nas tranças uma oportunidade de terem uma

⁴ Matérias disponíveis em: < <https://www.sulbahianews.com.br/oficina-de-tranceiras-em-teixeira-e-marcada-por-empoderamento-e-ancestralidade/>>; < <https://liberdadeneeds.com.br/educacao/21705-empoderamento-e-ancestralidade-em-oficina-de-tranceiras>>.

renda, outras resolveram iniciar uma rede de auxílio a mulheres em suas comunidades, dando cursos gratuitos, promovendo oficinas, dentre outras atividades de fortalecimento e empoderamento feminino.

Os registros foram realizados por meio de gravação de áudios e entrevistas e de fotografias. Abaixo, há imagens em que Pandora Ravenna esta fazendo tranças com linha em Carol Bento que foi ajudar no dia da Oficina.

Imagem 3: Oficina de Tranceiras 1



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 4: Oficina de Tranceiras 2



Fonte: Arquivo pessoal

A Oficina de Tranceiras ocorreu em uma segunda-feira, dia 18 de dezembro de 2017, no Galpão da Ong Paspas, localizado no bairro Tancredo Neves. Foi aberta para 20 mulheres

e totalmente gratuita. A trancheira, Pandora Ravenna, ensinou tranças nagô e tranças com linhas. Para começar a trançar a mulher só precisa do pente e o valor de uma trança está entre 40 e 350 reais, a depender da complexidade do penteado.

Sabendo que algumas mulheres levariam os filhos para o curso, planejamos um espaço para que as crianças pudessem fazer recreação enquanto as mães participavam da aula.

Imagem 5: Oficina de Tranceiras 3



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 6: Oficina de Tranceiras 4



Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem 5, Ananda Luz, colega de mestrado, fez um momento de contação de historias infantis com as crianças. Na imagem 6, o ‘Matraca’, utiliza instrumentos criados por ele para fazer um momento lúdico musical.

Fui orientada a não fazer outras oficinas, devido ao tempo do mestrado (dois anos), poderia ser inviável ao cronograma de pesquisa. Resolvi continuar apenas com as entrevistas. Mesmo assim, não exclui do trabalho a entrevista que fiz com Pandora Ravenna, pois acredito que, dentre foi um período importante do projeto e de maturidade para o desenvolvimento das outras entrevistas.

As mulheres escolhidas para se tornarem participantes da pesquisa seguiam a mesma linha de raciocínio que eu tive inicialmente, de alguma forma, mulheres negras que tivessem experiências de vida que inspirassem outras mulheres⁵. Continuei com Pandora Ravenna e utilizei a entrevista que ela concedeu no dia da Oficina, ela foi escolhida por conta do trabalho com a estética negra. Mirla foi escolhida pelo fato dela ter sido uma das idealizadoras do Crespixs e Cacheadx. Erlita é uma vereadora negra, uma mulher negra que participa do espaço de voz político na região. E, Maria foi escolhida pela idade e também por representar uma luta silenciosa, da dona de casa, da mãe negra.

Resolvido um problema de pesquisa, outro surge: o que seria um produto-final para um mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais? Todo o meu trabalho foi lidar com mulheres negras, e agora, o que fazer disso? Esse questionamento foi o pior dos entraves de pesquisa, pois apesar de ter gerado muitos dados de pesquisa, realizado leitura e análises, isso teria que voltar para a Universidade na forma de produto. As mídias sociais tiveram que se transformar em *blog online* e as entrevistas foram divulgadas lá. Após o término do mestrado, o *blog* continuará sendo uma forma de conectar mulheres inspiradoras a outras mulheres.

No percurso da pesquisa, fui submetida a duas qualificações. Na primeira, a banca avaliou um relatório e projeto. Na segunda, a banca avaliou um resumo e cronograma. Por conta dessas mudanças de tipo de texto avaliado pela banca, somente na defesa que o trabalho completo e o produto completo estão sendo avaliados. Ou seja, somente na defesa a minha produção completa (teoria, metodologia e produto) são olhados em diálogo.

Ao lado da pesquisa, pude cursar disciplinas que me auxiliaram muito na construção de meu posicionamento crítico. Uma delas foi a disciplina Políticas Públicas e Relações Raciais, ministrada pelos professores: Dr. Francisco Antônio Nunes Neto; Dr.^a Maria Aparecida de Oliveira Lopes; e, Dr.^a Eliana Povoas Brito. A disciplina tinha por objetivo estudar as principais políticas sociais contemporâneas e suas implicações para a educação na

⁵ Nas seções 3 e 4 essas escolhas metodológicas estão melhor detalhadas.

perspectiva da raça, do gênero, da sexualidade e da classe social. Análise crítica das diferentes concepções, significados e utilizações que vêm sendo atribuídos aos conceitos de diversidade e de diferença nos projetos políticos em disputa no campo da educação brasileira.

A educação veio para minha vida sendo uma possibilidade de futuro. A graduação em Letras abriu portas para o mercado de trabalho. Trabalhei como professora e como redatora em jornais locais. Pude, dessa forma, ter acesso a mídia e perceber que eu era uma das poucas mulheres negras no meio, única na cidade e, mesmo sendo a única com graduação nos jornais que trabalhei, geralmente ganhava um terço comparado aos meus colegas homens ou mulheres brancas. Por esse motivo, resolvi sair do jornalismo e dedicar exclusivamente a sala de aula. Como sou bolsista CAPES pela UFES, no momento, estou me dedicando apenas as pesquisas dos mestrados.

Dos eventos que participei durante o mestrado, posso destacar dois, nos quais fiz apresentações de trabalho. No I Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais, realizado nos dias 24 a 27 de julho de 2018, na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, Campus Paulo Freire, Teixeira de Freitas (BA), eu apresentei no GT 06 - Movimentos Sociais o trabalho intitulado “Análise interdiscursiva sobre empoderamento feminino negro”, e, no GT 01 – Gênero, Raça e Classe, o trabalho “Misoginia e política: análise discursiva crítica de notícias sobre os protestos contra Dilma Rousseff”. Na 5ª Conferência Mundial de Combate às Desigualdades Econômicas, Raciais e Étnicas, que aconteceu nos dias 26 à 29 de setembro de 2018, na UFES, Vitória (ES), apresentei no GT do Eixo Desigualdades Econômicas o trabalho Oficina de Tranceiras: análise interdiscursiva sobre empoderamento feminino negro.

Parte 2

Percurso metodológico

Esta parte do memorial concentra-se na metodologia do trabalho. Não trata apenas de definir pesquisa qualitativa, de intervenção, ou mostrar os métodos de análise discursiva que usei. Os percursos metodológicos também incluem minhas inquietações acerca do trabalho com pessoas, afinal, o produto final e as análises são resultados de entrevistas.

Houve dois momentos de aplicação do projeto: um que incluía oficinas e entrevistas e outro apenas com entrevistas. Retirar as oficinas do projeto inicial foi uma decisão que teve preocupação com o tempo do mestrado (dois anos) e na inviabilidade do cronograma de pesquisa, caso permanecesse naquele formato, o que não exclui a possibilidade de que o *Empodere-se* volte com as oficinas após a conclusão do mestrado.

O projeto que iniciei tinha por objetivo fazer oficinas e minicursos com mulheres negras participantes da pesquisa, sendo elas autoras desses momentos, no qual poderiam compartilhar com outras mulheres negras e não-brancas suas experiências de vida e saberes.

Ocorreu apenas uma oficina, a de Tranceiras, com a primeira entrevistada, Pandora Ravenna. Neste momento, o *Empodere-se* já era um meio de propagar informações e divulgou a oficina em redes sociais (*Instagram* e *Facebook*). A entrevista com Pandora ocorreu neste contexto: bairro Tancredo Neves, em local cedido pela ONG Paspas, com 20 mulheres moradoras do bairro e das proximidades, todas desempregadas. Não houve nenhum custo para as participantes. Na ocasião, as mulheres participantes da oficina também foram entrevistadas, porém, as entrevistas com elas não entraram nas análises deste memorial. Outras informações e fotos da oficina estão na parte 1.1 deste memorial.

Decidido não fazer mais oficinas e concentrando-se em entrevistas para compor o *blog Empodere-se*, e análises das entrevistas a serem colocadas nesse memorial, todo o caráter do projeto inicial mudou. Inicialmente, o *Empodere-se* pretendia ser uma rede de debate, um canal de diálogo entre mulheres negras e não-brancas, não se limitando a um lugar (físico ou virtual), mas desejando transpor barreiras ciberativistas, pensando, obviamente, no que as mulheres negras de Teixeira de Freitas tinham como maior necessidade de debate. Era uma pretensão muito grande para um mestrado, considerando que deve-se entregar, junto com o memorial, um produto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

2.1 As participantes da pesquisa

As quatro entrevistadas foram escolhidas com objetivo de destacar discursos locais sobre negritude, empoderamento e feminismo negro. O número de participantes foi pensado levando em consideração o período de tempo que teria para a execução do projeto. Dentre os critérios de escolha: todas deveriam ser residentes em Teixeira de Freitas e se autodeclararem negras. A idade poderia ser um diferencial no discurso, então escolhi idades distintas (20, 26, 50 e 67 anos). Reitero que elas assinaram o TCLE e aceitaram em ter nomes (reais)⁶ e imagens divulgadas tanto neste memorial – e outras materialidades linguísticas resultantes de minha pesquisa, como artigos, por exemplo –, quanto no *blog* e outras mídias sociais pertencentes ao *Empodere-se*.

No ano da oficina, 2017, Pandora tinha 20 anos, dentre as informações que ela passou durante a entrevista, destaca-se o fato dela ser mãe, afinal, foi a maternidade que levou Pandora a trabalhar com as tranças. O nome de Pandora é Paloma Saúde Apolinário, mas ela tem preferência por ser chamada pelo seu nome artístico, Pandora Ravenna. Passou a morar em Teixeira durante sua infância e começou a trabalhar com 12 anos, em salão de beleza. No momento que ficou grávida, aos 16 anos, a dona do salão não a contratou mais. Foi então que ela aprendeu a trançar e percebeu que essa poderia ser uma fonte de renda e uma forma de estar próxima a filha. O trabalho informal e a estética negra tornam-se pontos de diálogo fundamentais para esta pesquisa.

Mirla Kleille, a segunda entrevistada, 26 anos, formada em História, cantora e foi quem iniciou o movimento Crespxs e Cacheadxs em Teixeira de Freitas, junto com outras colegas universitárias, único movimentos de mulheres exclusivamente negras da região. A infância, adolescência e juventude de Mirla é marcada por acesso a um debate político, identitário, étnico-racial que a moldou com uma personalidade crítica a respeito de seu lugar no mundo. O ativismo de Mirla é o principal foco da entrevista realizada com ela, que representa outras mulheres negras jovens que comungam do mesmo desejo de luta.

Com essas duas entrevistadas eu percebi que tive duas amostras importantes: mulheres negras jovens, porém com níveis de escolaridade diferentes e formas de ativismo diferentes. Fez necessário selecionar mulheres adultas ou idosas, para comparar as formas de luta e,

⁶ Acredito que, se usasse nomes fictícios ou privasse a imagem delas, não alcançaria o objetivo de enaltecer as mulheres que participaram do projeto e que são inspirações para outras mulheres.

principalmente, perceber se os anos têm mudado a forma como a mulher negra é tratada em nossa sociedade.

Erlita Freitas é vereadora de Teixeira de Freitas desde as eleições de 2012, tem 50 anos de idade e, segundo ela, sempre teve uma vida pública e política ativa na região. Os enfrentamentos dela, enquanto candidata, é de um feminismo quase solitário, afinal, não tem um número significativo de mulheres que se envolveram com política em Teixeira de Freitas (o que imita o cenário nacional) e, sobretudo, não tem outras mulheres negras. Além da política partidária, Erlita foi escolhida pelo seu ativismo pessoal, levanta a bandeira sobre suas origens étnicas. Erlita também foi sindicalista e moldou sua identidade política a partir das camadas populares. O grande ponto de diálogo entre esta pesquisa e Erlita está na voz: ela é uma mulher no espaço de poder, no legislativo, mas e a voz dela é respeitada como tal?

Maria Moreira, 67 anos, nascida em Governador Valadares (MG), vive em Teixeira de Freitas há 30 anos, cidade que escolheu para criar os seis filhos. Ela contou sobre sua infância marcada pelo trabalho como doméstica, desde os nove anos, e a vida adulta também marcada por trabalhos pesados e insalubres. Apesar de não ter tido acesso a educação, ela fez com que os filhos estudassem e soubessem a importância da educação. Maria representa muitas mulheres negras sozinhas responsáveis pela criação dos filhos que sempre trabalharam e mesmo que não faça parte de nenhum movimento social é ativista dentro da própria casa. Maria é minha mãe, e aceitou fazer parte das entrevistadas.

2.2 As entrevistas

As entrevistas foram construídas com perguntas semiestruturadas, isso porque, se não abrisse os leques de possibilidades para as respostas de acordo com as histórias de vida de cada uma das mulheres participantes da pesquisa, correria o risco de perder a voluntariedade delas em evidenciar os seus discursos. Em se tratando de pesquisas em Análise de Discurso Crítica, de metodologia qualitativa, as entrevistas são partes importantes para a coleta de dados, no caso, os elementos discursivos para análise.

Décio Bessa da Costa (2009), em sua tese, também trabalhou com entrevistas semiestruturadas para geração de dados em uma pesquisa no campo da análise discursiva crítica. Ele compreende a entrevista como um gênero que pode ser trabalhado no contexto das práticas sociais relativas à questão social norteadora da pesquisa desenvolvida. Sobre a escolha em desenvolver uma entrevista semiestruturada, o autor destaca nove características abstratas apresentadas pelo gênero:

conversa não tensa
informalidade
linguagem adequada ao/à participante
liberdade para o/à participante falar
um tema central
reflexão / investigação
estabelecimento de confiança
perguntas abertas
utilização de pseudônimos (COSTA, 2009, p. 181)

Com exceção do item ‘utilização de pseudônimos’, as outras características também se fizeram presentes nas entrevistas realizadas durante este projeto. Pensando sobre problemas que podem surgir quando lida com pesquisas em que exigem a participação de pessoas, o autor fala nas diversas possibilidades de se realizar a entrevista.

A própria realização das entrevistas pode ocorrer de maneiras distintas, desde a tradicional entrevista face a face à entrevistas mediadas tecnologicamente, passando pela entrevista telefônica, por sistemas de transmissão de voz por computador (com a possibilidade de incluir transmissão de imagem), e até por questões registradas em papel (ou e-mail, mensagem de celular) e enviadas ao outro indivíduo da interlocução (podem ser várias questões de uma vez ou mesmo uma por uma, construindo-se a entrevista em um processo). O resultado gerado – o texto da entrevista – pode ser divulgado na íntegra ou em partes, passar por edição ou não, ser veiculado na forma impressa ou em página eletrônica, com áudio ou áudio e vídeo. (COSTA, 2009, p. 180-181)

Para deixá-las confortáveis, fui até elas, mas, antes, mandei as temáticas das perguntas por email e pelo aplicativo de troca de mensagens, WhatsApp. Com exceção de Pandora, que respondeu a entrevista após realizar a Oficina de Tranceiras e, por esse motivo, não recebeu as perguntas com antecedência.

Com Mirla também houve um diferencial. Devido a agenda de shows dela, tivemos que remarcar uma vez. Ela recebeu as perguntas norteadoras e achou melhor enviar parte da entrevista por email, também enviou diversas fotos de vários momentos da vida dela. Dessa forma, ela própria digitou as primeiras respostas. No entanto, ainda optamos (eu e ela) por fazer umas falas complementares e marcamos uma entrevista, junto com um café descontraído, na casa dela. Nessa oportunidade, Mirla falou muito mais sobre sua infância e sobre o que significou o Crespix e Cacheadix na sua vida. Porém, nem tudo o que

conversamos foi colocado nos registros, fizemos um recorte das lutas do grupo Crespxs e Cacheadx, pois, as demais questões, Mirla já havia respondido resumidamente por email.

Erlita também tinha uma agenda cheia de atividades, e me recebeu em seu gabinete após uma sessão extraordinária na Câmara de Vereadores. Erlita havia recebido as perguntas, mas, no momento da entrevista ela não utilizou nenhuma anotação. A entrevista foi gravada em áudio e tiramos uma fotografia para registrar. As demais fotografias de Erlita que estão no *blog*, são arquivos pessoais da vereadora.

A entrevista com Maria foi em casa, também durante um café. Primeiro expliquei os objetivos da pesquisa e mostrei o *blog* que ainda estava em construção. Essa entrevista foi mais demorada e tem recorte nos áudios, pois, algumas vezes, a entrevistada saía do tema dos tópicos das perguntas. Pelo fato de Maria ser minha mãe, ela ficou ainda mais a vontade com minha presença, o que facilitou ela falar bastante sobre a infância e fatos de racismo vivenciados por ela durante a juventude e velhice. Eu fotografei as fotos cedidas por ela.

Acredito que o ambiente e a situação de cada entrevista mudaram o tamanho das declarações, algumas declarações mais demoradas (Mirla e Maria) outras mais curtas (Pandora e Erlita) no que diz respeito ao resgate da memória mais antiga. Porém, isso não influenciou negativamente no resultado que eu pretendia: identificar os discursos que atravessam as histórias de vida.

As entrevistadas eram avisadas que o objetivo principal da entrevista era ouvir histórias de vida e de luta de mulheres negras residentes em Teixeira de Freitas para divulgação de discursos que enalteçam e inspirem outras mulheres em seu empoderamento pessoal e conjunto. O roteiro de perguntas seguia quatro eixos temáticos principais, a saber: 1- História de vida; 2- ‘Enfretamentos’ e lutas pessoais enquanto mulher negra; 3- Trabalho formal, informal, do dia a dia ou do passado; e, 4- Ativismo pessoal enquanto mulher negra.

Dessa formal, foram propostas as perguntas:

1) História de vida

Conte-nos um pouco sobre você: onde nasceu, seus pais e um pouco de sua trajetória para chegar até aqui. Como você percebe que sua história de vida te influenciou nas suas atitudes hoje? Como você lida com sua ancestralidade?

2) ‘Enfretamentos’ e lutas pessoais enquanto mulher negra

Você acredita que o fato de ser uma mulher negra traz peculiaridades em sua história? Já passou por situações de preconceito/racismo? Qual situação te marcou mais? Se nunca passou, percebe o racismo em outros

ambientes sociais? Quais os enfrentamentos que a mulher negra no Brasil hoje ainda precisa passar?

3) Trabalho formal, informal, do dia a dia ou do passado

Qual a relação do seu trabalho com a sua luta pessoal enquanto mulher negra? Você percebe o seu trabalho como uma forma de resistência?

4) Ativismo pessoal enquanto mulher negra

Você se considera uma mulher empoderada? Como outras mulheres negras podem construir esse caminho para empoderamento pessoal? Você tem outras ações no seu dia a dia que podem ser consideradas formas de resistência da mulher negra?

O roteiro acima foi entregue as participantes e também foi enviado para a Comissão de Ética da UFSB. No entanto, devido à liberdade das perguntas e respostas, um tópico se mostrou pertinente a todas as mulheres: cabelos. De modo geral, as mulheres entrevistadas transitaram na formação identitária através de uma reflexão acerca do cabelo. Mirla e Maria passaram por transição capilar. Pandora e Erlita sempre mantiveram os cabelos naturais. Mas todas vivenciaram uma agressão verbal de teor racista por conta dos cabelos.

O item 2 e 4 parecem semelhantes, porém, no item ‘2’ eu busco saber pelo passados das mulheres entrevistadas, com foco em situações de preconceito que elas tenham vivenciado. No item ‘4’, quis reiterar todas as perguntas anteriores de forma que elas se sentissem mais a vontade para falar de suas ideologias, ‘dar conselhos’ de acordo com a vivência de cada uma. Acredito que, ao final da entrevista, é importante fazer um apanhado geral, pois, caso a entrevistada tenha esquecido alguma informação, seria uma excelente oportunidade de relembrar.

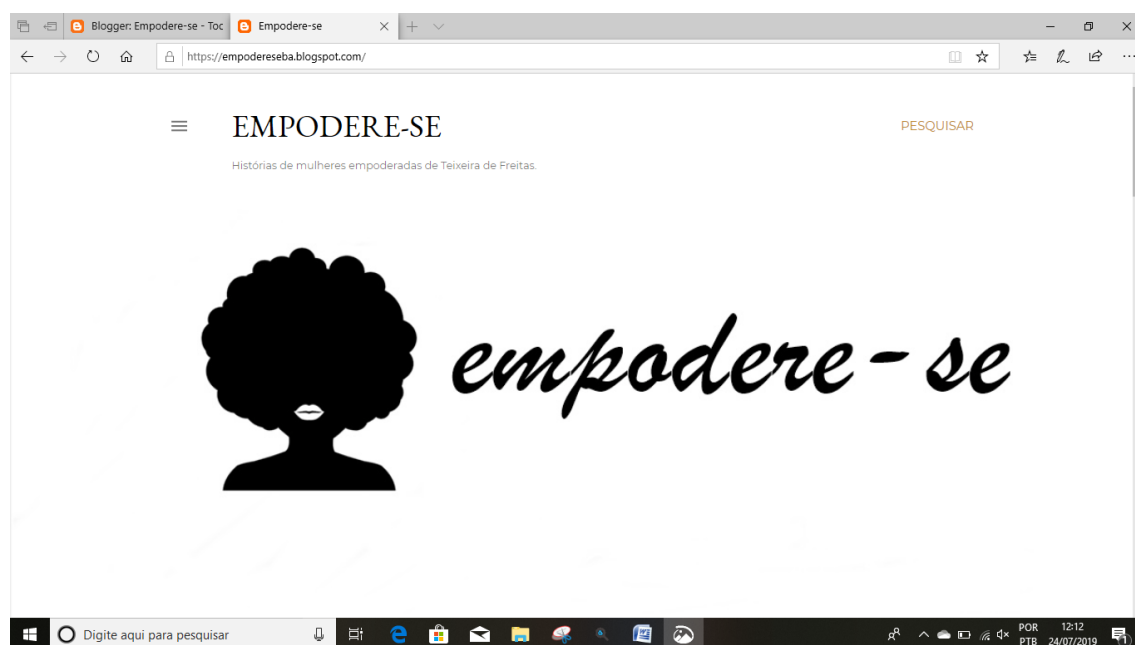
Os áudios foram transferidos para o computador e apresentavam qualidade no som. As interferências que ocorriam (pessoas chegando, porta abrindo, animais fazendo barulho próximo ao local) que atrapalharam poucas palavras a serem compreendidas. A transcrição foi feita evidenciando o discurso, as falas. Coloquei os sinais de transcrição nas primeiras páginas deste memorial. Devido à natureza do meu interesse na geração de dados, que, friso, são os discursos, não julguei necessário adotar convenções de transcrição mais detalhadas. Não analiso, por exemplo, trocas de turno, falas sobrepostas, entonação ou qualquer fenômeno fonético. Caso fosse uma preocupação pertinente, dialogaria com outros referenciais teóricos, como os autores da Análise da Conversa, que dão conta de transcrições nas quais esses detalhes são fundamentais, já que, em ADC, não há um autor específico que trate sobre o

assunto. Além disso, colocar demasiados detalhes de transcrição no *blog* atrapalharia a leitura de parte do público que não tem ligação com a Linguística.

2.3 O *blog*

A grande mudança metodológica deste trabalho foi a criação do *blog Empodere-se* como produto final. A escolha por esse tipo de produto está no fato dele registrar as quatro entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa e permitir continuidade após o fim da pesquisa. O *blog* é uma plataforma digital de livre acesso e gratuita. É aberto para comentários e compartilhamento das entrevistas. Não há um limite de postagens, o que facilita futuras publicações.

Imagem 7: Página inicial do *Empodere-se*

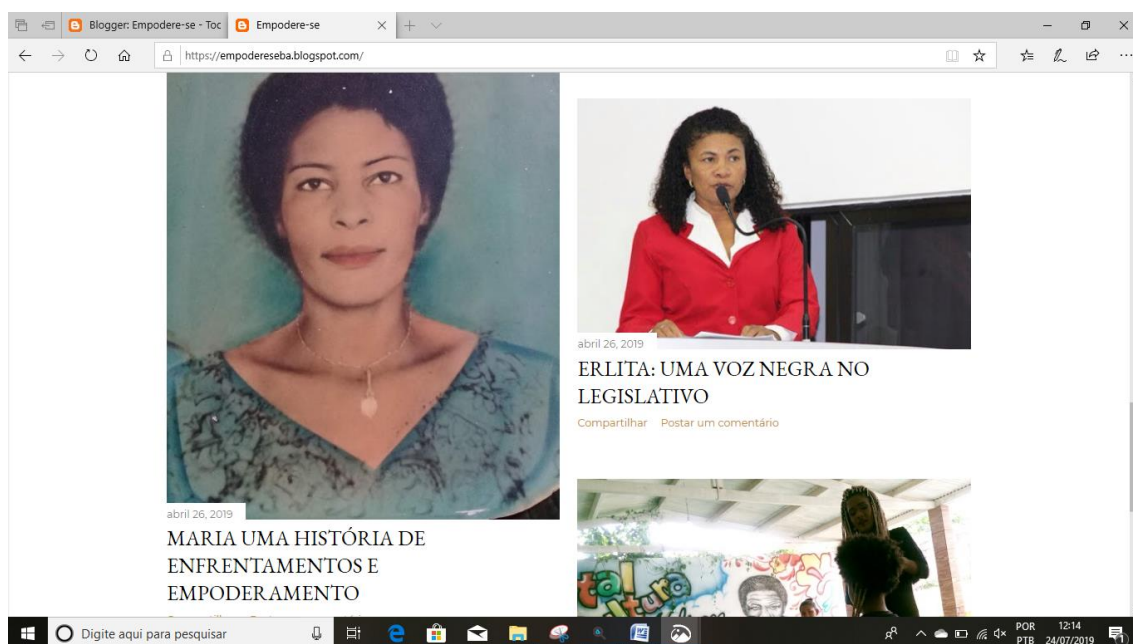


Fonte: empodere-se.blogspot.com

As entrevistas citadas no item anterior compõem uma das partes que estruturam o *blog Empodere-se*. Há poucos cortes nas entrevistas que estão no *blog*: os cortes foram realizados para que retirasse interrupções de ambiente e algo que poderia atrapalhar a leitura das pessoas que acessassem o *blog*. Preservei o essencial nas falas e procurei manter a ética com o que foi dito pelas mulheres participantes da pesquisa, pois, além de me proporcionarem material de análise, fazem parte da divulgação do *blog*, que é público.

O *blog* tem a capacidade de dividir o conteúdo em temáticas, porém, coloquei as entrevistas em evidência de acordo com cada uma das mulheres, respeitando a individualidade e suas histórias de vida.

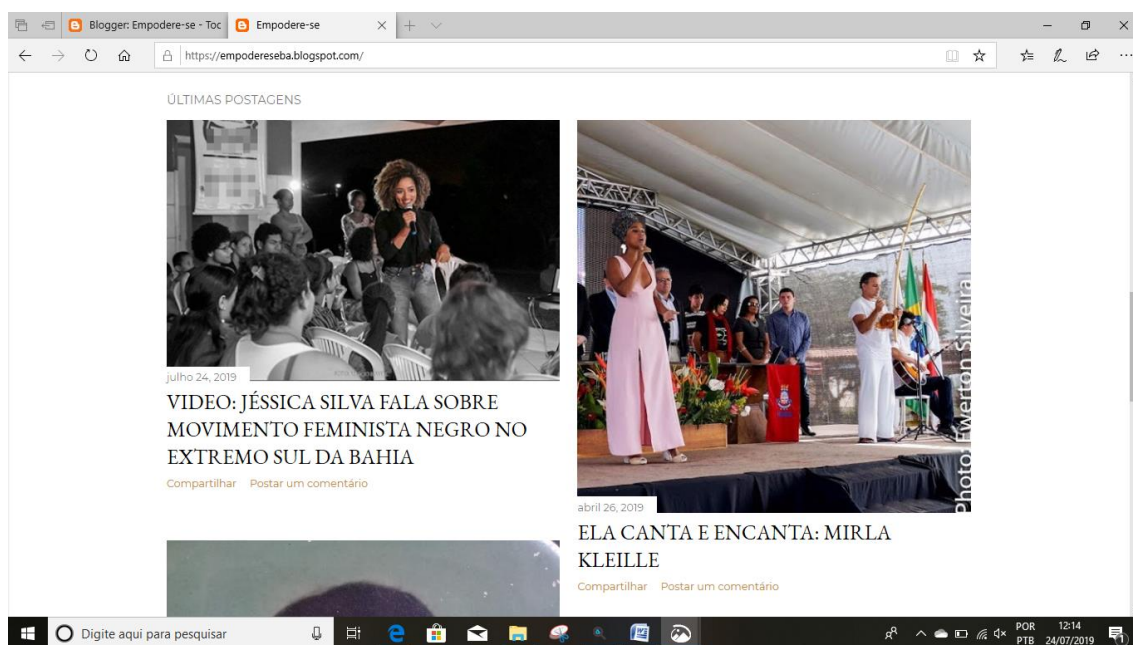
Imagem 8: Página do Empodere-se: matérias



Fonte: empodere-se.blogspot.com

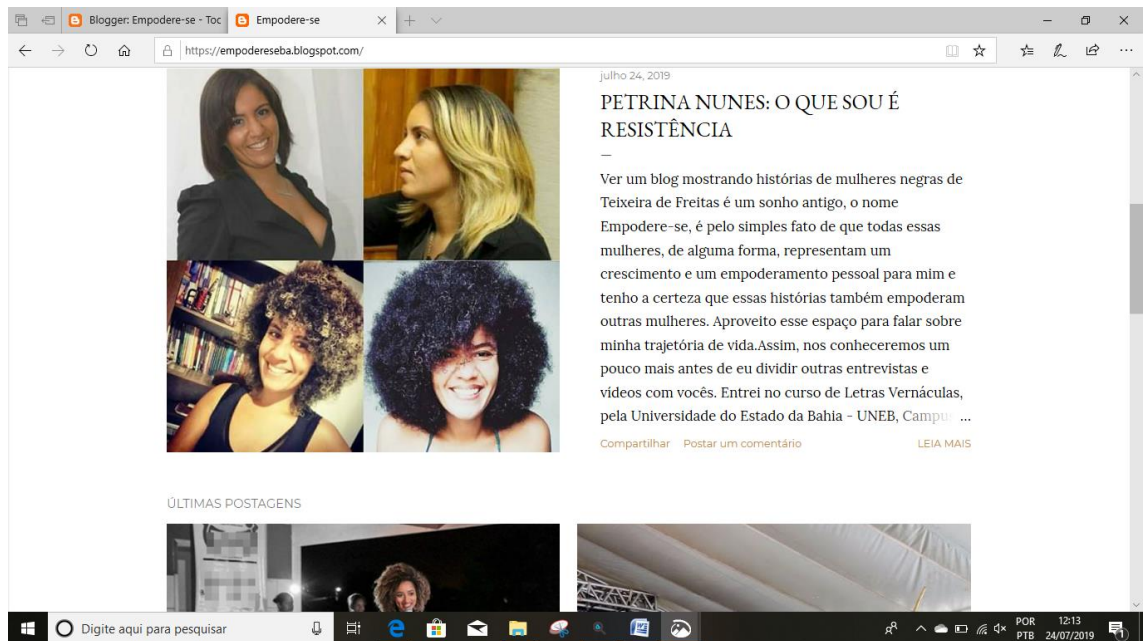
Além das participantes da pesquisa, que fazem parte da análise, acrescentei algumas postagens complementares. Um vídeo com minha colega de mestrado, Jéssica Silva, no qual ela fala sobre a história do Movimento Feminista Negro no Extremo Sul Baiano. E outra postagem com minha história de vida e acadêmica.

Imagem 9: Vídeo de Jéssica Silva



Fonte: empodere-se.blogspot.com

Imagem 10: História da Blogueira



Fonte: empodere-se.blogspot.com

O blog *Empodere-se* foi feito no site do *Blogger*, que é uma plataforma digital controlada pelo *Google*. De acordo com os requisitos de segurança, é necessário um *login* e senha para controlar o conteúdo do *blog* e o *Blogger* não se responsabiliza pelo teor das postagens. As configurações são públicas, sendo possível que as pessoas tenham acesso ao conteúdo, independente de ter uma conta no *Google*. Na página de postagem, não há controle de caracteres, o que possibilitou colocar textos grandes.

Ainda há a possibilidade de republicação/compartilhamento em mídias sociais, ou seja, a pessoa que ler/ver o conteúdo do *blog*, também pode compartilhar em outros meios de comunicação. O conteúdo pode ser visto em computadores, celulares e *tablets*, sendo que o *design* é adaptável a cada um desses. O leitor também tem como dialogar com o *blog* fazendo comentários nas matérias.

Parte 3

Empoderamento

Esta parte do memorial trata das discussões teóricas sobre empoderamento feminino negro e ADC. Na parte sobre metodologia de pesquisa, ‘Parte 2’, foi possível visualizar o produto final que este memorial descreve, o *blog Empodere-se*. Para chegar até ele, o levantamento teórico incluiu compreender a luta sobre empoderamento feminino, a realidade da mulher negra hoje e algumas discussões acerca de discurso, interdiscurso e análise do discurso. Esse percurso teórico será exposto brevemente nesta parte.

A palavra empoderamento ficou bastante conhecida entre os grupos feministas, especialmente, de mulheres negras. Empoderar não é dar poder, mas fazer com que se reconheça existente, no caso das mulheres, o processo de empoderamento no contexto social inclui a luta por salários iguais, ou pela conscientização de que não existe apenas um ‘tipo’ de mulher que deva ser considerada esteticamente bonita, para que ninguém queira se mutilar para se encaixar em um perfil considerado padrão. De acordo com Fernanda Fonseca (2010), “empoderamento é um processo de conquista, uma luta pelos direitos e contra as desigualdades, que depende tanto do ambiente quanto do indivíduo. Um constante exercício pela possibilidade de conquistar direitos e cidadania e não o poder em si” (p. 36).

Para iniciar o debate sobre empoderamento das mulheres negras no Brasil é necessário pensar criticamente os estereótipos, as violências, as lutas, a realidade sócio-econômica, a visibilidade ou apagamento midiáticos, dentre outros fatores históricos e atuais.

Por que tratar a ‘mulher negra’ como uma categoria separada dentro do feminismo? Os problemas historicamente enfrentados pelas mulheres brancas em nossa sociedade não são os mesmos enfrentados pelas mulheres negras. As mulheres negras entram no território nacional trazidas para a realização do trabalho escravo. A violência física e sexual marcaram o início da história da mulher negra no Brasil e ainda perpetua o alto índice de violência contra essas mulheres, como está exposto na parte de dados, adiante.

Bell Hooks, em *O feminismo é pra todo mundo*, reflete sobre a exclusão da pauta do feminismo norte americano a realidade de mulheres negras. No Brasil, não tem sido diferente, por esse motivo, considero pertinente o trabalho da autora. Para ela, o feminismo estadunidense, mesmo tendo participado da luta antirracista “não significa que desapegaram

da supremacia branca, da noção de serem superiores às mulheres negras, mais informadas, mais educadas, mais preparadas para ‘liderar’ o movimento” (HOOKS, 2018, p. 69). Esta reflexão sobre feminismo negro será retomada nas análises.

Quando ocorreu a abolição, as mulheres negras continuaram a realizar os trabalhos pesados, viver uma solidão afetiva e sem direito a educação, dentre outros. Silvana Silva (2011c), na introdução de seu artigo, faz uma reflexão sobre o quadro *A Redenção de Cam*, de 1895, no qual há uma mulher negra com uma criança branca no colo, que retrata o processo de branqueamento a que sociedade se submeteu, junto à divulgação de teorias racistas difundidas no Brasil.

Maria Lúcia Rodrigues Müller, em *A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República*, também chama a atenção para esse momento em que a preocupação com a construção de uma identidade brasileira pautada na descoberta das raças, difundia a supremacia branca, fato que tinha a colaboração de médicos, educadores e juristas:

Ora, na interpretação dos médicos brasileiros, negros e indígenas não eram somente inferiores, mas também sua miscigenação com o branco contribuía para degeneração da “raça neolatina”. A ênfase no combate aos vícios, que se verifica nos programas de ensino de moral e cívica, nas primeiras décadas do século XX, tem a influência desse pensamento médico. Tais vícios deveriam ser combatidos desde a infância. (MÜLLER, 2016, p. 397)

Era por meio da educação que se pensava combater ou conter a multiplicação das raças consideradas inferiores, como ainda hoje inflama nas ruas brasileiras, disfarçadas na negação da existência do problema tão evidente. O racismo no Brasil sempre foi um racismo que negou sua própria existência, o que prejudica o amplo debate sobre o tema.

Silvana Silva (2011c) diz que, em um primeiro momento, a mestiçagem⁷, a mistura entre as raças branca, negra e indígena, era vista de forma negativa em nosso país, pois acreditava-se que a mistura entre elas resultaria em seres inferiores. Assim como o cruzamento de um cavalo com um asno resulta na mula que é um animal estéril, as teorias

⁷ Não é uma preocupação deste material tratar dos elementos que implicam a mestiçagem, mas recomendamos a leitura do artigo ‘Mestiçagem ou pluralismo étnico? Modelos de integração nacional no Brasil e no Peru’, no qual o autor, o professor Bruno W. Speck da Universidade Estadual de Campinas, traça as etapas pelas quais sociedades latino-americanas passaram em torno da construção (arrisco dizer, ainda em formação) de suas identidades nacionais, pautadas, dentre muitos fatores, em uma antropologia racista. Neste memorial, proponho um trabalho apenas com a raça negra e cito a mestiçagem como um processo pelo imposto, fisicamente ou ideologicamente, a mulheres negras, vitimando-as, trazendo sérios problemas ao autorreconhecimento e autoafirmação étnica de mulheres negras que, pela popularização da exaltação do ‘mestiço’ negam ou, em vaga hipótese, desconhecem sua identidade.

racistas alegavam que o relacionamento entre branco e negro resultaria em um ser estéril, daí a origem da palavra ‘mulata’ que vem de mula. Neste trabalho, uso o termo negra, com mulheres que se autodeclararam negras e reconhecem a importância da utilização desta palavra.

Essas ideias cresciam com os avanços dos estudos racistas. “O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando os ideários liberais ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias” (SILVA, 2011c, p. 162). É claro que o racismo privilegiava apenas as raças brancas, consideradas superiores, e estigmatizava a raça negra, de origens africanas, considerada inferior e fadada à ignorância e escravidão.

A valorização da mestiçagem e a tentativa de branqueamento nacional, de certo modo, atenuavam o racismo científico dominante. “Passa-se, então, para um segundo momento no qual o mestiço deixa de ser visto como ‘atraso’ para o país e passa a representar o símbolo do ‘verdadeiro’ cidadão brasileiro, refletindo a influência do pensamento de Silvio Romero”(SILVA, 2011c, p. 163). Se, antes, o mestiço significava um erro, agora passa a ser um sinal de esperança para aqueles que buscavam o branqueamento nacional. “O mestiço passa, então, de elemento que ‘destruía’ o país por ser um ‘atraso’, para o papel de ‘salvador da pátria’, por meio do elogio a mestiçagem”(SILVA, 2011c, p. 163). A mestiçagem era considerada a melhor saída para uma homogeneidade do país.

E qual o papel da mulher negra dentro desse quadro do processo de branqueamento nacional? A mulher negra figura como laboratório para os experimentos, pois através do uso do seu corpo, do seu útero, que acontece a miscigenação brasileira. Não apenas a mulher negra, como também as índias eram usadas para o branqueamento nacional. Os homens negros, índios e mestiços eram excluídos desse processo de branqueamento. Os homens negros eram reservados ao mundo do trabalho, “estando deslocados do mundo do afeto e prazeres em geral”(SILVA, 2011c, p. 167).

Esse deslocamento histórico sobre o projeto de branqueamento nacional foi para começar falar de uma das grandes dificuldades linguísticas em minha pesquisa: mulheres que se autodeclaravam negras. Até chegar as mulheres selecionadas para compor esta pesquisa, encontrar a palavra ‘negra’ no vocabulário das mulheres negras, principalmente as pobres e com baixa escolaridade, durante a pesquisa, foi muito difícil. Muitas, inclusive, questionavam eu me assumir negra, pois achavam que a minha pele, por não ser retinta, era motivo

suficiente para eu dizer: morena. Passamos a refletir sobre as palavras neste processo no próximo tópico.

3.1 Palavra de cinco letras difícil de falar: negra

A autoafirmação identitária no Brasil passa por esta dificuldade lingüística: afinal, qual a palavra mais apropriada para cada pessoa, morena, parda, preta, afrodescendente, afro-brasileira, mulata? Já falei sobre mulata (que vem de mula), então, façamos uma reflexão sobre os outros termos. Morena e parda fazem referência a miscigenação, a mistura da raça branca e negra. Ambas as palavras dão ênfase numa mistura de raças e ignoram a necessidade de se identificar com uma etnia, além de omitirem o real processo da formação do povo brasileiro, pautado no ‘racismo à brasileira’⁸, um racismo que, como já enfatizei, nega sua existência, impedindo de tratar seriamente as discrepâncias sociais existentes entre brancos, negros e índios em nosso país, extinguindo debates urgentes, como o genocídio do povo negros ou o assalto a terras indígenas.

A universalização da branquitude muitas vezes faz passar despercebido que pessoas brancas são, naturalmente, chamadas de brancas, mas quando se fala em negritude no Brasil, muitas palavras surgem e há quem acredite que falar a palavra negro pode ser ofensivo, preferindo usar sinônimos que, para eles, amenizariam a condição étnica, incluindo, muitas vezes, o diminutivo na palavra (neguinha, pretinha, moreninha, dentre outras).

A escolha entre as palavras ‘negro’ ou ‘afro-brasileiro’ revelam resultados de entendimento da luta negra sobre afirmação de uma identidade brasileira. Rocha (2016) vai tratar das implicações dos termos ‘preto’, ‘negro’ e ‘afrodescendente’ em nossa sociedade. Para o autor, a palavra preto vem carregada de significações negativas, como as presentes em frases costumeiras “a coisa está preta”; “a situação está preta”. A mesma coisa acontece com a palavra ‘negro’:

Ao se referir às valas de esgotos à céu aberto, se afirma: “valas negras”. Na camada de ozônio vai-se falar do “buraco negro”; em relação ao câmbio não oficial o termo utilizado comumente é “câmbio negro”; ainda encontramos o “setembro negro”; “as nuvens negras”; “um dia negro” “a lista negra”; “a alma negra”; “a fome negra”; “viúva negra” e tantas outras situações (ROCHA, 2016, p. 899).

⁸ Li esse termo no artigo escrito por Maria Lúcia Rodrigues Müller (2016)

Apesar disso, os grupos de luta contra o racismo buscaram, ao longo da história, a afirmação de uma identidade negra, com valorização da cor e dos traços, além da cultura de descendente de africanos, voltados para uma identidade brasileira, acima de tudo, em que não fosse só baseada no “moreno” ou na “mulata”, na cor e etnia negra.

O termo negro, ao longo da história, passou por um processo de desconstrução e ressignificação terminológica, buscando superar o caráter pejorativo impregnado na palavra. E a busca de um termo que trouxesse a significação que o ser negro pertence a uma linhagem de origens africanas faz com que apareçam as terminologias “afrobrasileiro” ou “afrodescendente”.

Em sendo essa origem motivo de orgulho, por que então não dizer-se negro sim, mas agora com o significado terminológico de afro-brasileiro. Essa concepção vai embasar um processo de construção de identidade negra no país. É mais que uma consciência negra individual. Trata-se de uma consciência negra coletiva construída associada às origens com o toque de brasilidade (ROCHA, 2016, p. 901).

Os termos que trazem a palavra “afro” designam um orgulho de pertencer as matrizes africanas, mas também apresentam característica de exclusão daqueles que buscam matrizes brasileiras, de uma cultura genuinamente brasílica. O termo “negro”, no entanto, caminha para superar todos os sinônimos negativos do passado e afirmação de uma identidade brasileira e negra, incluindo aqui os que são denominados de “moreno”, “mulato” ou “pardo”, e se afirmam negros. Ou seja, os não-brancos e não-índios que se identificam com a raça e etnia negra.

Quando completou 100 anos da promulgação da Lei Áurea, 1988, foi forte o debate, no Brasil, sobre o significado de ‘negritude’, um dos estudos da época é o livro “O que é negritude”, de Zilá Bernd, resultado da tese de doutorado da autora. Abaixo, transcrevo o que ela escreveu no tópico “O(s) conceito(s)”:

Cumprе ressaltar que o movimento [negritude] surgido por volta de 1934, em Paris, e que foi definido pelo poeta antilhano AiméCésaire como uma “revolução na linguagem e na literatura que permitiria *reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo*”, só foi batizado com o nome de *negritude* em 1939, quando ele é utilizado pela primeira vez em um trecho de *Cahier d’un retouraupays natal* (“Caderno de

um regresso ao país natal”), poema de Césaire que se tornou a obra fundamental da negritude.

É interessante lembrar também que a palavra *négritude*, em francês, tem uma força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para ofender o negro, uma vez que existe a palavra *noir*. A idéia (sic) foi justamente assumir a denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-lo com orgulho e não mais com vergonha ou revolta. Essa foi uma estratégia para desmobilizar o adversário branco, sabotando sua principal arma de ataque – a linguagem – e provando que os signos estão em permanente movimento de rotação. Logo, os signos que nos exilam são os mesmos que nos constituem em nossa condição humana. (BERND, 1988, p. 17-18)

A autora, na época da escrita do livro, ainda carregou o texto de informações preconceituosas, expondo o movimento de negritude como acabado ou acabando, no Brasil, porém, fez um percurso histórico para encontrar a origem lexical do termo, e essa última parte que foco. Ela afirma que o não se sabe quando exatamente começou a ser falado, porém, na América, o movimento de negritude iniciou no Haiti, em 1804, com a luta pelo fim da escravidão.

Um posicionamento crítico e que melhor dialoga com este trabalho, a respeito da negritude, está na obra do estudioso da República Democrática do Congo, naturalizado brasileiro, Kabengele Munanga, no livro *Negritude: usos e sentidos*. Antes de se adentrar ao termo negritude, o autor faz uma introdução a respeito da identidade, ou da busca por um estudo de identidade, negra. Para o autor, a identificação de um grupo de afinidades culturais deveria passar pelo fator histórico, fator linguístico e fator psicológico. Para se chegar a uma identidade racial, os critérios raciais deveriam ter em sua base um posicionamento ideológico e político, pois apenas a definição de cor da pele, ou localização geográfica, não dão conta de explicar a formação de identidade.

Neste ponto da discussão, faz necessário ressaltar ao leitor que este trabalho não entende negritude como um movimento ao lado do movimento de ‘branquitude’, entendendo este último como movimento de brancos, ou qualquer outro movimento de raça que possa surgir. Como coloca Munanga (2012), tomando historicamente, a negritude é uma resposta a agressão racial branca, sendo assim, só é possível compreender se aproximar do racismo do qual é consequência.

Kwame Anthony Appiah (1997) reflete sobre o conceito de raça: muitas vezes, fala-se de raça apenas pelas diferenças biológicas, de classes sociais ou nacionalidade. Mas se pensara divisão de grupos geográficos, perceber-se muitas diferenças dentro de um mesmo grupo. Appiah faz reflexões tanto da ordem social quanto histórica para que comece a pensar sobre raça. O que nos importa aqui é, sobretudo, pensar sobre raça, não negar a existência do conceito e das diferenças, pois corre-se o risco de, ao negar a existência das raças, cair no discurso racista da negação dela, afirmando que existe apenas uma raça, a humana, e desconsiderando todas as implicações ancestrais, históricas, sociais, biológicas, dentre outras, que o estudo sobre raças pode abarcar.

Por muitos séculos a população negra foi alvo de nomeação dada pela população branca, e pensar o movimento de autoafirmação, autonomia e emancipação negra, desde o período pós-escravagista, ainda assusta muitas pessoas. Achile Mbembe (2001) fala sobre esse movimento com os povos africanos, que aqui compreendemos como algo para toda a população afrodescendente.

Nas narrativas africanas dominantes sobre o *self*, é a raça que torna possível fundamentar não apenas a diferença em geral, mas também a própria idéia de nação, já que se consideram os determinantes raciais como a base moral para a solidariedade política. Na história do ser africano, a raça é o sujeito moral e ao mesmo tempo um fato imanente da consciência. Os alicerces fundamentais da antropologia novecentista, ou seja, o preconceito evolucionista e a crença na idéia de progresso, permanecem intactos; a racialização da nação (negra) e a nacionalização da raça (negra) caminham lado a lado. Seja na negritude ou nas diferentes versões do pan-africanismo, a revolta não é contra o pertencimento africano a uma outra raça, mas contra o preconceito que designa a esta raça um *status* inferior. (MBEMBE, 2001, p. 183)

Pensar as implicações de raça é fundamental para iniciar uma descolonização do saber, sobretudo, descolonização dos movimentos de luta, mesmo o feminismo, que é tão importante, mas que tenho a consciência que não posso tratar aqui apenas do feminismo branco, que, muitas vezes, excluem de suas bandeiras as necessidades da luta da mulher negra.

Coloco em evidência as consequências do racismo para a raça negra, afrodescendente, é importante lembrar que não fomos os únicos a sofrer com isso. Andre Ricardo Nunes Martins (2012) lembra que o racismo também foi uma das ideologias que contribuíram para o genocídio dos judeus, ciganos e outros, durante a Segunda Guerra Mundial. O autor traz essa

definição para o âmbito geral das relações de poder envolvendo raça que oprimem, discriminam ou desfavorecem um determinado grupo de pessoas para favorecer outros, com base em critérios étnicos para tal divisão.

A pesquisa desse autor também utiliza da Análise de Discurso Crítica, tendo como principal referencial teórico a abordagem sociocognitiva de van Dijk⁹. Martins nos traz uma reflexão sobre a palavra racismo, para ele existe ‘racismo’ e ‘racismos’, no plural:

É útil debater a distinção entre racismo e racismos. O termo, no singular, aplica-se à ideologia racista que envolve a justificação da diferença entre as pessoas com base em distinções de apelo racial e é usada para legitimar relações de dominação ou as desigualdades no acesso ao poder e a recursos materiais e simbólicos. O termo no plural volta-se para a manifestação concreta do racismo de acordo com referenciais ou recortes distintos. Assim é que haveria um racismo contemporâneo ou novo em contraposição a um racismo velho, de apelo científico. Uma variante do eurocentrismo, isto é, a supervalorização da cultura e da estética branca européia – dominante nas elites brancas do continente americano – seria, portanto, um caso concreto de racismo e que atinge milhões de pessoas. O racismo simbólico ou discursivo teria a ver com a prática do racismo no domínio do discurso, da formulação de representações (sentidos e imagens). Já o racismo cotidiano implicaria a noção de práticas racistas institucionalizadas no dia-a-dia das pessoas.

Independente da concepção que ele usa, é possível observar que o discurso sobre o racismo, seja qual for a definição que está por trás, é um poderoso instrumento de abuso de poder dentro das relações sociais. Uma variante de formas de colonização, afinal, apenas uma raça e uma comunidade étnica continuaria com o lado positivo das implicações de uma divisão da pirâmide social baseada na raça.

Familiarizar com os conceitos envolvendo a discussão sobre raça foi um começo para entender o movimento de negritude no processo de empoderamento. No recorte de discussão deste memorial, como dito acima, o conceito trabalhado por Munanga (2012) mais se aproxima do debate com empoderamento feminino negro hoje, por isso, na análise será possível voltar a esse autor e outros que propõem um antirracismo numa posição crítica e decolonial. Porém, nem sempre os conceitos expõem de forma evidente a realidade que estamos querendo tratar, por isso, na próxima subdivisão, vamos ver alguns dados atuais sobre a condição da mulher negra no Brasil.

⁹ Também cito o trabalho do vanDijk neste memorial, porém, por uma questão de abordagem teórico-metodológica, ele não é nosso principal referencial teórico. Mesmo assim, acreditamos que o trabalho dele sobre Discurso e Racismo tem sido de grande contribuição para os linguistas que se interessam com abordagens sociais.

3.2 Mulheres negras no Brasil, hoje

O foco desta pesquisa é o relato de vida de mulheres negras moradoras de Teixeira de Freitas, no entanto, as situações relatadas por elas não estão distantes do que é vivenciado pela maioria das mulheres negras brasileiras. Não se trata de tê-las como ‘amostragem’ nacional, mas, para compreensão do contexto do qual as mulheres que fazem parte desta pesquisa estão inseridas, coloquei dados estatísticos nacionais recentes.

Mais do que isso, estes dados apareceram em alguns momentos das análises na Parte 4 evidenciando as condições de produção dos discursos. Mostrando que as formações discursivas (de teor empoderador ou não) são construídas como resposta ou como continuidade a uma realidade social, econômica, educacional e outras, no qual a mulher negra brasileira aparece como dado estatístico.

Começando pela escolaridade, em pesquisa realizada pelo IPEA entre 1995 a 2015, houve uma diminuição do índice de analfabetismo entre mulheres de 15 anos ou mais, porém, as mulheres negras ainda continuam como maioria analfabeta: em 1995, a taxa de analfabetismo entre as mulheres brancas era de 10,1%, e entre as mulheres negras, 23,1%; em 2015, havia 4,9% de mulheres brancas analfabetas e 10,2% mulheres negras na mesma situação, ou seja, manteve o índice sendo mais do que o dobro de mulheres negras.

A média de anos de estudo cresceu para todas as mulheres, mas a diferença de escolaridade entre negras e brancas permanece. Em 1995, mulheres brancas tinham em média 6,1 anos de estudo, e mulheres negras, 4,2. Em 2015, a média de anos de estudo das mulheres brancas cresceu para 8,5, enquanto as mulheres negras têm, em média, 7,1 anos de estudo. (LIMA, 2017, s/p)

Esse indicador é fundamental para entendermos por que demorou-se a falar sobre Feminismo Negro no Brasil. Iniciou-se a falar sobre o tema na década de 80, porém, influenciado por mulheres negras estadunidenses e outras estrangeiras. Somente a partir dos anos 2000, com maior número de mulheres negras tendo acesso a educação superior (e é nas Universidades onde esse tipo de discussão acontece com maior fervor) que começa a formar intelectuais negras e feministas para falar sobre o tema e levar isso a conhecimento da população.

Sobre trabalho, emprego, desemprego e renda da mulher negra, em 2016, o IPEA publicou que as mulheres negras recebem em média 40% do que recebe um homem branco, no Brasil. O IBGE, em 2009, publicou o resultado da pesquisa em que as mulheres negras eram a maioria no quesito desemprego, com 31,6%; quando empregadas, em 70% dos casos, as mulheres negras estão em serviços precários. Das 4 participantes desta pesquisa, duas relataram situações de preconceito ao procurarem emprego e uma delas nunca teve um trabalho formal (carteira assinada e outros direitos trabalhistas).

A Agência Patrícia Galvão fez um dossiê em 2016 apontando dados sobre a violência contra a mulher negra no Brasil, que representam: 58,86% das vítimas de violência doméstica; 53,6% das vítimas de mortalidade materna; 65,9% das vítimas de violência obstétrica; e, 68,8% das mulheres mortas por agressão. Além disso, o dossiê apontou que as mulheres negras têm duas vezes mais chances de serem assassinadas do que as mulheres brancas.

De 2006 a 2016 houve queda de 8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram em 15%. De acordo com a Agência Brasil

Em 12 estados, o aumento da taxa de homicídio de mulheres negras foi maior do que 50%, sendo dois deles superior a 100%, Amazonas e Rio Grande do Norte. Em Roraima o aumento de assassinatos de mulheres negras em 10 anos foi de 214%. Goiás apresenta a maior taxa de homicídio de negras, com taxa de 8,5 por grupo de 100 mil. No Pará foram assassinadas, em 2016, 8,3 mulheres negras para cada grupo de 100 mil e em Pernambuco a taxa ficou em 7,2. São Paulo, Paraná e Piauí tem as menores taxas de homicídio de mulheres negras do país, com 2,4, 2,5 e 3,4 por 100 mil, respectivamente. Em sete estados houve redução da taxa no período, entre 12% e 37%. (NITAHARA, 2018, s/p)

Nem sempre os números refletem violência física, ou de ordem sócio-econômica, muitas vezes, surgem inimigos invisíveis, igualmente violentos e dolorosos, como a falta de afetividade. A primeira vez que vi dados sobre a solidão da mulher negra, foi na revista eletrônica Geledés, de 2016, chamou-me a atenção, estava escrito: ‘A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado’, resultado de uma pesquisa da ativista do Feminismo Negro, Stephanie Ribeiro, que afirmou que 52,52% da população negra feminina vive um celibato definitivo.

Após a leitura, comecei a perceber que, quando crianças, as meninas negras chegam à escola e lhe falta o afeto da instituição, dos professores, dos colegas. Na adolescência, o número de meninas negras que engravidavam e eram abandonadas também era muito alto. Na

idade adulta e na velhice, era muito raro eu ver uma mulher negra casada, dessas, muitas tinham tido vários filhos de vários relacionamentos e vários abandonos, consequentemente. E o pior, é que eu não conhecia nenhuma mulher negra do meu convívio que havia se casado, nem na igreja (cristã), nem judicialmente.

Mas minhas percepções de vida não tinham nenhum embasamento teórico, eu via (e vivo isso), mas não sabia explicar durante minha adolescência de onde vinha essa solidão afetiva e amorosa que a mulher negra era submetida. Não conhecia pesquisas sobre o assunto. Com os anos, esses dados também chamaram a atenção de pesquisadores, e resultou em pesquisas como a elaborada por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), descrita em seu livro *Mulher negra: afetividade e solidão*.

Brasil, país de base patriarcal e sexista, o número de mulheres sozinhas é muito alto, especialmente, após os 30 anos. Os dados são maiores entre as mulheres negras, resultado de uma cultura escravista que colocou o corpo da mulher negra como produto (ou subproduto) do mercado sexual ou do servilismo profissional. Quando não nos constroem estereótipos de mulatinha, representante do mercado sexual brasileiro, estando no imaginário popular como a doméstica, a empregada, ou qualquer outro trabalho pesado e de baixa renda.

A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (PACHECO, 2013, p. 25)

O abandono mostra-se não apenas no nível social, mas no campo invisível dos sentimentos. Não entender isso como consequência de uma sociedade racista, é negar fatos, dados. Perceber isso é um caminho fundamental para o processo de empoderamento, pois, mesmo sabendo do que nos cerca, empoderar também é levar outras ao empoderamento, ou seja, não apenas pensar casos isolados, mas vê isso refletido em toda uma comunidade de mulheres negra que carregam marcas que, muitas vezes, é difícil para ela explicar, e acabam por se culpar por isso. As mulheres mais velhas participantes desta pesquisa relataram que estão solteiras/sozinhas.

Mesmo que a mídia tenha tratado de forma tímida esses problemas, ainda não traz um espaço aberto para discussão. No *blog Empodere-se*, sendo espaço de voz às mulheres negras para falarem sobre o assunto, será possível fazer dele um canal de debate, para não apenas

refletir isoladamente sobre o problema, mas pensar na solução, ou na conscientização da existência dessas e de outras violências.

3.3 ADC enquanto método e teoria de pesquisa

O conceito principal deste trabalho é o de ‘discurso’, a partir de sua compreensão é possível refletir acerca dos discursos sobre empoderamento e ancestralidade negra no Brasil. Também é por meio do conceito de ‘discurso’ que proponho como categoria analítica a ‘interdiscursividade’, conforme Fairclough (2003).

Destaco que em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2016[1992]) faz uma introdução ao que ele chamou, à época, de ‘Teoria social do discurso’. Segundo ele, essa teoria caminharia para uma proposta de pesquisa científica social como base para um estudo da mudança social. O autor trabalha, neste livro, com o discurso em um modelo tridimensional, compreendido através do texto, como prática discursiva e prática social.

Para o autor o termo discurso considera “o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2016[1992], p. 90). Isso implica dizer que o discurso é moldado a partir de uma determinada estrutura social, e que, por meio do discurso, as pessoas podem agir sobre o mundo, ou seja, o discurso é um elemento imprescindível para uma mudança social.

Devido a essa concepção que o autor tem sobre discurso, que o escolhemos a sua abordagem da ADC para ser a teoria basilar das análises que seguem. Se por meio do discurso o indivíduo pode entender e mudar seu lugar no mundo, é, também através do discurso que as relações sociais se constroem, se mantêm ou são rompidas. Ao identificar os discursos (as relações interdiscursivas e atravessamentos discursivos) presentes nas entrevistas, também destacamos qual a relação social que as mulheres participantes da pesquisa remetem. Por exemplo, o discurso meritocrata quando uma das entrevistadas fala sobre trabalho infantil.

A primeira publicação do livro *Discurso e mudança social* ocorreu em 1992, um ano após a ADC ser cunhada como paradigma de pesquisa no simpósio realizado em Amsterdã, do qual reuniram-se pesquisadores de diferentes abordagens de análises críticas da linguagem, dentre eles, Norman Fairclough, Ruth Wodak, Theo van Leeuwen e Teun van Dijk. Em 2001,

Fairclough reformula o seu trabalho com a linguagem e passa a trabalhar com um novo modelo de análise discursiva que busca ser transdisciplinar.

Neste ponto de transdisciplinariedade da ADC, ao realizar a verificação do estado da arte, percebemos que diversas áreas do conhecimento têm utilizado enquanto método de pesquisa e como referencial teórico, principalmente, aquelas que caminham pelo campo das ciências sociais e humanas, de caráter crítico em pesquisas de cunho qualitativo.

A abordagem de Fairclough (sistêmica-funcional) baseia-se, como o nome lembra, na Linguística Sistêmica Funcional. Em sua última reformulação da teoria, Fairclough (2003) trabalha o conceito de discurso, um dos elementos das práticas sociais, atrelado aos modos de agir, representar e ser. O resultado dessa interação entre discurso e prática social resulta em três significados: acional (ação e gêneros), representacional (representação e discursos) e identificacional (identificação e estilos). Dessa forma, a análise discursiva proposta por Fairclough não dissocia de eventos e práticas sociais, pois se articulam no texto. Mesmo assim, como coloca Ramalho e Resende (2006), o autor não abandona a concepção funcionalista da linguagem: “Gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas –, por isso a operacionalização desses conceitos mantêm o cerne do pensamento de Halliday [autor da área da Linguística Sistêmico-Funcional]” (RAMALHO; RESENDE, 2006, p. 61).

Há outras abordagens da ADC que dialogam com este memorial. Cito, por exemplo, o trabalho de Teun A. vanDijk, em sua abordagem sociocognitiva da ADC, que se insere entre os pesquisadores decoloniais da América Latina. Este autor também já foi citado neste memorial, por conta de sua obra *Racismo e Discurso na América Latina*, na qual ele reúne trabalhos de diversos pesquisadores do universo discursivo sobre racismo nos países latinos. A obra de van Dijk se encaixa no que ele chamou de Estudos Críticos do Discurso.

Em 2003, Fairclough apresenta o conceito de discurso em dois sentidos: um mais abstrato, em que ‘discurso’ aparece significando um dos elementos das práticas sociais; e, em um sentido menos abstrato, ‘discursos’ (no plural) aparece significando as formas particulares de representar aspectos do mundo. ‘Discursos’ são vistos

(...) como modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social. Aspectos particulares do mundo devem ser representados diferentemente; assim nós estamos geralmente na posição de ter de considerar a relação entre diferentes discursos. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124)

É importante frisar que os três significados aparecem simultaneamente nos textos e dialogam entre si, essa divisão, no entanto, facilita o trabalho do analista para sistematizar, fazer divisões e propor novas categorias analíticas dentro desse quadro funcional de trabalho. Em análises discursivas críticas, cada um deles podem apresentar suas próprias categorias analíticas. Neste memorial, optamos trabalhar apenas com o *significado representacional* e observamos as relações interdiscursivas presentes no texto a ser analisado, isso por conta da delimitação de páginas e também pelo fato do objeto analisado propor um trabalho com essa categoria analítica.

Segundo Fairclough (2003), a análise interdiscursiva de um texto é a análise de um conjunto de gêneros, de discursos e de estilos sobre os quais está estruturado, e à forma como cada um deles está articulados em um texto. Sobre esse aspecto, Ramalho e Resende (2006), observam que:

Embora a interdiscursividade envolva hibridizações não só de discursos, mas também de gêneros e estilos, frequentemente pela análise da interdiscursividade investigamos discursos articulados em textos e suas conexões com lutas hegemônicas mais amplas. (RAMALHO; RESENDE, 2006, p. 142)

Em alguns momentos das análises na Parte 4, será possível empreender um diálogo entre as falas das entrevistadas, dos quais destaco os discursos, e as relações de poder e de abuso de poder por trás do discurso. Além disso, procurei enfatizar os discursos que contribuíram para o empoderamento pessoal das mulheres participantes desta pesquisa.

No livro *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*, Resende e Vieira (2016) debatem sobre a ADC como abordagem teórico-metodológica para estudos do discurso, com isso, percebi que o universo da ADC estava ultrapassando os limites da linguística, puramente, para entrar como base metodológica de muitos trabalhos de cunho qualitativo.

Para as autoras a ADC “em um sentido amplo, refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (RESENDE, VIEIRA, 2016, p. 14). Refletindo acerca do conceito, a crítica da ADC volta-se para a identificação e questionamento sobre as relações de poder e, principalmente, abuso de poder. E seu caráter ‘interdisciplinar’, ou transdisciplinar - como coloca Costa (2009) e eu prefiro tratar desse modo -, está no “rompimento de fronteiras epistemológicas” (RESENDE, VIEIRA, 2016, p. 15).

Independente da abordagem que se propõe trabalhar, é fundamental que a pessoa entenda que, para a ADC, as questões sociais são também questões discursivas. Se a linguagem, a comunicação, o discurso são parte irredutível da vida social, logo há uma “relação interna e dialética entre linguagem e sociedade” (RESENDE, VIEIRA, 2016, p. 15).

Dito os pressupostos basilares, parto para o foco no trabalho aqui desenvolvido¹⁰: o diálogo entre a ADC e o discurso sobre empoderamento feminino negro. Para Resende e Vieira (2016), dentro do paradigma de investigação da pesquisa qualitativa, a ADC fornece subsídios para o tratamento do material empírico ‘texto’, sendo que, por texto, considera-se documentos oficiais, peças publicitárias e entrevistas, por exemplo.

Pensar criticamente a respeito dos discursos reproduzidos pelas mulheres entrevistadas, resulta no realce de discursos que tem contribuído para a luta e resistência da mulher negra, assim como na identificação, também, de discursos que tem atrapalhado a mulher negra a ocupar espaços de poder. Esse posicionamento do analista diante do material de análise, que o aproxima e o faz posicionar criticamente, e, por que não, politicamente, diante dos textos está previsto na construção da teoria.

Sabemos que a ADC ocupa-se de efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre relações sociais, ações, interações, pessoas e mundo material. Suas preocupações direcionam-se a sentidos que possam atuar a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, seja contribuindo para modificar ou sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimento, crenças, atitudes, valores, ou mesmo “para iniciar guerras, alterar relações industriais”, como exemplifica Fairclough (2003a, p. 8). À ADC também interessa o papel do discurso na mudança social, os modos de organização da sociedade em torno de objetivos emancipatórios. **Esse foco de atenção insere a ADC em um paradigma interpretativo crítico, pelo qual intenta oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração/ manutenção/ superação de problemas sociais.** (RESENDE, VIEIRA, 2016, p. 77, grifos meus)

O pesquisador que se insere na ADC, dessa forma, deve entender que o analista também tem sua função social.

Para planejar uma pesquisa em ADC, deve seguir quatro passos elencados por Resende e Veira: “(1) decisões de caráter ontológico; (2) decisões de caráter epistemológico;

¹⁰ Não foi proposta desse memorial tecer grandes considerações a respeito da teoria ADC. Na parte da análise, apresento conceitos que auxiliaram no tratamento do *corpus*. Recomendo a leitura de Fairclough (2016[1992]) que foi traduzida para o português por Izabel Magalhães, e Fairclough (2003). Para as pessoas que estão iniciando na ADC, recomendo também o livro *Análise de Discurso Crítica*, de Ramalho e Resende, no qual as autoras trabalham os conceitos da ADC de origem britânica.

(3) decisões de caráter metodológico voltadas às estratégias para coleta/geração de dados; (4) decisões de caráter metodológico voltadas às estratégias para sistematização e análise de dados” (RESENDE, VIEIRA, 2016, p. 78).

Tanto as autoras Resende e Vieira (2016), quanto esta pesquisa, se apoia na Teoria Social Crítica, assumindo uma postura ontológica crítico-realista, sendo que, dentro deste memorial, o objeto de pesquisa foi o discurso empoderador de mulheres negras do Extremo Sul Baiano, tendo como objetivo principal enaltecer as vozes através de uma análise interdiscursiva.

Para isso, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de intervenção. Apesar do caráter etnográfico, com a presença das entrevistas, não definimos essa pesquisa como ‘etnográfica’. No livro *Introdução à pesquisa qualitativa*, Uwe Flick diz que a preferência dos pesquisadores que se dedicam as relações sociais a esse tipo de pesquisa se dá devido à pluralidade das esferas da vida que a pesquisa qualitativa abarca. A ‘intervenção’, neste trabalho ocorreu pelas entrevistas e pela criação do *blog*, e também, na primeira fase do projeto, com a oficina.

As entrevistas, como já definidas anteriormente, constituem o *corpus* de pesquisa. Há uma singularidade no mestrado proposto pelo Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais: a exigência de um produto a ser apresentado ao final do mestrado. Além de analisar as entrevistas, também as divulguei no *blog Empodere-se*. Dessa forma, meu *corpus* me obrigou a criar uma metodologia própria e, seguindo a necessidade dele, junto com meu desejo de trabalhar discursos, é que houve a preferência em colocar a ADC como teoria e método de pesquisa.

A multiplicidade de métodos utilizados em uma investigação analítica é algo previsto pela ADC, não apenas pela triangulação de dados, como colocado por alguns pesquisadores, Fairclough, por exemplo, mas pela própria necessidade do *corpus* gerado para se alcançar os objetivos da pesquisa.

As teorias principais utilizadas que formam a base conceitual e nossas escolhas epistemológicas foram citadas durante a escrita deste memorial. Todas elas servirão para alcançar a análise de dados, no qual fizemos a escolha de deixar uma categoria central: a interdiscursividade.

Parte 4

Análise interdiscursiva das entrevistas

As próximas subdivisões deste memorial concentram-se nas entrevistas realizadas com quatro participantes de pesquisa, Pandora, Mirla, Erlita e Maria. No *blog*, coloquei as entrevistas e as imagens das participantes. Neste memorial, coloquei as entrevistas na íntegra (em apêndices) e as análises dos discursos identificados nas entrevistas.

A categoria analítica norteadora dentro de minha proposta de análise discursiva crítica é a interdiscursividade. Tracei estratégias distintas de investigação que serão expostas a cada subdivisão, sendo que não há assimetria no número de divisão por entrevistada, isso porque alguns discursos se repetiram nas falas delas e eu fiz uma escolha por qual evidenciar ou não na análise.

4.1 Pandora: a estética negra

Pandora Ravenna tem 21 anos, nasceu em Vitória (ES) e trabalha com tranças desde os 16 anos. A análise da entrevista com Pandora resultou em três tópicos temáticos que foram assuntos recorrentes durante suas falas e se interrelacionam na busca pessoal de Pandora por sua emancipação financeira e empoderamento. São eles: “origens étnicas e culturais”; “mulher negra e pobre: trabalho, informalidade e maternidade”; e, “transição capilar”. Nos tópicos, eu destaco como outros discursos se relacionam ou atravessam o discurso de Pandora.

O conceito de atravessamento que uso nesta análise, peguei emprestado da AD de linha francesa e foi utilizada pelo professor Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira, em sua dissertação, *Atravessamentos polêmicos em estudos literários*. Segundo ele, os atravessamentos “são constitutivos do imaginário dos sujeitos, podem ocorrer de diferentes formas” (FIGUEIRA, 2007, p. 23). Uma das características é o efeito de opacidade, não ficando evidente para o sujeito que o seu discurso é atravessado por outros discursos.

A concepção de sujeito para a AD francesa é diferente da concepção de ‘sujeito’ da ADC de linha britânica (que eu utilizo neste memorial). No entanto, a maneira de compreender o termo atravessamento não gera conflito entre as teorias, afinal, ambos entendem que podem haver interdiscursos dentro de uma determinada fala e, por diversas questões, nem sempre quem produz o discurso reflete acerca desses atravessamentos.

O que há, efetivamente, são os sujeitos discursivos, afetados pelos esquecimentos e constituídos pelo inconsciente. Esses sujeitos, interpelados por diferentes ideologias, ocupam posições em alteridade, segundo o jogo das formações discursivas que os constituem no atravessamento interdiscursivo de seus dizeres. Este é o sujeito discursivo, ao qual é impossível o controle do que diz e das inscrições discursivas que sua enunciação produz. O sujeito cindido, dividido, fragmentado em sua heterogeneidade, que não é centro nem fonte do que enuncia, aparece, portanto, em seus dizeres como constitutivamente contraditório. Isso explica satisfatoriamente porque um indivíduo pode revelar em seus dizeres posições ideológicas diferentes (inclusive opostas, freqüentemente) àquela que se poderia esperar em função do lugar social que esse indivíduo ocupa no domínio empírico. (FIGUEIRA, 2008, p. 50-51)

Ao observar esses atravessamentos, também é possível destacar os modos de operação ideológica presentes no discurso de Pandora, para compreender as relações de dominação e poder existentes em sua fala. Segundo Thompson, estudar ideologia implica observar “as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2009, p. 76). Só é possível analisar ideologia quando observamos fenômenos simbólicos em seu contexto sócio-histórico, considerando relações de poder. A cada tópico, ressaltaremos as relações ideológicas presentes e como elas se desenvolvem nos interdiscursos atravessados nas falas.

Antes de adentrarmos na análise, destaco que ‘Pandora’ é o nome artístico de Paloma. Quando perguntada sobre seu nome ela fez questão de também falar sobre sua formação cultural. Pandora não nasceu na Bahia, um dos estados com a maior população negra do Brasil, foi para o Estado durante sua infância e reside até hoje. Inclusive, suas raízes maternas são baianas. Ela destaca:

Empodere-se: Vamos lá, todo mundo te chama de Pandora Ravenna, mas qual é o seu nome de verdade, de batismo?

((risos))

Pandora: Meu nome... ai meu Deus! Meu nome é Paloma Saúde Apolinário, natural do Espírito Santo. Sou capixaba de Vitória. Moro em Teixeira. Sou residente em Teixeira, já tem alguns anos. Vim para cá pequena, então me

considero mais teixeirense do que capixaba, mesmo que, querendo ou não, minha cultura, da minha família, são de lá, mas sou daqui, (minha) família por parte de mãe é daqui, todo mundo é daqui. -- Éh::.... Comecei a mexer com beleza desde novinha. -- Um ponto muito importante de ser tocado que eu deixei de falar isso com as meninas, eu trabalho desde os 12 com beleza.

Na fala e na profissão de Pandora é resgatada a memória de suas raízes ancestrais. Um dos mais fortes atravessamentos dela é compreender que sua formação pessoal e de trabalho perpassa por suas origens negra, baiana e suas matrizes africanas. Pandora não dissocia sua profissão do significado histórico da trança.

Na história do penteado (trança) não há nada que diga que originou na África, ou em mulheres negras de outras partes do mundo. Não se sabe ao certo sua origem. É possível afirmar que a trança é intercultural, sendo usada também em países com maioria branca, sendo que homens e mulheres aderem ao penteado. No entanto, a trança ficou mais comum nas mulheres negras pelo fato de haver uma grande dificuldade em trançar cabelos lisos.

As tranças são uma forma da mãe passar o seu conhecimento as filhas, o seu afeto. Em comunidades negras, é comum ver mães ou avós trançando os cabelos das filhas ou das netas e, enquanto trançam, conversam, contam histórias, cantam, passam saberes antigos, de sua ancestralidade.

Interessei com a profissão quando vi uma publicação sobre as trancheiras do Rio de Janeiro, que, ao ensinarem outras mulheres a fazerem tranças, também falavam sobre autoafirmação identitária. Com isso, fui percebendo que a ação das trancheiras tem uma perspectiva de fortalecimento econômico entre as envolvidas, e de preservação cultural e educação sobre as origens ancestrais. Infelizmente, a última vez que soube da reunião dessas trancheiras foi no ano de 2010, no VII Encontro de Trancheiras do RJ, onde teve a publicação do livro *Cada fio uma história*.

Este primeiro atravessamento (profissão X preservação da cultura) é positivo para empoderamento de Pandora e de outras mulheres negras que reconhecem nos seus afazeres uma ação cultura e política, uma forma de preservação da própria história.

4.1.1 A mulher negra e pobre: trabalho, informalidade e maternidade

Alguns pontos deste memorial reforçam que há um posicionamento em relação ao feminismo negro. Para entender esse posicionamento, é necessário desconstruir algumas propostas do feminismo para pensar se os gritos de luta se inserem no universo da mulher negra. Algumas autoras, hoje, debatem o assunto, como Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, que se tornaram mais conhecidas devido ao impulsionamento midiático de suas pesquisas no Brasil, além da já citada Bell Hooks. Acrescento que é relativamente novo o debate sobre feminismo negro em nosso país, pois como mostrei em índices na parte 2.2, a taxa de analfabetismo entre as mulheres negras até 1995 era de mais de 23%, além disso, a média de anos de estudos, para as mulheres alfabetizadas, era de 4 anos. O que significa a falta de acesso a esse tipo de discussão (feminismo negro) que, infelizmente, quase sempre, ocorre no universo acadêmico.

Dentre as desconstruções da proposta do feminismo está a questão do trabalho. Uma citação de um artigo da Sueli Carneiro reflete sobre tais posicionamentos que veremos adiante na fala de Pandora:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

(...)

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (...) Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2014, s/p)

A mulher negra brasileira historicamente é uma mulher trabalhadora, muitas vezes, sua mão de obra é explorada desde a infância devido a necessidade financeira. Não se trata de diminuir a importância para o universo feminino pela luta de direitos trabalhistas e de acesso a educação e capacitação para o mercado de trabalho, mas é necessário pensar numa pauta paralela: da mulher que sempre teve seu corpo associado a serviços pesados.

Vejamos, no entanto, como Pandora fala de sua relação com o trabalho:

-- Éh:... Comecei a mexer com beleza desde novinha. -- Um ponto muito importante de ser tocado que eu deixei de falar isso com as meninas, eu trabalho desde os 12[anos] com beleza.

Empodere-se: Fazendo o quê?

Pandora: **Aos meus doze** [anos] eu tive a **oportunidade** de trabalhar no salão de uma amiga da família e... ela me deu a **oportunidade** de trabalhar no salão e tudo que eu fizesse no salão de dinheiro era pra mim e para meus estudos. E nisso né, em todo o salão, ela me ensinou tudo. Ela me ensinou unha cabelo, depilação, maquiagem, éh::... química, tinturas, coloração, então, tudo isso eu aprendi e sem precisar fazer um curso, tudo que eu fiz, trabalhei, **conquistei** clientes dentro do salão e hoje eu trabalho com clientes dentro da minha casa com segurança, a qual eu já venho, querendo ou não, tendo uma experiência, - - porque lá a gente trabalhava com agendamento, então cada funcionário de dentro do salão tinha sua agenda e tinha seus clientes- -. Então, durante esses quatro anos que eu trabalhei dos 12 aos 16, eu adquirir meus clientes e passei a lidar um pouco, de uma forma diferente, com o público, porque cada um é diferente, cada pessoa é diferente, cada pensamento é diferente. Você passar 10 horas ao lado de uma pessoa que você não conheceu e você tem que saber desembolar, não é que você vai deixar de ser você, passar por cima de muita coisa, de opiniões, de gosto, de preferencia, tem que saber separar seu profissional do pessoal.

Empodere-se: Quantos anos você tem hoje?

Pandora: Eu:: eu tenho 20, daqui há um mês, dia 13 de janeiro, eu faço 21, tá perto.

((risos))

Antes de explorar os atravessamentos discursivos da fala de Pandora, ressalto novamente alguns dados: em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2016 por região, considerando categorias por sexo e raça, e a mulher negra apresentava os piores resultados dentro dos quesitos socioeconômicos. Dentre as discrepâncias, podemos destacar a média salarial de pessoas de 14 anos ou mais, em que o homem branco tem um valor médio de R\$ 2.945,00 e a mulher negra R\$ 1.234,00, muito menos que a metade.

Dos 12 aos 21 anos, Pandora trabalhou em trabalhos informais, ou seja, sem contribuir e sem direitos trabalhistas. No entanto, estamos falando de trabalho infantil: aos 12 anos ela já tinha responsabilidade de adulta.

No trecho que eu trouxe acima realcei algumas palavras que nortearão os discursos elencados. O discurso capitalista e o discurso meritocrata são colocados de forma positiva, que opacam e apagam o discurso da desigualdade racial e de gênero, um atravessamento perigoso e negativo. Os discursos capitalista e meritocrata são enfatizados em frases como “conquistei clientes”, em que mostra o quanto o mercado é competitivo, e que efetivar em um espaço é quase sempre uma questão de conquista. Observa-se também a forma como ela

utiliza a palavra “oportunidade”, chave para pensarmos que, mesmo se tratando de uma criança, ela necessitava daquele emprego e viu com alegria o trabalho no salão.

Começando a trabalhar cedo, dificilmente as mulheres negras concluem o estudo, e, se não concluem, ou nem iniciam, fica ainda mais difícil galgar melhores trabalhos e o círculo de pobreza aumenta, mas isso é fantasiado pelo discurso da meritocracia que diz que aquele que se esforça/trabalha mais, conseqüentemente, teria melhores condições financeiras.

A manobra discursiva que faz com que se entenda a meritocracia como algo positivo está dentro de um modo de operação ideológica, a que Thompson (2009) chama de reificação, do qual a naturalização, quando uma criação social e histórica é retratada como acontecimento natural, exemplificada na fala sobre o trabalho infantil e sobre ter que se esforçar para conseguir melhor condição de vida.

Mas, quando se fala em trabalho infantil, de qual criança estamos falando? Qual o estereótipo e a origem social dessa criança que faz com que se relativize a gravidade da exploração de trabalho? Compreendo que o atravessamento que ocorre aqui traz marcas do racismo. Os direitos da criança e do adolescente, que deveriam ser para todos, são relativizados quando se tratam de crianças negras e/ou pobres. Crianças ricas têm acesso a educação, saúde e proteção familiar, isso é inquestionável. Já quando se trata da pobreza na infância, há um contraponto na discussão e frases de senso comum aparecem, por exemplo, “melhor trabalhar, do que roubar”, acontecendo um apagamento dos reais direitos assegurados por Lei.

Obviamente, esse atravessamento não é consciente. É forte em nosso país o discurso meritocrata e o discurso racista. De forma que eles aparecem atravessados em outros constantemente, sem nosso controle em relação a isso. O realce que dou para isso, ao enfatizar esse discurso que está opaco na fala supracitada, serve para compreender que nem sempre esses discursos aparecem atrelados a formas brutas de expressão, podem aparecer amenizados em situações que simulam positividade para quem sofre.

O trabalho no salão de beleza durou na vida de Pandora até ela engravidar. Abaixo, outro trecho de sua entrevista que ela especifica como as tranças passaram a ser sua principal fonte de renda:

Empodere-se: E me diz uma coisa, quanto tempo faz que você mexe com tranças?

Pandora: Com tranças::... quando minha filha:: **quando tava gestante dela, quando ela tava com cinco pra seis meses, eu comecei a fazer tranças em**

mim, depois disso, meu tempo de trabalho é o tempo de vida dela, tudo que eu fiz, que eu usei trança foi por causa dela, meu trabalho dentro de casa e tudo que eu faço hoje é por causa dela. E::: é tanto que eu não sei se eu conseguiria, tipo, trabalhar sabendo que ela tá longe. Deixar de:: ((incompreensível)). Eu acho que eu tenho que me desapegar dessa parte de ser mãe e filho trabalhar lado a lado, porque eu já fico com a cabeça: faço a trança Lívia, faço outra coisa Lívia, então, eu sempre, minha atenção é dividida entre trabalho e entre ela, então, os dois faço uma coisa que não consigo terminar.

Empodere-se: Então a trança foi uma forma de você conseguir estar ao lado de sua filha?

Pandora: - Exatamente, esse foi um dos principais objetivos.

Realizar um trabalho informal é a saída para ter uma renda, para quem é mãe e não tem como deixar os filhos com outras pessoas ou em uma creche, por exemplo. Pandora deixa claro que “*meu trabalho dentro de casa e tudo que eu faço hoje é por causa dela*”, ou seja, ela assume as consequências da maternidade deixando de buscar no mercado formal, para ter um trabalho que possa conciliar com o cuidado com a filha. Apesar disso, consegue o sucesso profissional.

O discurso da desigualdade de gênero aparece nas falas da professora, dessa vez, ao lado da preocupação com a maternidade. Às mulheres, historicamente, coube a função exclusiva do cuidado dos filhos. E quando essas mães são solteiras ou de baixa renda, como fazer para criar os filhos e continuar no mercado de trabalho?

De acordo com o IBGE (2016) as mulheres brasileiras dedicam mais tempo diário para as atividades domésticas, em média, 18 horas por semana, enquanto os homens 10 horas por semana. Mais gritante é o tempo que a mulher passa no trabalho fora de casa e nas atividades domésticas.

Para mostrar como a carga horária é um diferencial na inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho, quando se aborda o tempo parcial, verifica-se que o número de mulheres apresenta um percentual maior (28,2%) do que o de homens (14,1%).

Por cor ou raça, 31,3% das mulheres pretas ou pardas estão no trabalho por tempo parcial, ante 25% de mulheres brancas.(GRANDRA, 2018, s/p)

As mulheres negras, além das atividades domésticas, também têm carga horária de trabalho maior, mas com salários menores, como vimos no bloco anterior. Também percebemos que isso tudo acontece desde a infância/adolescência, no caso de Pandora, que começou a trabalhar com 12 anos e foi mãe cedo também.

Neste ponto, o atravessamento é pontuado na própria fala: a condição de trabalho foi também uma consequência do gênero e, por que não, da raça. Para Pandora e para outras mulheres mães, não têm como dissociar trabalho de maternidade e vida profissional.

4.1.2 Transição capilar e o discurso do branqueamento nacional

Na parte 1.1 deste memorial cito o trabalho de Larisse Gomes (2017) sobre o processo da transição capilar para mulheres negras, que, por si, é atravessado por dois universos discursivos: estética X autoafirmação identitária. Iniciamos a discussão trazendo o que foi dito por Pandora a esse respeito

Empodere-se: Eu reparo que algumas pessoas pegam uma empatia muito grande por você, eu ouvi você falando, em um momento do curso, que uma cliente sua teve a autoestima melhorada. A trança faz principalmente nas mulheres negras?

Pandora: Com certeza! Com certeza! Principalmente pessoas que estão querendo sair da química, ou **querendo o cabelo bonito**, mas tem **vergonha de ter um cabelo do jeito que é**, e usa química e acaba estragando e se ver, e **não tem condições financeiras de colocar um megahair**, porque é caro demais, no mínimo eu vou ter que ter dois mil, dois mil e quinhentos para ter um cabelo daquele, então a trança traz muito benefício. Você tem: beleza, qualidade, preço, entendeu? Tudo em baixo custo, entendeu?

Empodere-se: E aí melhora a autoestima de quem está na transição? ((incompreensível))

Pandora: Com certeza. Eu já tive pessoas pra mim terminar o cabelo e a pessoa me dá um abraço, de me desmontar e falar obrigada, muito obrigada, mesmo, de/eu ficar até emocionada, porque depois de horas de trabalho a pessoa vim e te pagar, e colocar na sua mão o dinheiro e saí satisfeito dali é uma coisa que não existe.

Essa preocupação com a estética faz parte da vida de quem está em fase de transição capilar. O discurso sobre o empoderamento feminino negro, através da valorização estética, fica mais evidente nesse ponto. Assumir o cabelo crespo é um passo na luta feminina negra em relações de poder e ao combate do discurso do embranquecimento da raça.

Gislene Santos (2005) argumenta que o ‘desejo do branqueamento’ no Brasil sempre foi forte. Durante o movimento abolicionista, segundo a autora, houve grandes esforços de se povoar o país de pessoas brancas, julgando-se que assim, manteria uma raça ‘superior’. Além

dessas questões, houve outros embates que a autora chamou de tentativa de alienação do povo negro sobre sua própria história, colocando o negro como “passivo e desinteressado”, dessa forma, “o movimento abolicionista visava a infundir uma imagem invertida do mundo aos negros, para que eles tomassem como parâmetro a conduta dos homens brancos, não se opondo à forma de ‘integração’ que lhes era oferecida” (SANTOS, 2005, p. 120). Gislene Santos ainda coloca que “o movimento abolicionista funcionou como um grande estandarte dos interesses dos cidadãos brancos que pretendiam, de maneira racional e planejada, adequar o negro a um lugar que não gerasse incômodos à ordem emergente” (2005, p. 120).

Impregnar esse pensamento na cultura da sociedade brasileira de tudo que pertencesse ao movimento negro fosse ‘negativo’ insistiu décadas e, até hoje, percebe-se que pessoas tentam negar suas origens e buscar o autobranqueamento, tendo como parâmetro de perfeição e de beleza o mundo da cultura europeia branca. Sobre os cabelos femininos, por exemplo, algumas mulheres alisam os cabelos por serem socialmente ensinadas a acharem feio os cachos ou os cabelos crespos tidos como ‘cabelo ruim’, ou, de forma ainda mais grosseira, quando são alvos de nomes pejorativos como ‘cabelo pixaim’.

Buscando no dicionário o significado de ‘pixaim’, encontrei no Dicionário Online Aurélio:

- 1 - Carapinha.
- 2 - Carapinha.
- 3 - Diz-se do cabelo encarapinhado.
- 4 – PIXA (AURÉLIO, 2019, s/p)

Por ‘carapinha’ o dicionário compreende cabelos crespos. Na busca também encontrei o *Projeto Pixaim*, encabeçado pela jornalista Neusa Baptista que leva até as escolas de Mato Grosso uma discussão a respeito da aparência da mulher negra. A jornalista também é autora do livro *Cabelo Ruim?* Para Neusa, as marcas de negritude na mulher e aceitação estética é também uma construção política¹¹.

Apesar do significado dicionarizado não conotar nada negativo, o termo cabelo pixaim é usado numa associação a cabelo ruim, cabelo difícil de manusear, cabelo feio, cabelo intratável, cabelo duro, dentre muitas outras conotações.

¹¹ Veja entrevista com Neusa em: <https://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=16477>. Para saber mais sobre o Projeto Pixaim, basta acessar: <https://projetopixaim.blogspot.com/>.

O discurso racista atravessa a preocupação estética quando há uma dificuldade em assumir os cabelos crespos com vergonha de suas conotações negativadas socialmente. Para que os cabelos crespos tenham aparência de lisos, é necessário diversas submissões químicas, colocando em risco a saúde dos fios. Na fala de Pandora, destaquei algumas frases que demonstram como são construídas as conotações negativas na fala: uma delas é associar a beleza estética feminina com a presença de cabelos longos (cabelo bonito com magahair) ou as condições financeiras (não ter dinheiro para tratamentos específicos e caros). Tudo isso, junto ao processo de “desquimicação”¹², em que a mulher está voltando a valorizar a estética negra e ainda carregando as marcas do processo de branqueamento que passava. Junto a uma descoberta autoidentitária, perpassa sua autoestima com a imagem, o que faz o período de transição ser tão difícil para muitas mulheres.

4.2 Mirla: educação como arma potencializadora do antirracismo

A descrição que Mirla faz de si é:

Mirla Kleille, “vivendo os sinceros sorrisos”, brasileira, mulher negra, cantora, historiadora, viajante apaixonada pelo mundo e suas possibilidades.

Mirla nasceu Teixeira de Freitas, tem 26 anos e é formada em História pela Universidade Estadual da Bahia, local onde ela iniciou, junto com outras colegas, o projeto Crespxs e Cacheadx¹³. Mirla tem uma consciência sobre suas origens étnicas e culturais, além de um forte discurso antirracista, dessa forma, os eixos temáticos que se destacaram em sua entrevista e que formam as subdivisões desta análise são: “orgulho afroindígena”, “potência da Universidade na vida da mulher negra” e “discurso antirracista”.

Vou destacar o que já evidenciei na metodologia: devido aos horários de Mirla, nossa entrevista foi dividida em duas etapas. Em um primeiro momento eu mandei as perguntas por email e ela respondeu. Depois, marcamos uma conversa para complementar algumas respostas.

¹² Refiro ao processo de deixar de fazer uso de tratamentos químicos para alisamento dos cabelos.

¹³ Na página do *blog* e nos apêndices é possível saber mais detalhes sobre o Crespx e Cacheadx.

4.2.1 Orgulho afroindígena

Quando Mirla fala de suas origens e da história de sua família, é possível destacar o orgulho que ela sente em relação ao pertencimento afroindígena. Vamos ver a primeira fala de Mirla que ela descreve suas origens

Empodere-se: Conte-nos sobre sua história de vida.

Mirla: (...). Minha trajetória é marcada pelo pertencimento a uma **família de classe baixa, de negros**, também oriundos da **etnia indígena**. Compreendendo hoje a concepção de **ancestralidade**, e observo que sempre fui orientada a perceber os esforços dos que vieram antes de nós, que muito antes se estabeleceram aqui em **busca de uma vida melhor**, e que em suas trajetórias ajudaram a construir a região Extremo Sul. Neste sentido, nosso ensino foi sempre inspirado pela **busca por melhorias** através da **educação**, desenvolvida por nossos pais, mãe, que possui licenciatura em Biologia e é profissional de saúde graduada em enfermagem, e pai, que tem o ensino médio, possui carreira no campo da arte onde é ator, e atualmente, é guarda municipal civil.

Para destacar a categoria interdiscursividade na fala de Mirla, recorro, primeiramente, ao conceito de interdiscursividade trabalho por Costa (2009):

Entendendo discursos como formas de construção / representação de aspectos do mundo, é possível depreender dos textos essas construções / representações e analisar quais são seus efeitos em processos sociais. Falar em processos sociais implica um conhecimento inter/transdisciplinar que é necessário desenvolver sobre o problema social que está sendo abordado. Nessa esteira, é possível perceber e nomear os discursos que estejam nos textos.

Qualquer discurso tem relação com outros discursos, seja de aproximação / concordância, disputa ou oposição. Sendo assim, há relações interdiscursivas em textos. Tanto a interdiscursividade pode apontar processos sociais que precisam ser questionados quanto o destaque de um discurso específico entre outros pode gerar o mesmo resultado ou ser um elemento diferencial em uma perspectiva de injustiça ou de resistência a práticas desiguais que provocam prejuízo a seres humanos. (COSTA, 2009, p. 50)

Aqui, atentamos não apenas ao significado de interdiscursividade como também a forma política que esse tipo de análise tem ao propor evidenciar discursos e, com isso, também se colocar favorável ou não a determinada realidade social. Para isso, no entanto, o

analista deve apresentar um conhecimento transdisciplinar, incluindo, dessa forma, o contexto em que se origina o discurso. Dito isso, voltamos a fala de Mirla.

Destaquei, na citação da entrevista de Mirla, alguns pontos de análise. Porém, friso que o Extremo Sul baiano é a região conhecida pelo ‘Descobrimento do Brasil’. Tem a região da Costa do Descobrimento, em que a cidade mais conhecida é Porto Seguro, e conta com a presença indígena em vários lugares. Apesar do genocídio e das invasões de terra, os povos indígenas resistem, posso destacar os Maxacalis (que vivem transitando no Extremo Sul baiano, porém, têm sua origem em Minas Gerais) e os Pataxós.

O que eu chamo de genocídio dos povos indígenas está na história do processo de colonização do Brasil e também na atualidade, momento que está aumentando o número de perseguições principalmente para que os indígenas deixem suas terras. Aos negros, há a continuação do genocídio histórico marcado pela violência e pobreza, no perímetro urbano.

Vê-se que, ao falar de origem cultural, é ‘naturalizado’ na fala de Mirla a associação a situação financeira. Não se trata apenas de trabalho e busca incessante pelo dinheiro por um viés capitalista, mais do que isso, é efetivar os direitos de acesso ao trabalho digno e à educação. Esses discursos interrelacionam na fala de Mirla com as palavras ‘melhorias’ [de vida] e ‘ancestralidade’. Por mais que ela e os pais tenham tido acesso a cultura, arte, educação e trabalho, ela demarca esse lugar trazendo essa realidade como conquista.

O reconhecimento étnico caminha ao lado do contexto socioeconômico em que ela e a família se encontram, então, ao demarcar seu lugar de fala, também evidencia seu lugar de luta em questões sociais. Esse trânsito interdiscursivo caminha em dois universos discursivos distintos (sociedade X raça), porém, devido às marcas históricas e consequências do racismo, são associadas e debatidas quando há criticidade para perceber que a realidade socioeconômica tem suas causas também pelo viés da cor.

Compreendo de forma positiva essa perspicácia transdiscursiva, ou melhor, essa aproximação de debate entre sociedade e raça, economia e raça, história e raça. Reconhecer-se negra é também entender o seu lugar no mundo, para isso, é necessário pensar criticamente. O contrário dessa posição seria um olhar pelo viés do ‘determinismo’ histórico, acreditando que, a realidade dos povos negros e indígenas brasileiros é natural consequência de fatos passados.

4.2.2 Potência da Universidade na vida da mulher negra

Leia a fala de Mirla sobre sua experiência dentro da Universidade:

Atualmente, o racismo me marca dentro de um contexto de **enfrentamento**, onde em diversas situações **o reconheço** e **o procuro combater**. Não é uma tarefa fácil, tendo em vista a experiência de uma sociedade circunscrita por uma **história de racismo**, sendo assim, onde todas e todos, já **nascem construindo esse vírus**. Apesar de ser parte disto, errando, causando mal a alguém por muitas vezes, passei minha adolescência tentando de todas as formas não fortalecer os preconceitos, afinal, eu era atingida por eles. **Saí do ensino médio marcada**, mas não abatida o suficiente para desistir. **Aos 18 anos, passei no vestibular para estudar licenciatura em História em uma universidade pública**. Nesse momento, também tive de lidar com a surpresa de que havia passado em um concurso para ser servidora pública na cidade. **Foi estranho perceber que eu era plenamente capaz de não ser o que diziam sobre mim**, exatamente como minha mãe havia dito. Durante o curso de História, **após o acesso a diversas ideias que iam além do senso comum que tive contato praticamente durante toda a vida, me reconheci enquanto mulher negra**. Até hoje, quando tenho a oportunidade de falar na escola que estudei no ensino médio, professoras(es) expressam: “infelizmente, ainda não somos inteiramente capazes de não permitir que nossas(os) estudantes precisem carregar o enfado do racismo até a fase adulta.”

Há uma circularidade na fala: da saída na escola de Ensino Médio, a experiência na Universidade e a volta a Escola (reencontrando os mesmos problemas de teor racista). Se na passagem anterior o discurso sobre raça e racismo caminhava junto com a criticidade social, neste, a associação com a educação para o ‘enfrentamento’ e reconhecimento do racismo está evidente na fala e na vida de Mirla.

Destaco o que tem sido a Universidade (pública) para a comunidade negra:

O percentual de negros no nível superior deu um salto e quase dobrou entre 2005 e 2015. Em 2005, um ano após a implementação de ações afirmativas, como as cotas, apenas 5,5% dos jovens pretos ou pardos na classificação do IBGE e em idade universitária frequentavam uma faculdade. Em 2015, 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior (VIEIRA, 2016, s/p)

O acesso ao melhor nível de educação, de continuação de estudos, tem crescido o número de intelectuais negros e maior ocupação dos espaços antes não ocupados pela comunidade negra. Além de aumentar debates em torno de ações afirmativas como as cotas,

por exemplo. No Brasil, o debate sobre as cotas aumentaram nos anos 2000. Somente em 2003 a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) implantou pela primeira vez o sistema de cotas no país. Em 2004, a UnB (Universidade de Brasília) se tornou a primeira federal a adotar as cotas. Apesar disso, como vimos, ainda há uma discrepância entre o número de negros e brancos dentro da Universidade.

Para a mulher negra, além do acesso a educação, a formação intelectual também aproxima a um debate no Feminismo Negro. Dessa forma, as mulheres negras se articulam politicamente, sendo a Universidade uma das maneiras de efetivar a busca por espaços de poder. Neste ponto, cito como exemplo a vereadora assassinada em 2018, Mariele Franco. Mariele era uma mulher negra que cresceu na favela Complexo da Maré (RJ), fez cursinho pré-vestibular comunitário, conseguiu uma bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (Prouni), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ), onde se formou em Ciências Sociais e fez mestrado em Administração Pública na Universidade Federal Fluminense. O acesso a educação mudou a realidade de Mariele, que quis mudar a realidade de outras meninas da favela, levando para elas um debate sobre empoderamento feminino negro, um debate político e identitário.

Na fala de Mirla, ao associar sua tomada de conhecimento sobre o racismo com seu acesso a educação, ela também relata sua volta à escola de Ensino Médio, onde saiu “marcada” [pelo racismo] e percebe que ainda não há um trabalho para mudar a realidade de outros alunos negros e alunas negras, para impedir que outras ‘marcas’ sejam feitas. Professores negros e professoras negras voltam às escolas de origem, com um número ainda muito pequeno para conseguir realizar um trabalho de mudança.

Assim como meu relato inicial na primeira parte deste memorial, a força que representou o Ensino Superior em minha vida e em minha construção identitária, percebo a mesma força em discursos de outras mulheres negras que tiveram esse acesso. Obviamente, o debate sobre empoderamento feminino não tem apenas a via educacional, constitui de vários discursos em vários espaços, porém, a Universidade tem seu papel potencializador de fazer com que saíamos do “senso comum”, como coloca Mirla, para um mergulho crítico e um posicionamento diante da luta contra o racismo.

Dentre os destaques realizados na fala de Mirla, friso:

Foi estranho perceber que eu era plenamente capaz de não ser o que diziam sobre mim, exatamente como minha mãe havia dito.

Vemos uma relação intertextual, que, ao ser retomada por Mirla traz a voz da mãe, como incentivadora de sua emancipação pessoal, e outras vozes, não demarcadas pelas pessoas, mas forte no que tange ao preconceito e discriminação racial e de gênero. Trazendo essas vozes, ela também faz uma associação discursiva. A sua ação (passar na Universidade e em um concurso público) foi uma resposta contradiscursiva ao que se esperava dela. Mirla não demarca esse ‘outro’ autor do ‘diziam sobre mim’, mas, olhando o contexto da fala, percebemos que o ‘Outro’ pode ser a sociedade que não estava acostumada a intelectuais negros galgando melhores espaços, pessoas que não acreditavam que ela adentraria na Universidade e aqueles que contribuíram para suas marcas na adolescência.

4.2.3 Discurso antirracista

A experiência na Universidade foi uma mola propulsora para o discurso de ‘enfrentamento’ e discurso ‘antirracista’ na vida de Mirla:

O “Movimento Crespxs e Cacheadx” foi minha primeira ação antirracista após reconhecer-me negra. Assumindo meu cabelo crespo, um ato que simboliza o rompimento com distinções racistas de que nossos cabelos são feios, de “palha de aço” e demais adjetivos, me uni a companheira Jessica Silva, e desenvolvemos o projeto na cidade e região, levando a compreensão do empoderamento negro e crespo, aonde fizemos oficinas de turbante, campanhas em comunidades carentes, em que a logística era por muitas vezes improvisada, mas que sempre se mostrava no fim rica e satisfatória. O grupo se desfez depois de um tempo, mas ainda continuei, mesmo após o término do curso de licenciatura, participando ativamente, sobretudo de projetos de arte, promovendo ações sociais, e antirracistas. Como disse no início desta entrevista, o racismo parece ser uma constante sem fim, e nos momentos mais inesperados podemos experienciá-lo, precisando agir contra isso, nem sempre sabendo como, é preciso salientar. Nesse sentido, a mulher negra no Brasil hoje ainda possui enfrentamentos a travar, caracterizados por outros formatos que querem por vezes ser velados, no entanto, permanecem insidiosos.

Vejo com frequência a palavra antirracista sendo utilizada pelo grupo de pesquisados sulamericanos que se inserem uma linha de pesquisa decolonial, dentre eles, o Teun A. van Dijk, analista crítico do discurso. Em *Racismo e Discurso na América Latina*, o autor, lembra que, apesar dos movimentos de abolição ocorridos durante o século XIX, os processos de colonização não cessaram na América. É evidente também que as desigualdades econômicas

presentes na América perpassam pelas relações étnicas, mesmo porque, as sociedades mais pobres são as descendentes de escravizados negros e a população indígena.

Para o combate de práticas racistas houve mais participação que emergiram das camadas populares, do que de estudiosos, segundo van Dijk, isso por que, dentre as diversas dificuldades que poderíamos elencar está o fato de que “comparando com o racismo mais explícito, violento e legalizado nos Estados Unidos, as formas diárias de racismo na América Latina foram sempre consideradas pelos grupos dominantes como relativamente benevolentes” (VAN DIJK, 2008, p. 13).

Uma das defesas de van Dijk é que discurso tem o poder de mediar a mudança, assim como tem sido o principal meio de propagação do racismo. Para iniciar essa mudança, o discurso antirracista deve partir daqueles que mais sofrem com o racismo, porém, esses grupos precisam de acesso as varias formas de discurso público, seja através da política, da mídia, da educação e pela *internet*, da qual, aliás, tem sido crescente as formas *ciberativismo*. E esse é o grande problema que me motivou desde o início a começar esta pesquisa: a falta de acesso e os impedimentos aos espaços de poder da voz negra. Para van Dijk, “se o ‘racismo’ não se tornar um assunto público pelo discurso público dos grupos étnico-raciais minoritários, a dominação étnica continuará inalterada” (VAN DIJK, 2008, p. 16).

Van Dijk percebe a manutenção do racismo como um circulo vicioso, não por criação instintiva, mas proposital, causado pelas elites que querem permanecer no poder. Na fala destacada de Mirla, ela também reforça que considera o racismo uma construção ‘constante’ e tão enraizada de forma que, algumas vezes, não tem perspectiva de fim.

Os discursos que temos acesso carregam formas de preconceito que propagam de forma eficiente a naturalização do racismo, criando significações negativas sobre outras raças, que não a dominante, podendo ser tão eficiente ao ponto de uma pessoa negar sua própria raça em nome do desejo de se assemelhar a raça propagada como universal, superior, boa, dentre outras qualidades que se dão.

O Brasil é o país que mais trouxe negros escravizados da África, que tem a segunda maior população negra mundial (o primeiro é a Nigéria), que foi o último país a abolir a escravidão na América e, mesmo assim, ainda “acalentamos o mito (ou a ideologia) de que as relações raciais no país são cordiais ou democráticas ao mesmo tempo em que convivemos com intensa dominação branca sobre outros segmentos étnico-raciais no acesso a bens e materiais e simbólicos” (SILVA, ROSEMBERG, 2008, p. 73).

Observando essas armadilhas discursivas causada pela amenização do racismo, ou pior, pela negação da existência do racismo, não basta combater o racismo, é necessário ter um discurso antirracista para uma efetiva mudança ideológica e comportamental. Acredito, e, por esse motivo, realizo uma análise discursiva crítica, que o discurso, ou a linguagem de maneira geral, é um modo de se alcançar a mudança social. Foi evidenciado no ativismo de Mirla que, por meio de uma consciência crítica adquirida no meio acadêmico, a primeira mudança dentro dela foi a tomada de voz pelo seu lugar de fala. Após, veio a mudança física pelo processo de transição capilar, para a volta ao espaço de voz e ecoamento dessa voz levando a outras mulheres sua compreensão sobre empoderamento negro.

4.3 Erlita: uma voz negra no legislativo

Erlita Freitas, 50 anos, nasceu em Alcobaça, é vereadora de Teixeira de Freitas. Ela contou sobre sua trajetória política que se iniciou com os movimentos estudantis, sociais e sindicais. Para chegar até o cargo de vereadora, disputou as eleições de 1996, 2004 e 2008, todas sem sucesso. Em 2012, ela ganhou e reelegeu em 2016. Nesse percurso, ela também ocupou a Secretaria de Habitação e foi coordenadora do Centro Social Urbano.

A agenda de Erlita estava com muitos compromissos, porém, ela conseguiu um espaço para a entrevista após uma sessão na Câmara de Vereadores. Eu mandei as temáticas centrais das perguntas com antecedência. A gravação foi feita em áudio e transcrita conforme consta nos apêndices. Durante a análise do *corpus*, percebi que o eixo norteador da entrevista foi Política. Sendo assim, fiz uma subdivisão de análise, da qual falaremos sobre o que significa a presença de uma mulher negra no legislativo do Extremo Sul baiano.

4.3.1 Enegrecendo a Política

Abaixo está transcrito, com alguns cortes marcados por “(...)”¹⁴, falas de Erlita sobre sua participação nos espaços de poder (político):

¹⁴ Fala completa nos apêndices.

Empodere-se: Quando caiu a ficha, no meio político, ‘eu sou uma mulher negra’? Cite uma situação de racismo no meio político que tenha te marcado.

Erlita: Assim, o tipo de **brincadeira**, que eles, dependendo da pessoa não tem coragem de falar pra gente, **principalmente para Vereadora Erlita**. Eles falam na brincadeira, mas a gente sabe que é brincadeira::ra, NE:::. Falar assim **‘ah, neguinha, se seu cabelo fosse liso’**,cê tá entendendo?! Então assim, esses tipo de BRINCADEIRA de mau gosto. Mas eu também, em Teixeira de Freitas, eu já perdi emprego, porque eu cheguei lá e eu percebi que foi, primeiro, por causa da forma que eu estava vestida, e também pelo fato de eu ser negra.

e... ((interrupção barulho porta))

e a gente tem sofrido muito preconceito. Agora eu, eu tenho muito lutado por isso: na minha comunidade eu converso muito com as meninas, que são negras, e as minhas sobrinhas. **Primeiro a gente tem que estudar, o que muda a gente é o conhecimento**. E também a nossa postura, de onde a gente está. Eu falo: o jeito de você vestir, o jeito de você se comportar, você também **impõe respeito** nas pessoas. E eu sempre procurei muito isso.

(...)

Empodere-se: Quais os enfrentamentos que a mulher negra hoje ainda precisa enfrentar?

Erlita: **eu acho que nós ainda precisamos ocupar os espaços**. As mulheres negras precisam ocupar os espaços, os espaços de poder. **Espaço de decisão**. Que assim, a gente escuta muito, algumas mulheres, elas se retraem. E, a discriminação racial, o preconceito, a gente vê que tem muitas mulheres negras ocupando só o serviço doméstico, em sua maioria, nós precisamos quebrar essa cerca. Nós precisamos inclusive **ajudar as mulheres. Ser mais solidárias, companheiras, parceiras**. E estar junto com essas mulheres denunciando. Eu falo assim, qualquer briga, qualquer coisa hoje contra a mulher, ela é minha briga, não quero nem saber de onde veio. **Eu quero estar ali junto com as mulheres, colocar o mandato nosso a disposição**, eu acho que a gente tem feito pouco ainda, até porque eu acho que a gente é poucas mulheres.

(...)

E, a gente viu muitas perdas de direitos das mulheres e eu acho assim que hoje há um reconhecimento porque houve lutas, então também houve reconhecimento, então a gente não pode ser injusta de não colocar aqui e não lembrar do ex-presidente Lula, porque foi o presidente Lula que ajudou muito as mulheres, principalmente as mulheres negras dando **garantia de direitos, as cotas**, que muita gente critica, mas eu falo o seguinte, que a cota ela vem reparar, né, ela vem reparar um crime que a elite brasileira cometeu principalmente com as mulheres negras(...).

Novamente, contextualizo a fala da entrevista. Teixeira de Freitas tem apenas uma vereadora. Na família dela não há histórico de pessoas ligadas a política partidária. A política é um espaço pouco ocupado por mulheres em todo o mundo, em nosso país não é diferente. A última eleição para os cargos de prefeitas e vereadora, que ocorreu em 2016, houve uma

queda comparando com 2012, segundo o *site* do TSE. 641 mulheres foram eleitas para os cargos de prefeitas e 4.898 homens prefeitos, sendo que, os homens representam 88,43% dos prefeitos do país. Em 2012, havia 659 mulheres ocupando o cargo de prefeitas no país. É importante frisar que o Brasil ocupa o 156º lugar dentro do Ranking Mundial de Igualdade no Parlamento.

De acordo com o TSE, as mulheres representam a maioria no eleitorado, mesmo assim, são minoria nos cargos:

Na contagem geral, dos 5.668 municípios brasileiros, 2.963 possuem maioria feminina no eleitorado. No entanto, em apenas 24 municípios as mulheres são maioria nas câmaras dos vereadores: na região norte, na cidade de Apuiarés (CE) são cinco vereadoras contra quatro vereadores, em Breu Branco (PA) foram eleitas sete mulheres e seis homens e em Caroebe (RR), cinco vereadoras contra quatro vereadores. (TSE, 2016, s/p)

Após o *impeachment* da presidenta Dilma, os discursos misóginos sobre a participação política feminina aumentaram, consequentemente a participação feminina, que já era pequena, sofreu ainda mais com os ataques a presidenta.

A presença de Erlita no legislativo de Teixeira de Freitas representa uma resistência feminina, e, sendo uma mulher negra, significa maior representatividade as mulheres da região. Esse tipo de discurso de igualdade nos espaços de poder é comumente difundido pelos partidos de esquerda, evidenciado na fala dela, mostrando-se consciente que sua vitória política é carregada de significações para a luta feminista negra.

O fato de ter um discurso empoderado e consciente, não significa que a vereadora não sofre assédio ou racismo no seu dia a dia político. Mesmo ocupando um espaço de poder, não quer dizer que a mulher vai ser reconhecida por tal ato. No destaque em que Erlita refere a si em 3ª pessoa (Assim, o tipo de **brincadeira**, que eles, dependendo da pessoa não tem coragem de falar pra gente, **principalmente para Vereadora Erlita**), entende que há consciência de que hoje, sendo vereadora, não sofrerá o racismo de forma violenta e escancarada como outras mulheres negras podem sofrer em seu dia a dia, porém, um racismo em forma de ‘brincadeira’ continua a acontecer.

A maneira com que ela constrói o *ethos* político¹⁵ ao se referenciar pelo cargo, denota a importância que ela dá por ocupar aquele lugar. No momento da entrevista ela deixa o *ethos* político para se apropriar do sujeito ‘mulher negra’ que estava sendo entrevistado. Esse afastamento serve para ela evidenciar que ocupa um espaço de poder, no entanto, não a imuniza do racismo.

Tratar uma situação racista como uma ‘brincadeira’, mesmo que a gente tenha consciência de que não seja, faz com que nosso discurso seja propagador da operação ideológica já destaca algumas vezes nas análises: a naturalização do racismo, ou a dissimulação¹⁶ dele através da metáfora da ‘brincadeira’.

Retomando outras análises, vimos que houve atravessamentos empoderadores na análise interdiscursiva de Pandora; e, criticidade étnica e social na de Mirla. Desta vez, destaco o enegrecimento da Política com a presença de Erlita no legislativo da região. Como coloquei anteriormente, a presença dela é representativa para outras mulheres e para homens negros, afinal, é um espaço que ainda precisa de ocupação negra.

Ressalta na fala a necessidade de união de mulheres negras:

Nós precisamos inclusive **ajudar as mulheres. Ser mais solidárias, companheiras, parceiras. (...)Eu quero estar ali junto com as mulheres, colocar o mandato nosso a disposição,** eu acho que a gente tem feito pouco ainda, até porque eu acho que a gente é poucas mulheres”

Um ponto comum entre as mulheres entrevistadas e entre todas as discussões feministas ou feministas negras é sempre a necessidade de união feminina.

No fazer político, por mais que as mulheres sejam maioria do eleitorado, ocupa um espaço muito pequeno no número de políticos eleitos. Ao falar de ‘união’ de mulheres, fica implícito que há um discurso contrário forte que precisa ser combatido: da desunião de mulheres. Pouco se fala em sororidade e, acredito, essa palavra ficou forte entre as feministas negras no Brasil.

Na fala de Erlita, o discurso Político não é dissociado de sua identidade étnica e de gênero: uma negra que tem consciência do papel que ocupa. Além da sororidade, o discurso da educação transita em suas falas para o empoderamento feminino e a idéia de luta de classe

¹⁵ Sobre *ethos* político ver Patrick Charaudeau em Discurso Político do qual ele define o *ethos* discursivo como uma imagem que se liga aquele que fala, a partir do que o locutor diz para construir uma imagem de si.

¹⁶ O conceito de ‘dissimulação’ como operação ideológica se baseia no trabalho de Thompson (2009).

para se alcançar o poder, sendo, essa última, consequência de sua construção pessoal no movimento sindicalista e participação em grupo político de esquerda.

4.4 Maria: ativismo começa dentro do lar

Maria Moreira, 67 anos, nasceu em Governador Valadares (MG). Ela teve nove filhos, estando seis deles vivos. Dividiu-se entre a criação dos filhos e o trabalho. Por ter iniciado a trabalhar com 9 anos, como doméstica, não teve acesso aos estudos. As temáticas que apareceram em seu discurso e que resultaram em tópicos de análise foram: ‘luta pelos direitos’; ‘discurso do medo’; e, ‘fé tem cor?’.

Maria é minha mãe. Ela já sabia sobre pesquisa que eu estava realizando e quando eu tive a necessidade de entrevistar uma mulher negra que não necessariamente participasse de algum movimento ativista, mas que gostasse de falar de sua identidade e sua história, ela aceitou se tornar uma das participantes. A entrevista ocorreu na casa dela e foi gravada em áudio.

4.4.1 Luta pelos direitos

Durante a entrevista, surge uma referência aos direitos:

Empodere-se: Você acha que mesmo quando as pessoas não falam, que nem ela, que prefere pessoas brancas, o racismo está ali em algum lugar?

Maria: Com cer... Uai, Tá. Ele continua tando, mas as pessoas hoje só não fala, mas continua tando. É no shopping, dependendo do restaurante... eles nem pra trabalhar eles não querem a pessoa negra. Só não fala. Porque naquele tempo, se fosse hoje, ou há uns 10 anos atrás, **eu partia pra justiça né, ia procurar meus direitos**, mas não, saí de lá rindo, depois ainda fui trabalhar, trabalhei em dois motel, ele tinha lá e tinha aqui, tinha um perto de onde era o shopping. (...).

Neste trecho da análise, para que o discurso antirracista surja na fala e se relacione com outros discursos empoderadores, há uma citação por meio de referenciação a Lei 7716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Destaco alguns trechos da Lei, abaixo:

Art. 4º Negar ou obstar emprego em empresa privada.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

(...)

Art. 5º Recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, negando-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador.

Pena: reclusão de um a três anos.

Numa parte anterior da entrevista, Maria relata que foi procurar emprego como auxiliar de limpeza em um motel e a atendente disse que o estabelecimento queria pessoas brancas para trabalhar¹⁷. Quando ela diz que se o ocorrido tivesse sido nos dias atuais ela procuraria os direitos, ela demonstra conhecimento e importância em leis como a 7.716 que foi criada em 1989.

Na época que negaram o emprego para ela, não havia sido implantada a lei. Outras leis relacionadas a cor, raça e etnia foram surgindo com anos, cito, como exemplo, a Lei 10.639/03, que dispõe sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e a Lei 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do trabalho com a história e cultura indígena.

Essas leis são fundamentais para se combater o racismo, criminalizando, e para conscientizar a respeito do racismo, levando para as escolas conhecimento sobre a cultura negra e indígena.

No discurso de Maria, para se combater o racismo, hoje, ela usa do discurso do Direito, que fortalece qualquer debate. O conhecimento às leis e a efetivação delas são armas fortes na luta antirracista. Percebo de forma positiva quando o discurso institucional, o discurso do Direito, anda lado a lado com a luta contra o racismo, potencializando e efetivando as discussões em todas as esferas.

4.4.2 Discurso do medo

Dentre os discursos que aparecem para reforçar o discurso racista, está o discurso do medo. Essa associação interdiscursiva é extremamente negativa e apelativa para marginalizar uma raça ou criar guerra entre raças diferentes. A entrevista reconhece que, em diversos momentos de sua vida, ela causou medo nas pessoas por conta dos estigmas da pele, de sua

¹⁷ Apêndice.

raça. Esse suposto medo que as pessoas sentiam era pretexto para marginalizá-la, para excluí-la de oportunidades de trabalho e de outras convivências sociais.

Abaixo, como Maria retrata o discurso do medo em sua experiência de vida:

Eles não gostavam. Não sei se não gostar ou se **ter medo da pessoa preta, negro**. Você vê que até hoje Petrina eles têm **medo**, tem **medo do negro**.

Empodere-se: Como assim?

Maria: No::ssa, quando eles olham pra uma pessoa assim que eles viram que é [negra], nosso Deus. **A pessoa ((gesticula susto))**. Aí depois vai conversando e vê que é uma pessoa né, igual o menino que estava na Globo esses dias dando entrevista, porque ele ((fala com as mãos)), e já sofreu muito preconceito por causa da pele dele. **E olhe que é bonitão, altão, magro, mas quando eles olham pra cor da pele, eles ((gesticula susto))**. Até hoje, quer falar que não, mas oh meu Deus. E você imagina em Valadares. Em Valadares as pessoas é muito bonita. Mas você olha pra uma pessoa assim, você pensa que ela foi pintada. É muito bonita. As mulher, os homem. Eles são muito bonito. Aquele sorriso fácil. Eles são muito bonito. Mesmo pobre, igual a nós, naquele bairro onde nós morava lá, muita gente pobre assim, mas muita gente bonita.

Empodere-se: O que é ser gente bonita?

Maria: A::, a aparência. O jeito né... **a branca do cabelão, e aí chega uma negra, eu lembro que mãe fazia umas tranças**, que hoje é moda, mas naquele tempo **Deus que me livre**, aí pro povo era uma **matança**, eles **não gostavam não**.

Destaquei palavras com conotações negativas e que reforçam o medo, quando não houve fala registrada, houve gesticulação da entrevistada simulando susto ou medo. Não registrei com vídeo, porém, está dentro de minhas anotações durante a entrevista.

No primeiro momento a palavra medo ou os sinais de susto são reforçados na fala. O discurso do medo atrelado as conotações negativas em torno da significação das palavras ‘negro’ ou ‘preto’ já foi debatida neste memorial. Ressalto que essas palavras comumente adjetivam coisas ruins, com expressões do tipo: “a coisa está preta”, que significa a “a coisa está difícil/ ruim/ feia”.

Conforme o discurso do medo é construído na fala há a separação entre o positivo e o negativo, no caso da fala destacada, o feio e o belo. Ao feio, está o que as pessoas atribuem a cor da pele preta, aos cabelos afros. Ao belo estão características fenotípicas de pessoas brancas (Empodere-se: O que é ser gente bonita?/ Maria: A::, a aparência. O jeito né... a branca do cabelão).

Neste ponto, a temática cabelo adentra na conversa e ela faz menção as tranças. Os cabelos afros eram trançados, no período da infância da entrevistada, como forma de controlar os cabelos, para que eles ficassem bem amarrados. Não com a finalidade estética com que temos visto neste memorial. Ela traz em sua fala um novo significado as tranças. Inclusive, enfatizando a negatividade delas. Neste caso, por ser a trança também um modo de esconder/ ‘controlar’/ abaixar os cabelos.

4.4.3 Fé tem cor?

Antes de adentrarmos nesta parte da análise, quero recuperar alguns fatos de preconceito recentes com religiões de origens africanas no Brasil, numa aproximação intertextual com a fala que leremos. Abaixo, elenquei algumas notícias facilmente encontradas na *internet*:

2015 – G1 - Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada. Criança é do candomblé e foi agredida na saída do culto. Avó iniciou campanha na internet e recebeu apoio de amigos.¹⁸

2018 – Correio Braziliense - Vítimas de violência e preconceito, terreiros são expulsos do DF. Levantamento inédito cataloga todos os terreiros no DF. São 230 ao todo, a maioria em regiões distantes do Plano Piloto. Estudo aponta tendência de esses espaços se mudarem para outras unidades da Federação.¹⁹

Fev 2019 – Site Terra – Religiões afro-brasileiras sofrem com a violência e intolerância.²⁰

Mar 2019 - VIOLÊNCIA: Terreiro de candomblé é depredado e religiosos são expulsos.²¹

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>>.

¹⁹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/05/02/interna_cidadesdf,677616/violencia-e-preconceito-contribuem-para-migracao-de-terreiros-do-df.shtml>.

²⁰ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/religioes-afro-brasileiras-sofrem-com-a-violencia-e-intolerancia,1d2b4c20449fd9a7647a198be2690c89mswqcjg6.html>>.

²¹ Disponível em: <<https://www.polemicaparaiba.com.br/policiais/violencia-terreiro-de-candomble-e-depredado-e-religiosos-sao-expulsos/>>

Dos títulos levantados, que eu não proponho debater, mas, apenas, exemplificar a situação das ações de intolerância religiosa no Brasil, destaco a notícia de 2018 e a notícia de março de 2019: mesmo sendo as vítimas do preconceito, foram os religiosos do candomblé que tiveram que sair do espaço que estavam exercendo a fé para se protegerem da violência.

Maria é católica. Em um momento do relato, ela lembrou de uma ação que ela sentiu ser racista, que aconteceu dentro da igreja:

(...) na igreja. **Eu já me vi humilhada dentro da igreja**, no::ssa. Deu estar ali sentada, **por isso que hoje eu sempre procuro mais o fundão, porque eu já tive que levantar do lugar pra dá pra outra pessoa sentar**. Muitas humilhação, o negro ele sofre muitas humilhação.

Empodere-se: E como foi esse dia que você teve que levantar?

Maria: Era para uma mulher, eu não sei o nome dela, mas sempre eu vejo ela na São Francisco. Ela veio de lá pra cá, **mas tinha mais lugar pra sentar, mas queria o meu**. ‘Será que você podia dar esse lugar aí pra minha mãe?’. Eu olhei pra ela assim. ‘É porque aqui vai ficar mais perto de mim’, eu falei ‘uai, só serve esse lugar aqui?’, ela ‘é’. **Aí eu levantei e fui para o outro banco**, pra dá o lugar pra mãe dela. **Eu achei aquilo uma humilhação. Uma humilhação muito grande.**

Empodere-se: Mesmo assim você levantou?

Maria: Levantei. Sim. Eu levantei. **Levantei porque dentro da igreja eu sempre procuro respeitar**, mas eu achei que foi justamente, **tinha muita gente assim, que eu não conhecia, e eu, eu vi que eu era a mais preta dali**. Eu acho. Eu sempre vejo ela na igreja. **Eu acho que foi por causa da minha cor**. E depois, conforme ela foi me vendo, como ela sempre me vê lá, sempre eu vou né, eu to indo, **aí eu vi que ela se arrependeu, mas não tinha mais jeito. Palavra dita não volta atrás.**

Quando coloquei no site de busca “intolerância religiosa no Brasil” apareceu violência contra as religiões de matrizes africanas. Não apareceu nenhuma manifestação contra as religiões de origem asiáticas, por exemplo, que têm considerável comunidade no Brasil.

A construção da fala de Maria me remeteu ao que ocorre com as vítimas de ataques por conta de intolerância religiosa no Brasil: são eles que têm que ‘se levantar’, se retirar, se esconder, ‘ir para o fundão’, se marginalizar. Por esse motivo, procurei realizar essa aproximação intertextual antes de adentrar a análise interdiscursiva.

Os destaques na fala são do discurso racista dentro de um discurso religioso, de manifestação da fé cristã. Por conta de uma violência, ela entendeu que mesmo no ambiente que deveria haver todo tipo de respeito e amor ao próximo, houve também uma situação de racismo.

Porém, o impacto desse fato foi grande ao ponto de fazê-la procurar sempre sentar no “fundão”, desde o evento até hoje. Ela tem o cuidado de relatar passo a passo do ocorrido para ficar evidente que não se tratou de uma situação corriqueira de busca por lugar para sentar. As idéias que sequenciam o relato:

- 1º Ela sentou-se nos bancos da frente;
- 2º Uma mulher pediu para ela sair do local;
- 3º Havia mais lugares para se sentar próximo a ela;
- 4º Ela era a única mulher negra na igreja no dia do ocorrido;
- 5º Ela sai do lugar;
- 6º Ela respeita a igreja;
- 7º Continuou a frequentar a igreja;
- 8º Acredita que houve arrependimento da mulher que a pediu para sair;
- 9º O fato ficou marcado na vida dela (‘procuro mais o fundão’ e ‘palavra dita não volta atrás’).

Com essa sequência, ela evidencia que não se trata de uma mágoa contra a Igreja, mas ressalta que mesmo naquele ambiente ela não está imune a situação de racismo. Compreendo que analisar criticamente as situações tidas como ‘normais’ e ‘corriqueiras’ são extremamente importantes para se combater o racismo. Quando as manifestações são de extrema violência como as matérias citadas no início desta parte da análise, é possível ver o racismo com maior facilidade. Mas quando há situações como os ‘convites’ para se retirar de um lugar (como aconteceu com Maria ao sair do banco da igreja ou com os praticantes do candomblé que saíram de um bairro/ cidade para evitarem ‘conflito’) perceber o racismo só se torna possível quando a pessoa adquire um olhar aprofundado para a situação.

Considerações finais

Pertencer ao grupo étnico, social, cultural e de gênero que me propus estudar me dão a alegria de chegar as palavras finais deste memorial, mas que continuam no produto final construído: o *blog Empodere-se*. Percebi, durante as entrevistas, que muitas histórias, anseios e receios se repetem nas vidas das mulheres negras, mesmo se tratando de gerações diferentes, distantes, de famílias que nem se conhecem, mas têm tanto em comum.

Por ser uma pesquisa que visava a criação de um produto, como exige o programa, este memorial buscou evidenciar os caminhos teóricos e metodológicos que percorri para chegar ao *blog*. Enfatizo que, meu objeto de pesquisa é o discurso e uma das formas que encontrei de materializá-lo foi criando o *Empodere-se* para registro das entrevistas com o público alvo da pesquisa, as mulheres negras de Teixeira de Freitas.

Este trabalho não teve ‘hipóteses’ a serem comprovadas, mas questionamentos de pesquisas que foram respondidos ao longo das entrevistas e da concepção do *Empodere-se*. Dentre esses questionamentos, queria saber quais os discursos atravessam ou dialogam com o discurso sobre empoderamento feminino e como essas relações interdiscursivas influenciam na luta pelo empoderamento individual e coletivo das mulheres negras da cidade. Outros questionamentos foram surgindo, como quando constato que, mesmo com diferença de cinco décadas, algumas histórias de vida se cruzavam, e se isso também demonstrava que um discurso estava sendo mantido no poder.

Na parte teórica da pesquisa, busquei falar sobre a história da mulher negra no Brasil até chegar nos dados recentes sobre mulheres negras, até mesmo para enfatizar a necessidade de se colocar em pauta o feminismo negro em todos os espaços sociais, não limitando a uma debate acadêmico. Ainda dentro dessa construção teórica, dediquei um espaço para falar sobre a implicação de termos no universo feminino negro, afinal, o significado de palavras foi um motivador de minha pesquisa.

Não faltou paixão na escrita deste memorial, mas também não faltou seriedade em lidar com os discursos que tive acesso durante a aplicação do projeto e as entrevistas. Falando em paixão, ela também foi motivadora por escolher o ‘discurso’ como objeto de análise. O discurso é, como disse em vários momentos neste memorial, um dos principais meios de propagação, manutenção e/ou transformações das relações de poder e, especialmente, das

relações abusivas de poder, das quais não podemos ignorar, nem deixar ‘passar batido’ como em ‘brincadeiras’ racistas, como vimos nas falas relatadas de experiências de vida de algumas mulheres. Elas perceberam o mal que essas brincadeiras fazem, agora, outras pessoas, ao lerem esses relatos, poderão refletir mais sobre o sentido de ‘brincadeira’ nesses casos.

Ao tratar de racismo, falei sobre o discurso ‘antirracista’: um dos principais resultados de pesquisa. Ao se empoderar, a mulher negra precisa reconhecer o que tem sido o causador de todas as violências sofridas, da divulgação de ideias racistas, do racismo institucional, e não negar a existência desse problema, mas, ‘problematiza-lo’ e se posicionar contra ele. Todas as participantes entrevistadas têm em suas falas a presença do discurso de luta, de união feminina contra o racismo.

O *Empodere-se*, além de produto final, também é um resultado de pesquisa, afinal, para chegar até ele foi necessária reflexão teórica que me fizesse caminhar até importância na promoção desse espaço de debate virtual e, porque não, presencial, como foi o caso da Oficina de Tranceiras. As leituras teóricas realizadas ajudaram na seleção de perguntas que melhor enfatizaria o processo de empoderamento feminino das participantes, mostrando resumidamente como a vida e as ações dela são inspiradoras para mudanças e para a luta.

Diversas vezes, demarquei a presença ideológica de um Feminismo Negro e uma luta antirracista na escrita deste memorial, tudo isso, perpassado pela ideia que de é através da palavra, da voz, do discurso, que se reforça essa luta e que liga aqueles que ainda não estão refletindo sobre o assunto, ao centro da discussão. Acredito que o *blog* tem essa característica: aproximar pessoas (principalmente, o público alvo: mulheres negras) de diferentes origens e com diferentes formas de luta em prol de um bem comum a todas: empoderar-se e empoderar outras mulheres negras.

Comprovando isso, mesmo sem ter uma divulgação em uma grande mídia, consegui um número considerável de acesso conforme publicava as matérias. Percebi, pelos comentários dos leitores, que eles se interessavam pela leitura completa dos textos, pela vida das participantes. Um vídeo postado, da Jéssica Silva, o acesso foi maior. O que chama a atenção para os recursos audiovisuais que o blog oferece e que poderei explorar mais nas próximas publicações.

Referências bibliográficas

AURÉLIO. Significado de Pixaim. **Dicionário do Aurélio Online**. 2019. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/pixaim>>. Acesso em: 26 de Jul. de 2019.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Mulheres negras e violência no Brasil. **Agência Patrícia Galvão**. 2015. Disponível em <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>> Acesso em 20 abr 2019.

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai. In: **A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARBOSA, Lucia Maria de Lima. **“Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!”: Expressões de mulheres negras jovens no hip-hop baiano**. 2013. 303 p. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BASTOS, Camila Rodrigues. **Tradução, Transcrição e Feminismo negro em Alice Walker**. 2017. 161p. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura e Crítica Literária - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiana, 2017.

BASTOS. Ivana Silva. **“Mulheres iabás”: liderança, sexualidade e “transgressão” no candomblé**. 2011. 158 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

BELLO, Luciane. **Possibilidades de resiliência no estar-sendo negro: “é preciso coragem pra ter na pele a cor da noite”**. 2017. 229p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Latitudes Latinas – música e cultura latino-americana**. 20 nov 2014. Disponível em <https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-asituacao-damulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-degenero/>.

CAVALCANTE, Edilma. **Um percurso de leitura de ‘Americanah’: a experiência que empodera?**. 2017. 88p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

COSTA, Décio Bessa da. **Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social**. 2009. 348 p. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Letras Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2009.

_____; NUNES, Petrina Moreira. Discurso e Situação de Rua em Pernambuco. In.: Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: uma homenagem a Izabel Magalhães. Campinas (SP): Pontes, 2013, p. 257-287.

DEUS, Lia Maria dos Santos de. **Políticas públicas em educação para mulheres negras: da prática do falo à construção das falas**. 2011. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011.

DIJK, Teun A. van. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães (Coordenadora da tradução). Brasília: Universidade de Brasília, 2016[1992].

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. COSTA, Joice Elias (Trad.). 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Fernanda Pierangeli. **Associações e mulheres: possibilidades de (re)construção identitária e empoderamento**. 2010. 128 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de pós-graduação em Administração – Universidade Federal de Lavras, Lavras (MG), 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida (Trad.). 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GRANDRA, Alana. IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior. **Agência Brasil**. 07 mar 2018. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>>. Acesso 31 de maio de 2018, às 15h21min. s/p.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária?**. 2017. 161p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GUEDES, Claudia Rosane. **A imagem social de mulheres negras universitárias: a silhueta esculpida durante o processo de formação**. 2012. 139 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. LIBÂNIO, Ana Luiza (Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LIMA, Juliana Domingos de. 5 fatos sobre as mulheres no Brasil, segundo este estudo do Ipea. In: **Nexo**. 07 mar 2017. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/07/5-fatos-sobre-as-mulheres-no-Brasil-segundo-este-estudo-do-Ipea>> Acesso em 18 jul 2017.

MARTINS, André Ricardo Nunes. Racismo no debate da imprensa sobre a política de cotas para negros. In: **Discurso & Sociedad**, vol. 6(2). 2012. p. 389-417.

MBEMBE, Achile. As formas africanas de auto-inscrição. In: **Estudos Afro-asiáticos**, Ano 23, no 1, 2001, pp. 171-209.

MOURA, Carla de. **As Marias da Conceição: Por um ensino de História situado, decolonial e interseccional**. 2018. 197 p. Dissertação (Mestrado profissional em ensino de História) - Pós-Graduação em Ensino de História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NITAHARA, Akemi. Em 10 anos, assassinatos de mulheres negras aumentaram 15,4%. **Agência Brasil**. 06 jun 2018. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/em-10-anos-assassinatos-de-mulheres-negras-aumentaram-154>> Acesso em 20 abr 2019.

NUNES, Petrina Moreira. **Misoginia em manifestações políticas contra a presidenta Dilma Rousseff: uma análise discursiva crítica**. 2017. 39 p. Artigo (Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2017.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. **Fêmea-Matriz: A maternidade em PonciáVicêncio, de Conceição Evaristo**. 2015. 123 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, Vânia Silva. **Ara-itàn: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher...** 2016. 184 p. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: Edufba, 2013.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo. **A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – Luta, Valorização e Empoderamento**. 2017. 100 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017.

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. **Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver**. 2018. 206 p. Tese (Doutorado em Ciências – Psicologia Social) - Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Juliana. **Encrespando: o cabelo da mulher negra e suas histórias no cotidiano**. 2016. 104 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Contexto Contemporâneos e Demandas Populares - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2016.

ROCHA, José Geraldo da. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 2, t. 1. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf. Acesso em 13 de outubro de 2016.

SANTOS, Ana Cristina. **Mulheres negras, negras mulheres: ativismo na capital baiana – 1980-1991**. 2015. 185 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação Brasileira - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ‘ser negro’**: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesb; Rio de Janeiro: Pallas, 2005. p. 120.

SANTOS, Ilka Souza dos. **Narrativas de empoderamento: um olhar à ficção de Paulina Chiziane**. 2018. 106 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SANTOS, Joelma de Sales dos. **Rap, periferia e questões de gênero: histórias e representações**. 2016. 104p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, Júlio César dos. **“... Se eu fosse uma flor..” – o cinema como dispositivo tecnopoético produzindo simbólicos identitários de uma mulher negra**. 2014. 173 p. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - Universidade Federal de Goiás, Goiana, 2014.

SANTOS, Miriam Rosa. **Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra**. 2014. 117 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SENE, Rosana Aparecida Ribeiro de. **Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de Língua Inglesa na visão das/os estudantes**. 2017. 201p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

SILVA, Célia Regina. **Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Midiática: Estudo sobre a participação de jovens negras no hip-hop, a construção de identidades e sua presença na internet**. 2011. 181 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pós-Graduação em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011 (a).

SILVA, Danielle de Luna e. **Maternagens na Diáspora Amefricana: resistência e liminaridade em Amada, Compaixão e Um defeito de cor**. 2017. 171 p. Tese (Doutorado em Letras) - Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Maria Aparecida. **Trajetória de Mulheres negras líderes de movimentos sociais em Araraquara-SP: Estratégias sociais na construção de modo de vida**. 2011. 186 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011(b).

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun A. (Org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Silvana. Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e XX. In: LOPES, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). **História do negro no Brasil – escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades**. São José: Premier, 2011 (c).

SOARES, Diony Maria Oliveira. **Protagonistas impensáveis; muralha do quase; prestígio subalterno: uma trilogia inspirada por mulheres negras, visibilidades midiáticas, territórios do Rio**. 2014. 190 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SPECK, Bruno W. Mestiçagem ou pluralismo étnico? Modelos de integração nacional no Brasil e no Peru. In: **Mosaico Revista de Ciências Sociais**. v. 1. n. 2. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/ Centro de Estudos Gerais, Departamento de Ciências Sociais, 1999.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral. Número de prefeitas eleitas em 2016 é menor que 2012. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Novembro/eleicoes-2016-numero-de-prefeitas-eleitas-em-2016-e-menor-que-2012>. Acesso em 26 de maio de 2017, às 16 horas.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

VAN DIJK, Teun A. (Org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VEJA. Mulher negra ganha menos de 40% da renda de homem branco, diz Ipea. **Veja**. 11 mar 2016. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/economia/mulher-negra-ganha-menos-de-40-da-renda-de-homem-branco-diz-ipea/>>. Acesso em 20 abr 2019.

VIANA, Iara Félix. **Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer**. 2013. 217 p. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VIEIRA, Isabela. Percentual de negros em Universidade dobra, mas é inferior ao de brancos. **Agência Brasil**. 02 jun 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>>. Acesso em 30 jul 2019.

ZEGARRA, Mónica Carrillo. Ações afirmativas e afro-descendentes na América Latina: análise de discursos, contra-discursos e estratégias. In: SANTOS, Sales Augusto dos (Org.). **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2005. (p. 335-357). p. 338.

Apêndices

Apêndice A - Entrevista com Pandora Ravenna

((Após a Oficina de Tranceira, conversávamos e iniciamos a entrevista após explicação sobre o projeto de pesquisa))

Empodere-se: Vamos lá, todo mundo te chama de Pandora Ravenna, mas qual é o seu nome de verdade, de batismo?

((risos))

Pandora: Meu nome... ai meu Deus! Meu nome é Paloma Saúde Apolinário, natural do Espírito Santo. Sou capixaba de Vitória. Moro em Teixeira. Sou residente em Teixeira, já tem alguns anos. Vim para cá pequena, então me considero mais teixeirense do que capixaba, mesmo que, querendo ou não, minha cultura, da minha família, são de lá, mas sou daqui, (minha) família por parte de mãe é daqui, todo mundo é daqui. -- Éh:... Comecei a mexer com beleza desde novinha. -- Um ponto muito importante de ser tocado que eu deixei de falar isso com as meninas, eu trabalho desde os 12 com beleza.

Empodere-se: Fazendo o quê?

Pandora: Aos meus doze eu tive a oportunidade de trabalhar no salão de uma amiga da família e... ela me deu a oportunidade de trabalhar no salão e tudo que eu fizesse no salão de dinheiro era pra mim e para meus estudos. E nisso né, em todo o salão, ela me ensinou tudo. Ela me ensinou unha cabelo, depilação, maquiagem, éh:... química, tinturas, coloração, então, tudo isso eu aprendi e sem precisar fazer um curso, tudo que eu fiz, trabalhei, conquistei clientes dentro do salão e hoje eu trabalho com clientes dentro da minha casa com segurança, a qual eu já venho, querendo ou não, tendo uma experiência, - - porque lá a gente trabalhava com agendamento, então cada funcionário de dentro do salão tinha sua agenda e tinha seus clientes- -. Então, durante esses quatro anos que eu trabalhei dos 12 aos 16, eu adquirir meus clientes e passei a lidar um pouco, de uma forma diferente, com o público, porque cada um é diferente, cada pessoa é diferente, cada pensamento é diferente. Você passar 10 horas ao lado de uma pessoa que você não conheceu e você tem que saber desembolar, não é que você vai deixar de ser você, passar por cima de muita coisa, de opiniões, de gosto, de preferencia, tem que saber separar seu profissional do pessoal.

Empodere-se: Quantos anos você tem hoje?

Pandora: Eu:: eu tenho 20, daqui há um mês, dia 13 de janeiro, eu faço 21, tá perto.

((risos))

Empodere-se: E me diz uma coisa, quanto tempo faz que você mexe com tranças?

Pandora: Com tranças::... quando minha filha:: quando tava gestante dela, quando ela tava com cinco pra seis meses, eu comecei a fazer tranças em mim, depois disso, meu tempo de trabalho é o tempo de vida dela, tudo que eu fiz, que eu usei trança foi por causa dela, meu trabalho dentro de casa e tudo que eu faço hoje é por causa dela. E::: é tanto que eu não sei se eu conseguiria, tipo, trabalhar sabendo que ela tá longe. Deixar de:: ((incompreensível)). Eu acho que eu tenho que me desapegar dessa parte de ser mãe e filho trabalhar lado a lado, porque eu já fico com a cabeça: faço a trança Lívia, faço outra coisa Lívia, então, eu sempre, minha atenção é dividida entre trabalho e entre ela, então, os dois faço uma coisa que não consigo terminar.

Empodere-se: Então a trança foi uma forma de você conseguir estar ao lado de sua filha?

Pandora: - Exatamente, esse foi um dos principais objetivos.

Empodere-se: E quanto é a renda de uma trança, quanto custa uma trança, por exemplo, se eu for fazer, você vai me cobrar quanto por uma trança igual a essa sua?

Pandora: - Igual a minha 120 reais, já incluso o material e mão de obra.

Empodere-se: E quanto tempo você vai demorar fazendo?

Pandora: - Vou demorar umas dez horas fazendo, umas nove horas fazendo uma desse tamanho.

Empodere-se: Mas a complexidade de uma trança pode vim até quantas horas de serviço?

Pandora: - Eu já consegui, eu já cheguei a fazer um cabelo de quarenta e oito horas com pausas e fiz um cabelo de vinte e quatro horas direto. Comecei oito da manhã e terminei cinco da manhã.

Empodere-se: Mas vale a pena depois, quanto tempo a pessoa, a trança dura?

Pandora: Olhe:: meu prazo de durabilidade pro cliente de durabilidade é de dois meses. Mas têm pessoas que conseguem passar mais, eu não aconselho pelo fato do cuidado que a pessoa tem que tá tendo, referente ao fio, entendeu? Porque você vai ficar dois meses só lavando o

cabelo com shampoo e então isso vai fazer com que ele resseque um pouco, ele precisa um pouco mais de cuidado. A trança não estraga o cabelo, éh:: o que estraga é o cuidado que a pessoa vai ter referente ao cabelo dela.

Empodere-se: Eu reparo que algumas pessoas pegam uma empatia muito grande por você, eu ouvi você falando em um momento do curso que uma cliente sua teve a autoestima melhorada. A trança faz principalmente nas mulheres negras?

Pandora: Com certeza! Com certeza! Principalmente pessoas que estão querendo sair da química, ou querendo o cabelo bonito, mas tem vergonha de ter um cabelo do jeito que é, e usa química e acaba estragando e se ver, e não tem condições financeiras de colocar um megahair, porque é caro demais, no mínimo eu vou ter que ter dois mil, dois mil e quinhentos para ter um cabelo daquele, então a trança traz muito benefício. Você tem: beleza, qualidade, preço, entendeu? Tudo em baixo custo, entendeu?

Empodere-se: E aí melhora a autoestima de quem está na transição? ((incompreensível))

Pandora: Com certeza. Eu já tive pessoas pra mim terminar o cabelo e a pessoa me dá um abraço, de me desmontar e falar obrigada, muito obrigada, mesmo, de/eu ficar até emocionada, porque depois de horas de trabalho a pessoa vim e te pagar, e colocar na sua mão o dinheiro e saí satisfeito dali é uma coisa que não existe.

Empodere-se: Algo mais que você queira colocar, principalmente para essas meninas que estão aqui, algumas não têm uma renda e querem trabalhar com isso. O que você tem para aconselhar para elas?- - Algumas querem começar:: - - que experiência de vida

Pandora: Olhe, cada um trabalha de um jeito. Cada um tem sua qualidade. Cada um tem seu dom. Cada um tem seu toque especial. Não adianta eu querer ser melhor do que as pessoas, eu vou me colocar em um lugar, entendeu? Então esse é meu trabalho, tudo que eu consegui é por mérito meu, então, cada pessoa, - - ah, Fulano faz uma trança melhor do que Cicrano, não! Ela faz uma trança diferente- -. Não é que sua trança é ruim, sua trança é boa. É que cada um tem uma técnica. Então, vai ter gente que vai gostar, vai ter gente que não vai gostar que vai colocar o cabelo na cabeça e vai querer tirar na hora e vai ter gente que vai querer colocar o cabelo e não vai querer tirar mais, que vai dá trabalho para você enfiar na cabeça dela que ela tem que dá um tempo de descanso para a cabeça. Então tudo é questão de resistência. Você tem que resistir a uma batalha e conquistar um local e um lugar. Depois que você conquistar seu lugar ninguém toma, já era entendeu, depois que conquista, conquista.

Empodere-se: Como você conquistou muita gente já.

((risos))

Pandora: Estou tentando né.

((risos))

Apêndice B - Entrevista com Mirla

Observação: A primeira parte da entrevista foi dada por e-mail.

Empodere-se: Conte-nos sobre sua história de vida

Mirla: Nasci em Teixeira de Freitas-Ba em 13 de janeiro de 1993. Meus pais chamam-se Auvilane Santos Oliveira e Jorge de Freitas Correia, e meu irmão Jefferson Rennynson Oliveira Correia. Minha trajetória é marcada pelo pertencimento a uma família de classe baixa, de negros, também oriundos da etnia indígena. Compreendendo hoje a concepção de ancestralidade, e observo que sempre fui orientada a perceber os esforços dos que vieram antes de nós, que muito antes se estabeleceram aqui em busca de uma vida melhor, e que em suas trajetórias ajudaram a construir a região Extremo Sul. Neste sentido, nosso ensino foi sempre inspirado pela busca por melhorias através da educação, desenvolvida por nossos pais, mãe, que possui licenciatura em Biologia e é profissional de saúde graduada em enfermagem, e pai, que tem o ensino médio, possui carreira no campo da arte onde é ator, e atualmente, é guarda municipal civil. Sempre estudei em escola pública, e todo o suporte foi dado por nossos pais que incansavelmente nos auxiliava, lembro dos livros ilustrados que minha mãe se esforçou para comprar, os quais me debruçava por tantas vezes, já cansada de brincar. Esta fase da minha vida considero extremamente importante para compreender o que sou. Percebo a importância da educação na trajetória de vida da(o) indivíduo(o), ao mesmo tempo que acredito que a liberdade individual, a construção da personalidade de cada ser deva ser respeitada desde a infância. Digo isso, porque tanto eu quanto meu irmão somos distintos, e quando crianças fomos respeitados em nossa individualidade, o que fez perceber que todos os esforços de nossos pais fossem não apenas para “sermos alguém na vida”, mas para que fôssemos nós mesmos, e felizes. Dessa forma, esta sou eu, como brevemente descrita no meu Instagram: MirlaKleille, “vivendo os sinceros sorrisos”, brasileira, mulher negra, cantora, historiadora, viajante apaixonada pelo mundo e suas possibilidades.

Empodere-se: Fale sobre “enfrentamentos” e lutas pessoais enquanto mulher negra

Mirla: Acredito que ser mulher negra trouxe e traz sim peculiaridades à minha história. No entanto, posso dividir estas peculiaridades em duas grandes esferas: a da menina negra que não se amava, para a mulher negra que está aprendendo a se amar. Já adentrando minhas

principais experiências com o racismo, na infância, nas primeiras vivências aos 6 anos na escolinha, com certeza a experiência que mais me marcou, foi ser chamada de “macaca” por um garotinho, colega de classe. Sempre amei animais, adorei macaquinhos, e nunca havia pensado em ter um sentimento ruim em relação a eles, eu tive. Pensar numa criança, feliz por estar frequentando a escola pelas primeiras vezes, uma criança, que pela educação de sua mãe e seu pai, não expressava crueldade em sua personalidade, e passa a viver esse sentimento na pele, é desesperador. Foi como cheguei em casa contando a situação para minha mãe: desesperada. “Mãe, ele me chamou de macaca!” Um dos pontos mais marcantes desse momento, é lembrar do olhar desolado da minha mãe pra mim. Ainda assim, sendo forte, foi capaz de expressar uma reação de amor: “Filha, você é linda e única, não é como os outros dizem.” Hoje compreendo, minha mãe passou por tudo isso, e diferente de mim, não teve um abraço, ou uma palavra que a confortasse. Parece uma cadeia de reação sem fim. Cadeia essa que personifica marcas por toda uma vida.

Atualmente, o racismo me marca dentro de um contexto de enfrentamento, onde em diversas situações, o reconheço, e o procuro combater. Não é uma tarefa fácil, tendo em vista a experiência de uma sociedade circunscrita por uma história de racismo, sendo assim, onde todas e todos, já nascem construindo esse vírus. Apesar de ser parte disto, errando, causando mal a alguém por muitas vezes, passei minha adolescência tentando de todas as formas não fortalecer os preconceitos, afinal, eu era atingida por eles. Saí do ensino médio marcada, mas não abatida o suficiente para desistir. Aos 18 anos, passei no vestibular para estudar licenciatura em História em uma universidade pública. Nesse momento, também tive de lidar com a surpresa de que havia passado em um concurso para ser servidora pública na cidade. Foi estranho perceber que eu era plenamente capaz de não ser o que diziam sobre mim, exatamente como minha mãe havia dito. Durante o curso de História, após o acesso a diversas ideias que iam além do senso comum que tive contato praticamente durante toda a vida, me reconheci enquanto mulher negra. Até hoje, quando tenho a oportunidade de falar na escola que estudei no ensino médio, professoras(es) expressam: “infelizmente, ainda não somos inteiramente capazes de não permitir que nossas(os) estudantes precisem carregar o enfado do racismo até a fase adulta.”

O “Movimento Crespix e Cacheadix”, foi minha primeira ação antirracista após reconhecer-me negra. Assumindo meu cabelo crespo, um ato que simboliza o rompimento com distinções racistas de que nossos cabelos são feios, de “palha de aço” e demais adjetivos, me uni a companheira Jessica Silva, e desenvolvemos o projeto na cidade e região, levando a

compreensão do empoderamento negro e crespo, aonde fizemos oficinas de turbante, campanhas em comunidades carentes, em que a logística era por muitas vezes improvisada, mas que sempre se mostrava no fim rica e satisfatória. O grupo se desfez depois de um tempo, mas ainda continuei, mesmo após o término do curso de licenciatura, participando ativamente, sobretudo de projetos de arte, promovendo ações sociais, e antirracistas. Como disse no início desta entrevista, o racismo parece ser uma constante sem fim, e nos momentos mais inesperados podemos experienciá-lo, precisando agir contra isso, nem sempre sabendo como, é preciso salientar. Nesse sentido, a mulher negra no Brasil hoje ainda possui enfrentamentos a travar, caracterizados por outros formatos que querem por vezes ser velados, no entanto, permanecem insidiosos.

Empodere-se: Conte-nos sobre seu trabalho, seja ele formal, informal, do dia a dia ou do passado

Mirla: Sou cantora e professora, e encaro essas duas profissões enquanto canalização de resistência contra o racismo. Mesmo sofrendo, eu canto contra os preconceitos, e procuro lecionar contra as permanências do racismo institucional, que em parte cegam nossas(os) profissionais da educação, fazendo com que “deixem passar” os preconceitos que minimizam seres humanos, levando-os a morte por muitas vezes.

Empodere-se: Fale um pouco sobre seu ativismo pessoal enquanto mulher negra

Mirla: Atualmente, me considero uma mulher empoderada, em busca de amor próprio e auto-conhecimento constantes, são caminhos que compreendo enquanto ferramentas de empoderamento pessoal e resistência, os quais busco concentrar diuturnamente. Reconhecer-se empoderada, não é apenas entender-se capaz de combater os preconceitos, mas antes de se amar, e se conhecer. Acredito que são ferramentas de combate poderosamente eficazes, que podem romper com diversas mazelas da sociedade, isto porque quando me amo, percebo que não caibo nos rótulos que querem me destruir. E quando me conheço, sou plenamente hábil em selecionar dentro de mim, a forma certa de canalizar e combater, podendo assim auxiliar outros seres, que experimentam as dores do racismo (que são parte de minha vivência), ou qualquer outro preconceito.

Segunda entrevista. Realizada pessoalmente e gravada em áudio com perguntas complementares:

Empodere-se: Teve algum momento em sua vida que você se reconheceu como mulher negra e o quanto esse reconhecimento étnico é um diferenciador na sociedade?

Mirla: Quando eu me reconheci negra, foi na universidade, eu conheci que me inspiraram durante o processo, na própria universidade mesmo, a ‘Mariana’, ela já tinha o cabelo crespo, ‘Jéssica’ estava começando a cortar::, então isso aí começou a me inspirar também. Mas o que me fez cortar de vez foi eu me entender enquanto mulher negra. E perceber que existiam diversas negações em mim que vinham do racismo que eu sofri a vida inteira. Então eu comecei a voltar a fita, voltar ao meu passado e perceber o quanto eu sofri, com o cabelo alisa::do, perceber o quanto minha mãe gastou comigo. Perceber também que ela não tinha essa noção, talvez comprou essa ideia de que fosse algo positivo, porque eu comprei essa ideia de que era algo positivo tá assim, então, naturalmente, ela iria fazer a minha vontade. Eu tinha essa minha liberdade, então naturalmente a mãe vê que a filha não está bem, ela vai fazer o possível para ajudar. (...) Então, foi como eu entrei nessa onda de cabelo alisado.

Então, quando eu me reconheci negra esse foi um ponto principal pra perceber que eu realmente me negava. Que o cabelo crespo era um símbolo muito grande nessa questão da negação racial. Eu acho que se você entrevistar aí milhares de negros e negras esse [cabelo] será um ponto crucial.

Empodere-se: A transição é difícil?

Mirla: A transição é difícil, foi difícil. É tanto que eu não assumi meus cachos completamente, como eu te disse, eu comecei a fazer o ‘Beleza Natural’, que nada mais é do que uma química, porém, para cachear::, para deixar os cachos soltos, como elas falavam na época. E aí eu saía daqui de Teixeira com a minha mãe pra Vitória, para fazer esse processo, e voltávamos com aquele cabelo meio que mur::cho, porque eu ia gostar dele depois de dias do processo químico. – desvio temático--. Essa foi minha primeira transição, e isso é uma coisa interessante. Eu acho que a maioria das mulheres negras, elas nunca vão passar por uma transição só, porque realmente é um processo difícil você entender de vez que não é aquilo que você quer. Então, eu fiquei uns dois anos, ou dois ou três anos fazendo isso, o ‘Beleza Natural’. Isso na UNEB. Mas ainda assim, isso não diminuía o fato de eu estar combatendo o racismo e perceber o fato de eu ter assumido os meus cachos (incompreensível), que foi algo positivo. Até que eu percebi que eu tava ainda presa a um padrão, que era um padrão agora ‘moderno’, digamos assim. E porque era um padrão moderno? Porque os grandes empreendedores, as grandes empresas, elas perceberam sim que a classe C e que a população negra eram potenciais...

Empodere-se: Um novo nicho de mercado?

Mirla: um novo nicho de mercado. Então foi isso que aconteceu. Foi numa época que eu, é::: conhecia assim né, os cachos soltos, não precisa ter um crespo né. Cres:::po:::. E aí chegou o dia que eu falei assim: estou realmente cansada. Porque eu tenho gastado muito dinheiro, o cabelo já tava meio ruim já, tava fraco, eu acho que chega depois de um tempo, é química, chega depois de um tempo que o cabelo não responde mais. Começou a não responder e eu comecei a não me senti bem. Aí eu cortei de vez, que foi aquela foto com o cabelo curtinho, foi até Jéssica que cortou, e isso eu já tava no Crespa há muito tempo...

-- corte--

Empodere-se: Fale sobre o Crespas e Cacheadas, como impactou sua vida

Mirla: Eu reconheço a importância do movimento para minha vida, para meu processo enquanto mulher negra, muita coisa eu desconstruir em relação as próprias ideias que eu tinha. E essa desconstrução ela não é negativa, pelo contrário, acrescenta ainda mais, então, como eu te disse, se eu voltar atrás, eu não vou desfazer o que fiz, não, eu estava em plena evolução do meu ser e foi o que aconteceu no final, então, quando eu saí do grupo, não senti peso algum.

(...)

Apêndice C – Entrevista com Erlita

Empodere-se: Então, sinta-se a vontade para falar como quiser, de sua história de vida e todas as perguntas que eu vou fazendo. A primeira coisa que eu quero saber: como é sua história de vida, como você fez para chegar a esse lugar que é, muitas vezes, impedido para as mulheres, um lugar onde você tem voz para falar, está nas relações de poder mais ativamente, que é o espaço político?

Erlita: Eu sempre fui militante do movimento popular, do grupo de jovem da igreja católica, da minha comunidade, na escola eu sempre participei, daquele:: --tinha um representante de classe, eu sempre participei, nas funções, representantes de classe, na Escola José Felix Freitas Correia, ali no Nova América--. E, na minha comunidade, Serrinha, eu sempre participei também. Lá junto com os meus primos, que a gente morava lá. Mas eu disputei quatro eleições. Porque as pessoas acham que eu ganhei de primeira, não. Eu disputei as eleições em 96, fui a candidata mais jovem. É:: o grupo de estudantes achava que eu deveria ser candidata e eu fui candidata do PT e eu perdi as eleições por 20 votos em 96. Aí não fui candidata em 2000 e depois fui candidata em 2004. Em 2004 eu tive 400, eu acho, 402 votos. Em 2008, eu fui candidata e tive 800 e alguma coisa, não lembro mais precisamente, mas foi mais que 850 votos. Em 2012, eu tive 1400, quase mil 1500 votos, fui a vereadora mais votada, mas eu vim disputando lá detrás. Né?! E aí em 2012 fui a vereadora mais votada, fui candidata também a deputada estadual, tive quatorze mil novecentos e poucos votos, quase 15 mil votos, representando a região do extremo sul da Bahia. Depois fui reeleita vereadora, também assumi a Secretaria de Habitação no governo do doutor João Bosco, mas antes disso fui também coordenadora do Centro Social Urbano, na primeira eleição do governador Jaques Wagner, fiquei lá por 9 meses, a gente fez um trabalho muito importante naquela comunidade. E assim, por onde eu tenho passado, eu sempre participo de alguma coisa: se eu moro em uma comunidade eu participo da igreja, do grupo de jovens, e agora eu já não tenho mais idade para o grupo de jovens, mas eu participo de grupo de mulheres, grupo de oração. E a gente, e assim, eu sempre participei assim. Participei do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Fui a primeira mulher presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Teixeira de Freitas.

Empodere-se: Você nasceu aqui?

Erlita: Eu nasci era Alcobaça. Mas eu nasci na comunidade Serrinha ali perto do aeroporto, antes era município de Teixeira de Freitas. Então::, eu tenho 13 irmãos. Nós somos 13 irmãos

da mesma mãe. Meu pai teve uma filha fora do casamento, mas foi antes de casar, também criou mais três filhos, mais três pessoas ele criou. Nós somos uma família numerosa.

Empodere-se: Tem outros políticos em sua família?

Erlita: Eu sou a única política da família. Não tenho pai político, não tenho irmão político, não tenho tio político, não tem ninguém, eu sou a única pessoa política da família. Agora meu pai sempre foi militante de MDB, sempre foi de esquerda, meu pai conta história da Ditadura Militar na nossa região e eu acho que eu aprendi muito com meu pai. Minha mãe nunca gostou de política, né. Minha mãe é filha de índia com negro e nunca gostou de política, minha mãe tinha horrores a política. Minha mãe gostava muito de festas. Meu pai não. Meu pai sempre político, meu pai sempre dizia: ‘olhe, a gente tem lado na política. Você caminha com aquele que você acredita, com aquele que defende o povo, para que você possa também defender o povo junto com aquele que você caminha’. Então, eu sempre aprendi isso com ele e meu pai sempre foi do MDB.

Empodere-se: E você sempre do Partido dos Trabalhadores?

Erlita: Eu sempre do Partido dos Trabalhadores.

Empodere-se: Você acha que um partido de direita te daria essa liberdade que você tem, para falar o que você quer?

Erlita: Não. Não. Até porque minha característica, de onde eu vim, das lutas, um partido de direita não caberia. E eu não consigo também assimilar eu num partido de direita. Então, as minhas convicções, o que eu defendo, o que eu acredito é:: não::: não estão num partido de direita.

Empodere-se: Quando caiu a ficha, no meio político, ‘eu sou uma mulher negra’? Cite uma situação de racismo no meio político que tenha te marcado.

Erlita: Assim, o tipo de ‘brincadeira’, que eles, dependendo da pessoa não tem coragem de falar pra gente, principalmente para Vereadora Erlita. Eles falam na brincadeira, mas a gente sabe que é brincadei::ra, NE:::. Falar assim ‘ah, neguinha, se seu cabelo fosse liso’, cê tá entendendo?! Então assim, esses tipo de BRINCADEIRA de mau gosto. Mas eu também, em Teixeira de Freitas, eu já perdi emprego, porque eu cheguei lá e eu percebi que foi, primeiro, por causa da forma que eu estava vestida, e também pelo fato de eu ser negra.

e... ((interrupção barulho porta))

e a gente tem sofrido muito preconceito. Agora eu, eu tenho muito lutado por isso: na minha comunidade eu converso muito com as meninas, que são negras, e as minhas sobrinhas. Primeiro a gente tem que estudar, o que muda a gente é o conhecimento. E também a nossa postura, de onde a gente está. Eu falo: o jeito de você vestir, o jeito de você se comportar, você também impõe respeito nas pessoas. E eu sempre procurei muito isso. Eu tenho um primo que ele brincava comigo, porque desde novinha eu assumi compromisso. Que, às vezes a balada ai né, eu falo assim ‘eu não posso porque eu tenho um compromisso’ e ele brincava dizia assim que eu era um cacho de banana maduro. Assim, então, se levantar solta as bananas, porque eu assumia muito compromisso. Mas, assim, eu aprendi muito, né. Com as pessoas, com as pessoas que não tinham assim, conhecimento, que eu falo, científico, assim, que nunca tinha ido numa universidade. Mas essas pessoas passavam muita experiência, então diziam ‘Erlita anda por aqui, seja dessa forma’. Então assim, sempre tive participação nas comunidades rurais. Na comunidade de Arara, Comunidade do Menino Jesus, eu sempre tive presente na comunidade de lá, Cascata né. A dona Lourdinha, que é a tia do José Sergio, ela sempre fazia festa lá e ela as vezes desafiava a gente, porque, quem vai levar mais gente, e a gente organizava para que no dia de São José, que é no mês de março, dia 19 de março né, 20 de março né, era na Cascata, era referencia pra gente. Então assim, era o dia de muita festa, e a gente ia pra lá. Então assim, dona Zete, que é a mãe do Zé Sergio. Então assim, minha mãe trabalhou na Cascata, o meu pai também trabalhou na Cascata, minha família toda, os meus avôs moraram na Cascata, então a Cascata é uma referência pra gente, e a gente sempre participava lá na celebração, das coisas lá. E meu pai trabalhou lá um período e depois veio morar nos fundos do Aeroporto. Eu digo que eu conheço a historia do Aeroporto. Eu vi o Aeroporto no barro, aonde os animais, ainda cerca de arame farpado, os animais entravam lá. Então a gente conhece a história de perto, há muitas histórias que não são verdadeiras.

Empodere-se: Quais os enfrentamentos que a mulher negra hoje ainda precisa enfrentar?

Erlita: eu acho que nós ainda precisamos ocupar os espaços. As mulheres negras precisam ocupar os espaços, os espaços de poder. Espaço de decisão. Que assim, a gente escuta muito, algumas mulheres, elas se retraem. E, a discriminação racial, o preconceito, a gente vê que tem muitas mulheres negras ocupando só o serviço doméstico, em sua maioria, nós precisamos quebrar essa cerca. Nós precisamos inclusive ajudar as mulheres. Ser mais solidárias, companheiras, parceiras. E estar junto com essas mulheres denunciando. Eu falo assim, qualquer briga, qualquer coisa hoje contra a mulher, ela é minha briga, não quero nem

saber de onde veio. Eu quero estar ali junto com as mulheres, colocar o mandato nosso a disposição, eu acho que a gente tem feito pouco ainda, até porque eu acho que a gente é poucas mulheres. No mandato passado era eu e a vereadora Oneidi, só que eu e a vereadora Oneidi, nós temos perspectivas diferentes de processos de lutas, de ocupação dos espaços das mulheres, nos viemos de lugares diferentes, então eu acho que a gente não conseguiu, na Câmara, fazer um projeto unificado das mulheres. Eu lutei muito pela vinda da.. do Centro de Referência de Apoio as Mulheres, mas não foi uma luta conjunta, foi uma luta mais da vereadora Erlita com outras parceiras da sociedade. E, a gente viu muitas perdas de direitos das mulheres e eu acho assim que hoje há um reconhecimento porque houve lutas, então também houve reconhecimento, então a gente não pode ser injusta de não colocar aqui e não lembrar do ex-presidente Lula, porque foi o presidente Lula que ajudou muito as mulheres, principalmente as mulheres negras dando garantia de direitos, as cotas, que muita gente critica, mas eu falo o seguinte, que a cota ela vem reparar, né, ela vem reparar um crime que a elite brasileira cometeu principalmente com as mulheres negras, 100 anos de escravidão, no Brasil, que a gente ainda vê mulheres negras ganhando salários menor, não ocupando lugar de destaque e, as vezes, por a gente ter sofrido muito nesse período, de Ditadura Militar, dos 100 anos de escravidão, da gente ter visto a história de nossos pais e de nossas mães que sofreu muito, as vezes, as mulheres negras se intimidam também.

Empodere-se: Você é para nós, uma forma de resistência. Mas e você, Erlita, se sente uma mulher empoderada, realizada?

Erlita: eu me sinto uma mulher empoderada, mas eu acho que a gente ainda precisa muito ainda para poder ser realizar, enquanto pessoa, enquanto mulher, enquanto... eu acho que a gente precisa ainda ter nessa cidade uma mulher dos movimentos sociais fazendo a gestão de Teixeira de Freitas, governando para as mulheres de Teixeira de Freitas, e que essas mulheres venham também nos ajudar a governar essa cidade, porque até então ela só foi governada por homens, e, diga-se de passagem, homens brancos dos olhos claros, e a gente precisa dizer que nós, que nascemos nessa cidade conhecemos Teixeira de Freitas, pela sua necessidade. Conhecemos Teixeira de Freitas de onde ela quer gritar. O grito que ela quer soltar de dentro, da liberdade do seu povo. Então, as comunidades rurais que nós temos aqui, Arara, Serrinha, Menino Jesus, Batateiras, eu tive a oportunidade de conhecer essas comunidades porque eu fui dirigente sindical, e cada comunidade dessa tinha uma delegacia sindical e a gente fazia

parte. E eu surgir de uma delegacia sindical da comunidade de Serrinha, que veio se despertar do movimento sindical. E foi um período onde meu pai sofreu ameaças de perder a propriedade que ele tinha. Então, dali para cá foi que cada dia mais me encorajou a vontade de mudar, de lutar, de defender os meus, de defender a sociedade, de defender o povo que tá a margem da sociedade.

Empodere-se: Valorizar a estética negra é também uma forma de resistência?

Erlita: Com certeza. A estética, e voltado principalmente para o cabelo, eu falo que o rosto, nós temos mulheres negras lindas, lindas, lindas e eu digo o seguinte, olhe, não é o cosmético que tem que dizer o tipo de cabelo que você tem. Quem disse que a característica do cabelo é cabelo bom ou cabelo ruim, tem uma mania disso, né, ‘ah, tem que ser o cabelo alisado, que é o cabelo bom’, , e as mulheres ficam sofrendo muito, queda de cabelo, perda do couro cabeludo, nós temos problemas de saúde. E acho que o motivo da gente trazer essas mulheres, né, inclusive com autoestima, de dizer eu posso, eu quero, eu quero, eu posso e eu vou conseguir. Por isso eu sempre mantive meu cabelo, apesar de eu gostar desse cabelo assim, de também dizer para as mulheres: é aqui a vereadora, que tá no legislativo, que foi candidata a deputada, que está no meio da sociedade que se acha a tal, a poderosa, que acha que tá ali, eu e meu cabelo é assim, que pode ser o cabelo de qualquer uma mulher da comunidade rural e vocês podem e não é tao caro manter um cabelo encaracolado do jeito que é o cabelo. As vezes fica mais caro tentar deixar o cabelo liso e mudar toda a característica do seu cabelo. E eu quero fazer muito esse trabalho na comunidade. Né, a gente tem feito algumas visitas, tem conversado, mas eu acho que a gente precisa viver com essas mulheres, no dia a dia. E eu tenho dito em algumas comunidades, olhe não aceite nenhum tipo de violência, e eu sei que não é fácil pra elas, para as mulheres lá da comunidade que foram educadas para servir. E eu na minha família já quebrei muitas barreiras de sentar na mesa e dizer pras meninas junto com os meninos, olhe, ele tem esse direito e você tem o mesmo direito que ele, então a gente tem que impor isso. E dentro da família reeducar os nossos filhos para que respeite as menina, não dizer aquela frase ‘meus cabritos estão soltos, então guarde suas cabritas’, então a gente precisa educar a nossa família, a gente tem que dar exemplo em casa, ne, começar a mudar em casa.

Empodere-se: Tem mais alguma coisa que você ache importante falar, de sua vida?

Erlita: eu sou solteira até hoje, não tenho filhos, eu acho que a luta, os movimentos eu me envolvi tanto que acabei esquecendo desse outro lado, mas eu tenho paixão por criança, eu quero, to dando atenção, quero ajudar a cuidar das pessoas, acho que esse é meu papel, principalmente na politica, de estar elaborando projetos coletivos que venham dar condição melhor para as pessoas viverem. Sou técnica em agropecuária, me formei na EMARGUE, fiz Enfermagem, fiz pós-graduação em gestão e saúde pública. Eu quero fazer novos voos. Eu quero voltar a estudar, fitoterapia, estudar as plantas, para ajudar mais as pessoas que precisam, principalmente as pessoas do campo.

Apêndice D – Entrevista com Maria

Empodere-se: Você nasceu onde?

Maria: Eu nasci em Governador Valadares.

Empodere-se: Qual ano?

Maria: 1951.

Empodere-se: E como era aquela época, em tua infância?

Maria: na época em que eu nasci até a época que eu saí de lá era muito complicado.

Eu nasci, como é que a gente fala, não foi dentro de Valadares. Foi como se fosse Teixeira, ali no Duque.

Empodere-se: Área rural?

Maria: Área rural, é, não sei se o nome que dá é esse, e cabeí, criei em Governador Valadares. Só gente branca, só gente branca, cabelo liso. E eu fui enfrentar casa dos outros. Eu fiquei, fui ficando... e as humilhação, é meu Deus do céu, não pode nem comparar. Eu acho que é pior do que hoje. Porque hoje, hoje a gente ainda responde né, a gente reage e de primeiro a gente calava.

Empodere-se: Você tinha quantos anos quando começou a trabalhar?

Maria: Quando eu comecei na casa dos outros eu tinha 9 anos e sai com 19 anos, de casa dos outros. Aí vim pra Nanunque, que é Minas também, mas aí já comecei a trabalhar em firma, né.

Empodere-se: Você tinha quantos irmãos?

Maria: 5 irmaos, comigo 6.

Empodere-se: Todos estudaram?

Maria: nenhum estudou, nenhum::: Ninguém estudou.

Empodere-se: Como era o acesso a escola naquela época?

Maria: Meu Deus do céu, ninguém estudou! Foram estudando assim, igual eu, vim aprender depois de adulta já, eles também, mas pra dizer formar, terminar isso e aquilo, eu acho que

nenhum até hoje. Era até para eu ter perguntado a Lira, mas eu acho que ninguém fez nem a quarta série não. Era muito complicado.

Empodere-se: E em qual momento da sua vida você se percebeu como mulher negra e o que isso significa?

Maria: A:: eu acho que eu... eu acho não, eu tenho certeza que eu sempre tive essa consciência. Porque eu tá ali no meio deles, né, eu já com, negra, cabelo muito ruim, então já me sentia, eu sempre sabia que eu era negra, e sempre falei e também nunca escondi, e também, esconder como? Com esse cabelo? O cabelo é o que mais chamava a atenção. Cê vê que teve época que eu ficava doida né, passei até pente quente. Quen::te! Mas não é esquentado na quentura, é esquentado na brasa, pra ver se estica::va, fazia muita doidera, então. Mas sempre eu tive consciência. E, além de tudo, pra completar, que na minha família, também é negra, o meu avô é bem moreno, bem negro mesmo, na minha família e eu, dos seis filhos eu sou a mais negra.

Empodere-se: Você diz do tom da pele?

Maria: Sim, a pele, para completar. Então eu sempre soube, eu sempre sei que sou a mais negra.

Empodere-se: Você acha que isso te atrapalhou em alguma coisa na sua vida? Se tivesse nascido uma mulher branca sua vida seria diferente?

Maria: Pra dizer a verdade eu acho que era, porque as pessoas vê o branco com outros olhos. Eles têm medo do preto. Preto, tem medo, então, se eu tivesse nascido, mesmo em uma família pobre igual era, mas se eu tivesse nascida mais clara um pouquinho eu era vista com outros olhos, porque o branco sempre foi a referência para tudo.

Empodere-se: Você trabalhou em que ao longo da vida?

Maria: Eu trabalhei mais em firma né, ni café, ni eucalipto... No::sso Deus. Em eucalipto até aqui em Teixeira eu trabalhei ainda. Porque as firmas eu nem lembro o nome. A ‘Flaniba’, a ‘Belga Mineira’, essa empreiteira da ‘Deneé’, tem o nome na minha carteira, mas eu não sei o nome assim de cor, mas aí eu já fui, mesmo negra e me achando negra, mas aí pelo menos já é outro nível. Agora você em casa de família, negra, de uma família negra, o pai alcoolatra, cê tá doido... Acho que não teve ninguém no mundo mais escravizado do que eu não.

Empodere-se: Você acha que a escravidão ainda existe?

Maria: Mas meu Deus... E como existe. Existe e existe 'fêi'. ((incompreensível))

Empodere-se: Em algum momento na sua vida algum fato que marcou mais uma situação de preconceito na sua vida?

((pensando longo momento))

Maria: teve várias passagens assim, que eu não sei dizer que foi por causa da cor, de eu ser negra, ou pelo motivo também de eu ser pobre, em loja e também uma vez, tem muitos anos, acho que tem uns quarenta, tem muitos anos, eu estava grávida de Herbinho. Eu fui trabalhar num motel, procurar serviço num motel, aí a moça que me atendeu e ela falou ela falou logo 'ah, mas nós tá caçando uma pessoa aqui mais clara', ela não falou 'boa aparência', falou 'nós quer uma pessoa mais clara pra trabalhar aqui', porque é pra ficar ali pra atender, no atendimento. Aí eu respondi pra ela 'não, eu quero é na limpeza mesmo'. Aí ela tornou repeti 'não, mas nós quer uma pessoa mais clara'. E aí depois com o passar de muito tempo, aí eu fiquei conhecendo o dono mesmo do motel, que passou a ter uma amizade lá com uma pessoa e a pessoa minha amiga, e aí ele foi e arrumou pra mim trabalhar no motel por muitos tempo. Mas isso, eu ficava com isso assim, com uma vontade de contar pra ele, que é o finado Pedro, ele veio morrer aqui em Teixeira, mas eu nunca contei. Mas ela falou umas duas vezes pra mim 'não, nós quer uma clara'.

Empodere-se: A funcionária dele?

Maria: A funcionária dele.

Empodere-se: E ela era branca?

Maria: Não era branca, loira, dos olho claro, mas bem mais clara do que eu. Eu tenho ela, assim, na memória, ela parecia Marli, você não lembra né? Ela parecia um pouquinho assim com Marli. E a família dela. Ela bem magra. Com o cabelo comprido. Mas é claro que ela não falou aquilo ali, ela também empregada, mas foi autorizado por ele, por alguém, ou o próprio dono, que foi o finado Pedro.

Empodere-se: Você acha que mesmo quando as pessoas não falam, que nem ela, que prefere pessoas brancas, o racismo está ali em algum lugar?

Maria: Com cer... Uai, Tá. Ele continua tando, mas as pessoas hoje só não fala, mas continua tando. É no shopping, dependendo do restaurante... eles nem pra trabalhar eles não querem a pessoa negra. Só não fala. Porque naquele tempo, se fosse hoje, ou há uns 10 anos atrás, eu partia pra justiça né, ia procurar meus direitos, mas não, saí de lá rindo, depois ainda fui

trabalhar, trabalhei em dois motel, ele tinha lá e tinha aqui, tinha um perto de onde era o shopping. (...). Eles não gostavam. Não sei se não gostar ou se ter medo da pessoa preta, negro. Você vê que até hoje Petrina eles têm medo, tem medo do negro.

Empodere-se: Como assim?

Maria: No::ssa, quando eles olham pra uma pessoa assim que eles viram que é, nosso Deus. A pessoa ((gesticula susto)). Aí depois vai conversando e vê que é uma pessoa né, igual o menino que estava na Globo esses dias dando entrevista, porque ele, fala com as mãos, e já sofreu muito preconceito por causa da pele dele. E olhe que é bonito, altão, magro, mas quando eles olham pra cor da pele, eles ((gesticula susto)). Até hoje, quer falar que não, mas oh meu Deus. E você imagina em Valadares. Em Valadares as pessoas é muito bonita. Mas você olha pra uma pessoa assim, você pensa que ela foi pintada. É muito bonita. As mulher, os homem. Eles são muito bonito. Aquele sorriso fácil. Eles são muito bonito. Mesmo pobre, igual a nós, naquele bairro onde nós morava lá, muita gente pobre assim, mas muita gente bonita.

Empodere-se: O que é ser gente bonita?

Maria: A::, a aparência. O jeito né... a branca do cabelão, e aí chega uma negra, eu lembro que mãe fazia umas tranças, que hoje é moda, mas naquele tempo Deus que me livre, aí pro povo era uma matança, eles não gostavam não.

(...) na igreja. Eu já me vi humilhada dentro da igreja, no::ssa. Deu estar ali sentada, por isso que hoje eu sempre procuro mais o fundão, porque eu já tive que levantar do lugar pra dá pra outra pessoa sentar. Muitas humilhação, o negro ele sofre muitas humilhação.

Empodere-se: E como foi esse dia que você teve que levantar?

Maria: Era para uma mulher, eu não sei o nome dela, mas sempre eu vejo ela na São Francisco. Ela veio de lá pra cá, mas tinha mais lugar pra sentar, mas queria o meu. ‘Será que você podia dar esse lugar aí pra minha mãe?’. Eu olhei pra ela assim. ‘É porque aqui vai ficar mais perto de mim’, eu falei ‘uai, só serve esse lugar aqui?’, ela ‘é’. Aí eu levantei e fui para o outro banco, pra dá o lugar pra mãe dela. Eu achei aquilo uma humilhação. Uma humilhação muito grande.

Empodere-se: Mesmo assim você levantou?

Maria: Levantei. Sim. Eu levantei. Levantei porque dentro da igreja eu sempre procuro respeitar, mas eu achei que foi justamente, tinha muita gente assim, que eu não conhecia, e eu,

eu vi que eu era a mais preta dali. Eu acho. Eu sempre vejo ela na igreja. Eu acho que foi por causa da minha cor. E depois, conforme ela foi me vendo, como ela sempre me vê lá, sempre eu vou né, eu to indo, aí eu vi que ela se arrependeu, mas não tinha mais jeito. Palavra dita não volta atrás.

Empodere-se: O que você tem feito ao longo da vida e você considera uma atitude de resistência?

Maria: Primeiramente, Deus né. Mas eu acredito também que eu, muitas vezes eu era muito desaforada, eu mesmo sem leitura e sem sabedoria nenhuma muitas vezes eu reagia né, e eu acho que isso que me fez chegar até lá. (...) Eu também sou uma pessoa firme, vou tentando driblar algumas coisas, mas vou levando. Mas que é fácil, não é não. E acho que o que fez mesmo eu chegar até aqui, minha resistência maior que me fez chegar até aqui, foi, primeiramente, isso, que eu também levantava, na hora que eu via que já tava passando do limite eu levantava e rodava a baiana, como diz o povo, e aí foi o que mais fez eu ir levantando.

(...)

Empodere-se: E seus filhos, como foi a criação?

Maria: Com eles acho que foi melhor do que comigo, pois pelo menos eles foram para escola. Uns queriam, outros não queria, mas eu sempre colocando eles na escola. Saia pra trabalhar, mas mãe ficava com eles, outra hora colocava outra pessoa pra ficar. Mas eles iam pra escola. Eles sempre indo pra escola. Mas depois também que cresceram e também não quis mais eu também não obriguei né. Até quando eu pude obrigar eu obriguei ele a ir pra escola e trabalhar. Sempre trabalhando. Pequeninho trabalhando. Ou com o pai, ou mais o japonês, mas eles ia trabalhar. Na rua, quando ficava, era correndo, porque eu tô de olho, ficava de olho, não deixava mesmo. Acho que foi aonde também eles não caíram na bandidagem.

Empodere-se: A educação e o trabalho.

Maria: É. A educação e o trabalho. Mesmo difícil, porque era difícil você::... até pra conseguir uma vaga na escola a mãe ia não sei quantas vezes. Hoje não, o aluno mesmo, vai ele mesmo e faz, e eles que não matriculem eles não. Aquilo eu ia não sei quantas vezes, levantava de madrugada, consegui colocar eles na escola, mas, pelo menos, estudou um pouquinho.

Empodere-se: Você tinha consciência que a educação era importante.

Maria: A::, eu tinha. Porque o que eu passei né. Sem saber fazer nem o nome, então eu tinha consciência sim. Se estudasse iria ser melhor pra eles mesmo.

Empodere-se: E foi?

Maria: Tá sendo, eu acho que tá sendo. (...) Eles podem até::, como é que eu falo, não achar que foi bom né, mas foi bom. Já pensou se eu tivesse criado ele que nem eu fui criada? Sem ir pra escola, sem ir pra igreja, sem ir pra nada?

Empodere-se: Você acha que ainda existem mulheres criadas assim?

Maria: Tem. E como tem.

Empodere-se: 60 anos depois você acha que ainda tem mulheres que entregam suas filhas pra casa de família?

Maria: Petrina, pra você ver que tem mãe que vende o filho! O mundo só aumentou, mas tem gente ainda que, nosso Deus. Hoje é proibido né, de menor, não sei o quê... mas ainda tem ainda. Ainda tem gente que faz muita maldade com criança. Ô meu Deus...

Empodere-se: E o que você acha que ainda precisa fazer pra mudar a condição da mulher negra?

Maria: Hoje, Petrina, principalmente na igreja, hoje eles estão falando que é a Política, mas eu acho que não, eu acho que é, eu já com 66 anos, eu acho que o que vai mudar aí é nós mesmo, é, no caso, meus netos, bisnetos, estudar pra ter mais educação pra evitar essas coisas. Porque os políticos, principalmente essa cambada de velho que está lá, eles já tá com a cabeça feita com o que eles quer. Então esse povo que tá vindo, o que vai mudar é a educação. Não tem outra coisa não, é só a educação que vai mudar.

Empodere-se: O que as mulheres negras devem fazer pra conquistar mais espaços de poder?

Maria: principalmente, se unir, uma com a outra mulher, não ser contra a outra mulher. porque além de tudo, além de sofrer preconceito com aqueles que acham que é mais bonito, é mais poderoso. Elas também é contra elas mesmo. Eu acho que elas devem procurar se unir mais, e pronto. Pra ter mais liberdade. Andar cada vez mais de cabeça erguida.

Empodere-se: O que você acha que as mulheres que vao ler esse texto ainda precisam ouvir?

Maria: A minha opinião é essa, mas a gente não pode obrigar ninguém. Hoje também que eu vim pensar assim, hoje que eu já estou no final da vida. (...) Eu espero que eles vão mudando né, eu acho que é a gente que tem que mudar. (...)

Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA – UFSB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS –

PPGER

CAMPUS PAULO FREIRE – TEIXEIRA DE FREITAS

Você está sendo convidado para participar da pesquisa de intervenção intitulada Empoderamento da mulher negra. O documento abaixo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Se você concordar em participar desta pesquisa, será necessário o preenchimento de seus dados e assinatura na declaração para concordar com a sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma dúvida, esta pode ser esclarecida com a responsável pela pesquisa.

Obrigada pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, _____,
residente e domiciliado a Rua _____
_____, número _____,
bairro _____, cidade _____
_____, Estado _____, CEP
_____, portador da Carteira de Identidade (RG)
_____, nascido (a) em
_____/_____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário da Pesquisa “Empoderamento da mulher negra”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. A pesquisa tem a finalidade analisar o discurso sobre o empoderamento feminino negro presente nas falas de mulheres negras que residem na cidade de Teixeira de Freitas, em suas histórias de vida e/ou de ativismo pessoal em prol de outras mulheres. Bem como, também prevê a realização de oficinas, seminários e entrevistas para colher esses

- discursos e divulgar nas mídias sociais do Empodere-se, no *site*, e outros canais de comunicação entre esta pesquisa e a sociedade, como forma de valorizar essas falas femininas, sempre com acesso público e gratuito, para finalidades de pesquisa, de ensino e de registro dessas histórias, a critério da pesquisadora responsável pelo projeto.
2. A pesquisa tem como participantes mulheres negras residentes em Teixeira de Freitas, sendo um total de 10 entrevistadas e uma média de 60 participantes das oficinas e palestras que serão realizadas, totalizando, uma média de 70 participantes.
 3. A pesquisa será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas que falem sobre a história de vida e as ações das mulheres entrevistadas, bem como sobre a importância de ações que promovam o empoderamento feminino negro.
 4. Os critérios de inclusão na pesquisa são: a) mulher que se autodeclare negra ou afrodescendente, b) residente em Teixeira de Freitas e/ou distrito próximo a cidade e b) concordar em participar do estudo por livre e espontânea vontade, assinando o Termo de Consentimento livre e Esclarecido – TCLE. Serão excluídos da pesquisa aqueles que a) pessoas residentes em outra cidade, mesmo que tenham nascido em Teixeira b) não concordarem em participar do estudo por livre e espontânea vontade, assinando o TCLE.
 5. Os riscos do presente estudo estão na conduta e reação das participantes ao responderem as perguntas, no entanto almeja-se que não haja nenhum tipo de constrangimento com o assunto abordado. É importante que elas estejam cientes que será divulgado por meio de áudio, fotos e vídeos todas as entrevistas e oficinas realizadas. É importante também que elas saibam que as ações têm por objetivo mostra-las de forma positiva para a sociedade, tornando conhecida ações de mulheres negras que, por muito tempo, foram apagadas e impedidas de protagonizarem mudanças sociais.
 6. A importância da pesquisa está em dar voz para mulheres que muitas vezes são silenciadas de nossa sociedade e valorizar suas histórias pessoais, sua ancestralidade e suas ações presentes em prol de outras mulheres.
 7. Se, no transcorrer da pesquisa, eu tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar posso procurar o responsável pela pesquisa PETRINA MOREIRA NUNES no telefone (73) 999157898, ou no endereço Rua Governador Almirante Leo Ferreira, bairro Jardim Caraípe, 175, 45990-758, Teixeira de Freitas – BA.
 8. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa diretamente com a responsável pela pesquisa.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Teixeira de Freitas, Bahia, _____ de _____ de _____

(nome e assinatura)

Responsável pelo projeto: **Petrina Moreira Nunes**

Endereço para contato: Rua Governador Almirante Leo Ferreira, bairro Jardim Caraípe, 175, 45990-758, Teixeira de Freitas – BA

Telefone para contato: (73) 999157898 ou (73) 991039568

E-mail: petrinanunes2@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

CAMPUS PAULO FREIRE – TEIXEIRA DE FREITAS

Endereço: 45988-058, Praça Joana Angélica, 58 - São José, Teixeira de Freitas – BA

Tel.: (73) 32912089